



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS (CAPF)
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)



**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM
REDE NACIONAL (PROFLETRAS)**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS
UNIDADE DE PAU DOS FERROS

ABEL JÚNIOR BATISTA BARROS

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE OPINIÃO: INTERVENÇÃO
DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**

PAU DOS FERROS - RN

2024

ABEL JÚNIOR BATISTA BARROS

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE OPINIÃO: INTERVENÇÃO
DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) em Rede Nacional, Unidade Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Estudos da Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira

PAU DOS FERROS-RN

2024

A dissertação **OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE OPINIÃO: INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA**, de autoria de Abel Júnior Batista Barros, foi submetida à Banca Examinadora como requisito parcial necessário à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
(Presidente/Orientadora)

Profa. Dra. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa
Instituto Federal de Educação Tecnológica (IFPB)
(Coorientadora/Examinadora Externa)

Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
(Examinador externo)

Profa. Dra. Clécida Maria Bezerra Bessa
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)
(Suplente interna)

Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
(Suplente externa)

PAU DOS FERROS - RN

2024

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B277o Barros, Abel Júnior Batista
OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE
OPINIÃO: INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA. / Abel Júnior Batista
Barros. - Pau dos Ferros-RN, 2024.
168p.

Orientador(a): Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira.
Coorientador(a): Profa. Dra. Sayonara Abrantes de
Oliveira Uchôa.

Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Artigo de opinião. 2. Operadores argumentativos. 3.
Ensino. I. Pereira, Crígina Cibelle. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

A Deus, alfa e ômega, a Vossa Proteção. À minha mãe, Linete, ao meu pai, Abel, aos meus irmãos, sobrinhos e demais familiares.

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder saúde, alegria e determinação, por estar sempre renovando a minha fé e perseverança. Pela sua manifestação no trabalho e em minha vida.

À minha orientadora, **Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira**, e à coorientadora, **Profa. Dra. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa**, por serem apoiadoras do trabalho, acreditarem em meu potencial e sempre incentivar o andamento da pesquisa.

Aos meus professores do Mestrado Profissional em Letras (Profletras – unidade de Pau dos Ferros-RN), minha eterna gratidão por tantos conhecimentos compartilhados e pela amizade que ficará para sempre.

À coordenadora do Profletras - unidade de Pau dos Ferros-RN, , assim como ao secretário **Edneudo**, por sempre terem compartilhadas as informações **Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira** concernentes ao andamento do mestrado com zelo e muita dedicação.

Aos meus pais, Maria Linete Batista Barros e Abel Soares de Barros, porque sempre me educaram para seguir os bons princípios para a minha formação humana, e também, incentivaram-me a buscar, na Educação, o caminho para o crescimento profissional e pessoal.

Aos meus irmãos, Rafael Batista Barros e Lucenilda Soares Batista Cândido, por terem compreendido minhas ausências e minhas inquietações nos momentos de escrita deste trabalho.

Aos meus sobrinhos, Guilherme Cândido Batista, Geovanna Cândido Batista e Raelly Celina da Costa Pereira, por sempre estarem comigo nos momentos em que precisei de carinho, amor e atenção.

À minha segunda mãe, Letícia (*IN MEMORIAM*), pelo muito que fez por mim quando ainda era criança.

Aos meus amigos do Profletras da turma 8, Annielly de Brito, Célia Regina Costa, Diogo Rodrigues de Barros, Edilânia da Silva Gonçalves, Francisco de Assis Martins da Silva, Maria Bonfim Alves Cândido, Nadja Almeida Alves, Regina Maria Firmino Bezerra e Vanderlei Francisco de Lima, por todos os conhecimentos compartilhados.

Ao amigo especial Vanderlei Francisco de Lima, pelo acolhimento e por tantas dúvidas sanadas e orientações nos momentos dos trabalhos acadêmicos.

Ao amigo especial **Prof.** Inácio Francisco Teixeira Silva, por tantas contribuições para aprimorar esta pesquisa, assim como ao meu amigo, **Prof.** José Odailton Dantas, por ter sempre me apoiado ao dizer: você é capaz, você conseguirá!

“A vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderiam resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa” (Fiorin, 2022).

RESUMO

Nesta pesquisa de dissertação, buscamos analisar as contribuições dos operadores argumentativos para o direcionamento lógico-semântico no desenvolvimento da coesão e da coerência na produção de escrita e reescrita, com os alunos concluintes do Ensino Fundamental Anos Finais de uma escola pública no interior da Paraíba. Para construção do percurso, objetivamos identificar como os operadores argumentativos direcionam a articulação semântica para a produção da argumentatividade; propiciar ao discente um trabalho com escrita e reescrita do textos, de modo a contribuir com o melhoramento dos aspectos da situação de uso, recursos constitutivo, estilístico e linguístico no gênero argumentativo artigo de opinião; propiciar as estratégias argumentativas com a construção de uma tese, dos tipos de argumentos e da conclusão para ancorar o ponto de vista defendido; e situar os discentes em práticas de gênero textual de relevância social, ambiental, econômica e cultural para que os mesmos construam seus argumentos, com base em vivências reais, para sustentar uma tese na escrita argumentativa. O fornecimento de bases argumentativas voltaram-se para a defesa de pontos de vista com a temática sobre a transposição do Rio São Francisco em Cachoeira dos Índios-PB, evidenciando a importância da discussão de temas do cotidiano dos alunos. Partindo dessas considerações, acreditamos no ensino de Língua Portuguesa, ancorado na perspectiva enunciativa e discursiva, conforme a BNCC (Brasil, 2018). Como aporte teórico, buscou-se ancoragem em diversos autores como Antunes (2010; 2005; 2017), Beaugrande e Dressler (1981), Marcuschi (2008; 2002), Koch (2022), Bakhtin (2011), Drucot (1987), Koch e Elias (2016), entre outros. A metodologia está embasada em Gil (2010) e Severino (2007), caracterizando-se como uma pesquisa-ação, de natureza interventiva, com abordagem qualitativa e de cunho descritivo-interpretativa, realizada por meio de sequência didática proposto por Dolz e Sheneuwly (2004). Já a análise do *corpus* foi feita através da seleção de textos advindos da produção de dez artigos de opinião (cinco em sua versão inicial e cinco em sua versão final). Dentre os principais resultados, constatamos a regularidade de uso de grupo de operadores argumentativos que foram empregados nos textos com mais frequência e os usados com menos frequência, assim como a progressão de marcas argumentativas nos textos dos alunos após a intervenção proposta. Por fim, o produto desta dissertação consiste em um caderno pedagógico, direcionado à Educação Básica, de modo a ampliar o trabalho com os usos dos operadores argumentativos em artigos de opinião e contribuir para o desenvolvimento da argumentação em textos.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo de opinião. Operadores argumentativos. Ensino.

ABSTRACT

In this dissertation research, we sought to analyze the contributions of argumentative operators to the logical-semantic direction in the development of cohesion and coherence in the production of writing and rewriting, with students completing the Final Years of Elementary School at a public school in the interior of Paraíba. In order to construct the course, we aimed to identify how argumentative operators direct semantic articulation towards the production of argumentativeness; to provide students with work on writing and rewriting texts, in order to contribute to improving aspects of the situation of use, constitutive, stylistic and linguistic resources in the argumentative opinion article genre; providing argumentative strategies with the construction of a thesis, types of argument and conclusion to anchor the point of view defended; and placing students in textual genre practices of social, environmental, economic and cultural relevance so that they can construct their arguments, based on real experiences, to support a thesis in argumentative writing. The provision of argumentative bases focused on the defense of points of view with the theme of the transposition of the São Francisco River in Cachoeira dos Índios-PB, highlighting the importance of discussing themes from the students' daily lives. Based on these considerations, we believe in teaching Portuguese language from an enunciative and discursive perspective, in accordance with the BNCC (Brasil, 2018). As a theoretical contribution, we sought anchoring in various authors such as Antunes (2010; 2005; 2017), Beaugrande and Dressler (1981), Marcuschi (2008; 2002), Koch (2022), Bakhtin (2011), Drucot (1987), Koch and Elias (2016), among others. The methodology is based on Gil (2010) and Severino (2007), and is characterized as action research, of an interventional nature, with a qualitative and descriptive-interpretative approach, carried out using the didactic sequence proposed by Dolz and Sheneuwly (2004). The corpus was analyzed by selecting texts from the production of ten opinion articles (five in their initial version and five in their final version). Among the main results, we found the regularity of use of the groups of argumentative operators that were used more frequently in the texts and those used less frequently, as well as the progression of argumentative marks in the students' texts after the proposed intervention. Finally, the product of this dissertation consists of a pedagogical notebook, aimed at Primary Education, in order to expand the work with the use of argumentative operators in opinion articles and contribute to the development of argumentation in texts.

KEYWORDS: Opinion article. Argumentative operators. Teaching.

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

TAL - Teoria da Argumentação na Língua

NGB - Nomenclatura Gramatical Brasileira

SD - Sequência didática

LD - Livro didático

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Esboço do estado da arte.....	18
QUADRO 2	Dados do IDEB da Escola Municipal Maria Cândido de Oliveira.....	33
QUADRO 3	Estrutura composicional do artigo de opinião.....	68
QUADRO 4	Critérios para a avaliação do gênero artigo de opinião.....	74
QUADRO 5	Características do gênero artigo de opinião.....	74
QUADRO 6	Construção da tese.....	75
QUADRO 7	Tipos de argumentos.....	76
QUADRO 8	Operadores argumentativos.....	77
QUADRO 9	Estratégias para concluir a argumentação.....	77
QUADRO 10	Elaboração do roteiro da entrevista.....	78
QUADRO 11	Operadores argumentativos encontrados no <i>corpus</i> da pesquisa.....	82
QUADRO 12	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 1 - versão inicial).....	85
QUADRO 13	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 1 - versão final).....	89
QUADRO 14	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 2 - versão inicial).....	94
QUADRO 15	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 2 – versão final).....	97
QUADRO 16	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 3 - versão inicial).....	102
QUADRO 17	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 3 - versão final).....	105
QUADRO 18	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 4 - versão inicial).....	109
QUADRO 19	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 4 –	

	versão final)	112
QUADRO 20	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 5 - versão inicial).....	117
QUADRO 21	Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 5 – versão final).....	119

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Sequência didática aplicada na proposta interventiva.....	67
FIGURA 2	Aluno 1-versão inicial (A1VI).....	84
FIGURA 3	Aluno 1-versão final (A1VF).....	89
FIGURA 4	Aluno 2-versão inicial (A2VI).....	93
FIGURA 5	Aluno 2-versão final (A2VF).....	96
FIGURA 6	Aluno 3-versão inicial (A3VI).....	101
FIGURA 7	Aluno 3-versão final (A1VF).....	105
FIGURA 8	Aluno 4-versão inicial (A4VI).....	108
FIGURA 9	Aluno 4-versão final (A4VF).....	112
FIGURA 10	Aluno 5-versão inicial (A5VI).....	115
FIGURA 11	Aluno 5-versão final (A5VF).....	119

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC).....	27
2.1 LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS QUE SE COMPLEMENTAM.....	32
2.2 AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA	40
3 CONCEPÇÕES DE TEXTO E A TEXTUALIDADE	44
3.1 OS GÊNEROS E AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS.....	51
4 A ARGUMENTAÇÃO.....	58
4.1 ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS	60
4.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS TRABALHADOS PARA OBTENÇÃO DO <i>CORPUS</i> : ENTREVISTA E ARTIGO DE OPINIÃO	65
5 CAMINHO METODOLÓGICO	71
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	71
5.2 A ESCOLA E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS	71
5.2.1 Proposta de intervenção.....	72
5.2.2 Os objetivos da proposta de intervenção e da análise do corpus	73
5.2.3 Descrição das etapas da proposta de intervenção.....	73
5.2.4 Constituição do corpus e delimitação do objeto de análise.....	79
5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	80
5.4 O IMPACTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS	80
6 ANÁLISE DO <i>CÓRPUS</i>: OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS PRESENTES NA TESE, NOS TIPOS DE ARGUMENTOS E NAS ESTRATÉGIAS DE CONCLUSÃO DOS ARTIGOS DE OPINIÃO	82
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125

REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICES	132
APÊNDICE A - Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial e final dos artigos de opinião.....	132
APÊNDICE B - material escrito entregue aos alunos	133
APÊNDICE C - slides trabalhados nos módulos da sequência didática	140
APÊNDICE D - ofício solicitando a visita às obras da transposição do Rio São Francisco.	151
APÊNDICE E - termos de consentimento livre e esclarecido	152
ANEXOS.....	158
ANEXO A - artigos de opinião trabalhados durante as etapas e módulos da sequência didática	158
ANEXO B - Vídeos trabalhados durante a sequência didática.....	161
ANEXO C - atividade trabalhada no módulo 5 da sequência didática.....	164

1 INTRODUÇÃO

Nos vários momentos de nossas vidas, somos convocados a descrever, a narrar, a expor, mas, principalmente, a argumentar frente a uma situação, na defesa de uma ideia, na tomada de uma decisão política, econômica, social, filosófica, entre tantas outras nas quais somos instigados a defender um ponto de vista perante as pessoas.

Na escola, a produção dos diversos gêneros textuais inquieta os alunos, sobretudo a prática textual dos gêneros da ordem do argumentar, que deixam os discentes introspectivos, pois muitos dizem não saber discorrer, na perspectiva dessa tipologia textual, sob inúmeras alegações que vão desde não terem conhecimento de mundo suficiente, leituras embasadoras para a construção dos seus argumentos, até o motivo embasado no fato de que os professores, em especial os de Língua Portuguesa, não os preparam proficuamente para a prática argumentativa nesses gêneros.

Sob esse aspecto e considerando os documentos normativos da educação brasileira, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), é indiscutível que o ensino de Língua Portuguesa, nos últimos anos, vem passando por ressignificações, principalmente, no sentido de eleger o texto com ponto indispensável para as diversas práticas que se fazem presentes nas salas de aula da Educação Básica. Assim, diversos estudos sobre a leitura, a produção textual, a oralidade e a análise linguística estão presentes nas discussões acadêmicas e que devem cada vez mais se presentificar em nossas escolas.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa procura compreender, na Linguística Textual, a concepção de texto como uma construção sociodiscursiva decorrente das inter-relações entre autor, texto e leitor, uma vez que é preciso ‘negociação’, haja vista que o texto não é algo acabado. Ainda assim, o texto também é concebido como a expressão de algum propósito comunicativo, de caráter funcional com uma finalidade e um objetivo específico na visão de (Antunes, 2010).

Em Marcuschi (2008), ancoram-se os estudos dos gêneros textuais, uma vez que é uma área interdisciplinar que concebe os gêneros como a linguagem em funcionamento para as atividades sociais e culturais. Os gêneros, na visão desse autor, são também formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem e ainda como sendo entidades dinâmicas cujos limites e demarcação são fluidos.

Ademais, partindo do pressuposto de que a falta de coesão nos textos argumentativos são, em sua grande maioria, gerados pela ingerência no uso dos operadores argumentativos

quanto à concatenação entre orações e parágrafos e a sua significação, propomos um trabalho com a sequência didática, a partir do gênero textual artigo de opinião, por meio de módulos, através dos quais trabalhamos a inserção do aluno em uma situação na qual elaborem e executem uma entrevista para construir a argumentação, no sentido de fundamentar sua tese, perpassando pelo encadeamento lógico-semântico nas partes constitutivas do artigo de opinião.

Percebemos também que a falta de conhecimento semântico acerca dos operadores argumentativos gera uma incompletude na concatenação organizacional das orações e dos parágrafos nos textos da natureza do argumentar. Para tanto, sentimos a necessidade de trabalhar a produção textual, por meio do gênero textual/discursivo¹ ‘artigo de opinião’, por diversas razões, dentre as quais citamos algumas: são alunos concluintes do Ensino Fundamental Anos Finais e, por isso, necessitam ter uma base argumentativa para a defesa de seus pontos de vista; irão cursar o Ensino Médio e a modalidade da redação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) é o texto dissertativo-argumentativo semelhante ao artigo, por isso precisamos prepará-los neste sentido; por fim, são nas produções textuais feitas, em sala, com gêneros textuais da ordem do argumentar que vemos como são incipientes os conhecimentos de mundo, semântico, linguístico e textual por parte dos alunos. Consequentemente, este somatório de fatores dificulta a escrita no gênero artigo de opinião e, pensando assim, para este trabalho, suscitamos as seguintes questões de pesquisa:

- é possível desenvolver ações, em sala de aula, que promovam o processo de (re)escrita, no sentido de articular os operadores argumentativos na construção da direção argumentativa de modo a deixar os textos mais coesos e mais coerentes?
- Que recursos textuais, linguísticos e semânticos são necessários à construção de textos argumentativos e, portanto, devem ser trabalhados no ensino do texto?
- Quais as principais dificuldades de uso dos operadores argumentativos pelos alunos como estratégias para a consecução da coesão e coerência textual?
- Como os textos de caráter dissertativo-argumentativo se organizam no tocante à construção da tese, dos argumentos e do encaminhamento para a conclusão?

A pesquisa objetiva analisar, de modo geral, as contribuições dos operadores argumentativos para o direcionamento lógico-semântico no desenvolvimento da coesão e coerência na produção do gênero textual artigo de opinião. Como objetivos específicos,

¹ Neste trabalho, ora usaremos a expressão gênero do discurso proposta por Bakhtin (2011), ora usaremos a expressão gêneros textuais proposta por Marcuschi (2002) e a BNCC (Brasil, 2018), haja vista que as indicações teóricas que fundamentam esta discussão não têm implicância para este estudo.

temos: i) identificar como os operadores argumentativos direcionam a articulação semântica para a produção da argumentatividade; ii) propiciar ao discente um trabalho com escrita e reescrita do texto de modo a contribuir com o melhoramento dos aspectos da situação de uso, recursos constitutivo, estilístico e linguístico no gênero argumentativo artigo de opinião; iii) propiciar as estratégias argumentativas com a construção de uma tese, dos tipos de argumentos e da conclusão para ancorar o ponto de vista defendido; e, iv) situar os discentes em práticas de gênero textual de relevância social, ambiental, econômica e cultural para que os mesmos construam seus argumentos, com base em vivências reais, para sustentar uma tese na escrita argumentativa.

No contexto acadêmico, o tema renova sua relevância, fato que pode ser analisado no quadro a seguir, no qual mostramos algumas pesquisas feitas, nos últimos anos, na área da argumentação no ensino de Língua Portuguesa, com enfoque nos operadores argumentativos. Elencamos em algumas, a partir de diferentes abordagens, do ponto de vista do objeto de análise e do gênero textual escolhido. Destacamos alguns elementos essenciais para situarmos algumas pesquisas acadêmicas já concluídas.

QUADRO 1 – Esboço do estado da arte

GÊNERO ACADÊMICO	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR(RES)	PROGRAMA/ INSTITUIÇÃO	ANO
Monografia	Análise dos operadores argumentativos no livro didático do 9º ano do ensino fundamental	Jady Mirtis de Abreu Gomes Silva	Profletras/ Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – <i>campus</i> de Cajazeiras - PB	2019
Dissertação	Operadores argumentativos no artigo de opinião: uma intervenção através da sequência didática	José Vilmar Firmino	Profletras / Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - <i>campus</i> de Currais Novos - RN)	2020

Artigo científico	Operadores argumentativos em aprendizes: panorama do ensino médio	Dalmo Buzato, Débora Perugini, Elias Victor Cardoso e Isadellis Teixeira	UEaDSL (Universidade EaD Software Livre - UFMG)	2020
Dissertação	Uma análise dos operadores argumentativos em artigos de opinião no 8º ano do ensino fundamental a partir de uma sequência didática	Inacio Francisco Teixeira Silva	Profletras - Universidade Federal de Campina Grande – (UFCG) <i>campus</i> de Cajazeiras -PB	2020
Artigo científico	Operadores argumentativos em redações modelo ENEM: uma análise baseada em <i>corpus</i>	Dalmo Buzato, Elias Victor de Jesus Cardoso Machado, Priscilla Tulipa da Costa, Suelen Érica Costa da Silva	Revista Scientia Prima	2021
Artigo científico	Operadores argumentativo-discursivos na/para construção de sentidos em “O viés da burrice ou uma questão de deboche	David Christian de O. Pereira, Zelinda M. A. Pinheiro	Revista Diversitas journal	2022

Artigo científico	Práticas de análise linguística e atuação social: o trabalho com operadores argumentativos em uma perspectiva de formação cidadã	Roberta Baffa Andrade e Natália Sathler Sigiliano	Universidade Federal de Santa Maria – RS	2023
Artigo científico	Os operadores argumetativos explicativos e a habilidade de diferenciar tese de argumento no ensino de Língua Portuguesa	Marlúcia Nogueira do Nascimento, Francisco Nogueira de Sousa e Renata Pinheiro Simões Silva	Revista Docentes	2023

Fonte: elaboração própria (2024)

A monografia de Silva (2019), com o tema “Análise dos operadores argumentativos no livro didático do 9º ano do ensino fundamental”, procurou analisar como o livro didático de Língua Portuguesa aborda os operadores argumentativos. A autora frisa que os operadores são recursos corresponsivos para a construção da coesão textual e, consequentemente, orienta a argumentação no texto. O universo de pesquisa foi a coleção ‘Português Linguagens’ (2015), dos autores William Cereja e Thereza Cochar, 9ª edição do professor, publicada pela editora Saraiva. A filiação teórica buscou na Semântica Argumentativa, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores, analisar o sentido do discurso, utilizando-se do próprio aspecto linguístico do texto. A autora fez um quadro com as quatro unidades que compõem o LD (livro didático) e, das 86 atividades que compõem as seções que trabalham com textos nessa obra, 14 delas apresentam os operadores argumentativos ou conectivos. Entre essas atividades, a abordagem acontece de forma discreta, na maioria dos casos em que se

apresenta, na visão de Silva (2019).

Quanto à pesquisa de Firmino (2020), sua dissertação, com o título “Operadores argumentativos no artigo de opinião: uma intervenção através da sequência didática”, ensejou, como objeto de pesquisa, o uso dos operadores argumentativos nos textos produzidos pelos alunos do 9º ano do fundamental através do gênero textual artigo de opinião, por meio do trabalho com sequência didática. O objetivo geral foi mostrar aos alunos a importância semântica dos operadores argumentativos nas produções textuais requeridas em sala de aula. Os resultados da pesquisa foram: após a proposta de intervenção, os discentes passaram a empregar os operadores argumentativos de maneira mais articulada, evidenciando uma evolução, embora limitada, no emprego efetivo desses elementos linguísticos, manifestada na tessitura textual das produções analisadas no *corpus* desse trabalho, contribuindo assim, para uma argumentação mais concisa e, portanto, mais consistente na defesa dos pontos de vista.

O artigo científico intitulado “Operadores argumentativos em aprendizes: panorama do ensino médio”, dos autores Buzato, Perugini, Cardoso e Teixeira (2020), procurou analisar os usos dos operadores argumentativos, por meio de um questionário *on-line*, o conhecimento prévio dos estudantes de ensino médio sobre os operadores argumentativos, suas funções na argumentação textual por meio de análise empírica e quantitativa. Para a criação do questionário, foi utilizada a plataforma gratuita *Google Forms*, na qual as perguntas foram elaboradas com base em livros, manuais de gramática e artigos sobre o assunto, as questões solicitavam ao respondente a escolha de uma opção. Consequentemente, o questionário foi divulgado por meio de um *link* de acesso e compartilhado em grupos de estudos de estudantes do ensino médio conhecidos dos autores por um período de 25 dias. As análises estatísticas dos resultados foram realizadas, por meio da Linguagem de Programação R, usando um *software RStudio* para manipulação dos dados. As análises foram feitas por *scripts* que convertem para dados numéricos e tais resultados revelaram que os alunos do ensino médio apresentam dificuldades concernentes ao uso dos operadores argumentativos de modo profícuo. A pesquisa revelou também que os alunos das redes federal e particular apontaram leve vantagem quanto ao uso desses mecanismos linguísticos em relação aos discentes da rede pública analisados.

Na dissertação de mestrado denominada “Uma análise dos operadores argumentativos em artigos de opinião no 8º ano do ensino fundamental a partir de uma sequência didática”, Silva (2020) defende que os sujeitos estão sempre fazendo uso da argumentação no convívio em sociedade e, para tanto, utilizam mecanismos linguísticos, ou seja, os operadores argumentativos para a articulação argumentativa de seus discursos. Fundamentada na

Linguística Textual, nas perspectivas de Marcuschi (2008) e Koch (2005; 2011) e na Semântica Argumentativa, com Ducrot (1988; 1989) e seus colaboradores, o autor aplicou uma sequência didática proposta por Scheneuwly e Dolz (2004) e uma pesquisa metodológica caracterizada como sendo etnográfica, participante, de abordagem qualitativa, através da qual foi possível identificar os operadores argumentativos mais usados pelos alunos nos seus textos. Ainda foi possível observar os efeitos de sentido em favor da intenção argumentativa e o estabelecimento das relações semânticas assinaladas por operadores que indicavam argumentos mais fortes de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão. O universo do *corpus* da pesquisa foi constituído por meio de quinze redações, deixando perceptíveis os avanços alcançados por meio da sequência didática, no tocante às competências linguístico-semântica e leitora dos discentes.

O artigo científico publicado, em 2021, na revista '*Scientia Prima*', dos autores Buzatto, Machado, Costa e Silva intitulado "Operadores argumentativos em redações modelo ENEM: uma análise baseada em *corpus*", com metodologia de mineração de textos, recurso amplamente utilizado na Linguística Computacional e na Linguística de *Corpus*, procurou com a coleta dos textos, em um banco de redações *on-line* do site Brasil Escola, analisar quais tipos de operadores são usados com mais frequência na redações. As análises revelaram que os estudantes possuem diversos desvios no uso e na construção argumentativa e coesiva em seus textos utilizando as estruturas, ou na ausência das mesmas nas produções textuais. Esses problemas, possivelmente, têm raízes nas lacunas encontradas no ensino formal dos operadores argumentativos na educação básica e nos livros didáticos, uma vez que as estruturas são trabalhadas de forma extremamente esporádica entre os diversos assuntos abordados. Dessa maneira, os quesitos correlacionando funções semântico-discursivas e a relação dos operadores argumentativos na coesão textual e argumentação se encontram em segundo plano nas abordagens didáticas, no ensino de Língua Portuguesa, na maior parte das escolas da educação básica do Brasil.

O artigo científico intitulado "Operadores argumentativo-discursivos na/para construção de sentidos em O viés da burrice ou uma questão de deboche" dos autores David Christian de O. Pereira e Zelinda M. A. Pinheiro, publicado na Revista *Diversitas Journal*, propõe analisar a presença dos operadores/articuladores argumentativos na construção do texto "O viés da burrice ou uma questão de deboche" da colunista Marina Andrade. Os pesquisadores buscaram refletir sobre a construção do processo enunciativo, em trechos selecionados, procurando identificar o maior número de ocorrências dos operadores e as estratégias argumentativas utilizadas para à construção de sentidos. A pesquisa se aportou,

teoricamente, em: Koch (1998; 2006), sobre a teoria da enunciação; Ducrot e Anscombre (1981), teoria da argumentação na língua; em Pinheiro e Perelman (2014), sobre as técnicas discursivas; e, em Charaudeau (2014), sobre a condução argumentativa dos enunciados. As conclusões obtidas foram que, para estudar o significado linguístico, deve-se partir de um contexto extralinguístico, ou seja, pragmático, uma vez que o significado está também nas entrelinhas, no não dito, e nisso, a compreensão que os sujeitos fazem estão imbricadas em uma teia de relações sociodiscursivas, cujas estratégias persuasivas recebem influências sociais e ideológicas.

O artigo científico “Práticas de análise linguística e atuação social: o trabalho com operadores argumentativos em uma perspectiva de formação cidadã”, publicado na revista Letras do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - RS, em 2023, das autores Roberta Baffa Andrade e Natália Sathler Sigiliano, propõe promover o desenvolvimento da competência argumentativa dos estudantes e de sua atuação social por meio de um trabalho com o gênero carta aberta. A questão de pesquisa foi “Como promover a abordagem da análise linguística na escola de forma capaz de aliar o desenvolvimento de aspectos linguísticos a situação que seja significativa tanto aos estudantes quanto à formação cidadã”. A pesquisa apresentou os principais aportes teóricos em: Brasil (1998); Mendonça (2006; 2007); Geraldi (2012); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); Koch e Elias (2016), entre outros.

A análise dos dados, nas produções iniciais da carta aberta, revelou a dificuldade dos discentes saberem argumentar proficuamente, além de os operadores argumentativos usados apresentarem pouca variedade. Sendo assim, o estudo conclui que o ensino dos operadores argumentativos, por meio de uma abordagem no gênero textual carta aberta, mostrou-se produtivo quanto à ampliação do repertório argumentativo e das orientações semânticas desempenhadas pelos operadores para a construção de uma argumentação crítica dos discentes.

O artigo científico “Os operadores argumetativos explicativos e a habilidade de diferenciar tese de argumento no ensino de Língua Portuguesa”, publicado na Revista Docentes, em 2023, pelos autores Marlúcia Nogueira do Nascimento, Francisco Nogueira de Sousa e Renata Pinheiro Simões Silva, discute a relevância do valor semântico dos operadores argumentativos, os de caráter explicativo, para diferenciar tese de argumento. O objetivo foi propor uma abordagem pedagógico-reflexiva e integrativa, levando em conta a interdependência dos aspectos morfossintáticos e semânticos em proposições de caráter

argumentativo, com base teórica em Perelman e Obrechts-Tyteca (2005), Fiorin (2015) e Koch e Elias (2016). Segundo o estudo, o discente precisa estar ciente de que a conexão entre a tese e o argumento pressupõe a conjunção e, embora nem sempre explícita, a relação de justificativa e argumentação é intrínseca a essa formulação discursiva. Com isso, a pesquisa conclui que a habilidade de diferenciar tese de argumento parte das relações sintáticas e semânticas dos operadores explicativos, explícitos ou não, e que isso só ganha sentido nas práticas sociais de linguagem.

Após a análise das pesquisas que já foram concluídas sobre os operadores argumentativos, podemos perceber que os resultados convergem para a melhoria da argumentatividade nos textos quando os professores procuram trabalhar, em sala, com o uso dos operadores argumentativos a fim de mostrar o direcionamento semântico que os mesmos desempenham para a construção da argumentatividade textual. Tal prática proporciona aos discentes perceberem que a argumentação está presentificada na língua, por meio de marcas linguísticas, que se manifestam em nossos discursos orais ou escritos dos mais triviais aos mais elaborados.

A partir do olhar das pesquisas já finalizadas e do contexto educacional no qual o pesquisador encontra-se inserido, esta pesquisa de mestrado se justifica pela importância da compreensão dos operadores argumentativos, pelos alunos, como forma de ampliar os saberes necessários para a produção escrita. Para tanto, ressaltamos o interesse pelos operadores argumentativos pelo fato de que o uso no texto é fundamental à promoção de estratégias para a construção da coesão e coerência textual. Diante do exposto, trata-se de uma necessidade urgente para que os alunos consigam dissertar argumentativamente e saibam fazer uso dos operadores argumentativos de modo coerente, fundamentando o que querem dizer e/ou defender, pois, só assim, podemos concatenar as orações, os períodos e parágrafos e, por conseguinte, produzir um texto que se torne mais coeso e coerente ao contexto de produção.

A opção de recorte de trabalho com base no gênero artigo de opinião ocorre a partir de sua natureza polêmica, abordando diversos assuntos de ordem, social, econômica, política, ambiental, cultural, entre outros, que fazem parte das vivências dos discentes. Para tanto, propomos a temática da transposição do Rio São Francisco, por se tratar de um fato real presente na vida dos estudantes, visto que ocorre sua passagem no município de Cachoeira dos Índios-PB, situação que trouxe impactos dos mais diversos, desde indenizações de terras até a mudança de localidade das moradias de alguns habitantes, inclusive de alguns alunos que são participantes desta pesquisa. Estas questões perpassam por argumentos para a defesa de um posicionamento, então decidimos propor uma produção textual, por meio do gênero

denominado artigo de opinião, com um tema que faz parte da realidade dos educandos, seja direta ou indiretamente.

Quanto à estrutura deste trabalho, o capítulo 1 compõe a introdução, espaço no qual discorreremos sobre a apresentação do tema, questões de pesquisa, objetivos, justificativa, estado da arte, entre outros aspectos necessários ao entendimento global do trabalho.

No segundo capítulo, discorreremos sobre o ensino de Língua Portuguesa, embasado na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), no que concerne aos quatro eixos basilares nos quais devem se afincar as práticas pedagógicas do ensino de Língua Portuguesa, a saber: a leitura, a produção textual, a oralidade e a análise linguística. Trata-se do estabelecimento de bases, no sentido de conceber o ensino da língua em uma perspectiva enunciativa e discursiva que coloca os sujeitos no processo de interlocução para a realização das práticas sociais assumindo o texto e seus contextos para o desenvolvimento de habilidades concernentes aos quatro eixos supracitados.

Neste capítulo, abordamos os dados sobre o rendimento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), em uma fração de tempo de 2011 a 2021, na escola em que a pesquisa de mestrado foi aplicada, mostrando os principais indicadores, em porcentagens, ressaltando os aspectos nos quais os discentes apresentam maiores deficiências quanto às habilidades requeridas naquela série. Também apresentamos a definição de leitura, os objetivos dos leitores diante do texto e as estratégias de leitura na visão de Solé (1998), as concepções de língua em Antunes (2003), com a abordagem sociointeracionista e multissistêmica e, no tocante às concepções de linguagem e os tipos de ensino de língua aportamo-nos, teoricamente, em Travaglia (2009).

O terceiro capítulo versa sobre as concepções de texto sob um olhar de construção sociodiscursiva, com base em Antunes (2010; 2017); enquanto evento comunicativo, com a visão de Beaugrande e Dressler (1981); como um artefato sócio-histórico, sob a perspectiva de Marcuschi (2008). Abordamos também, neste capítulo, os fatores da textualidade, sob as perspectivas de Antunes (2005; 2017), Beaugrande e Dressler (1981), Charolles (1988) e Koch (2022). No tocante aos gêneros do discurso, discorreremos sob a perspectiva de Bakhtin (2011), através da qual autor os define como tipos relativamente estáveis de enunciados, caracterizados por um tema, um estilo e um modelo composicional e, em Marcuschi (2002), que considera os gêneros textuais como eventos maleáveis e dinâmicos atrelados às atividades socioculturais e inovações tecnológicas. Apresentamos, por fim, os tipos de sequências textuais na visão de Adam (2001) e a perspectiva sociodiscursiva e interacionista do estudo dos gêneros textuais, sob a vertente teórica de Marcuschi (2008).

No quarto capítulo, apresentamos o conceito de argumentação segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), assim como os tipos de argumentos. No olhar de Oliveira (2010), discutimos as competências gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica tão necessárias para acionarmos no ato da escrita. Neste capítulo, discursivizamos sobre a Teoria de Argumentação na Língua (TAL), proposta por Ducrot (1987) e colaboradores, no sentido de que a argumentação está presente na própria língua, por meio dos operadores argumentativos que se manifestam nos enunciados, através de conjunções, preposições, advérbios e locuções. E, por fim, as contribuições de Koch e Elias (2016), nas quais são apresentadas as relações estabelecidas pelos articuladores lógico-semânticos, no sentido de articular o conteúdo entre duas orações e marcar, nos enunciados, o direcionamento de sentido que esses operadores sinalizam.

No quinto capítulo, construímos o caminho metodológico da pesquisa, ancorado em Gil (2010) e Severino (2007), caracterizando-se como uma pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa (descritiva e interpretativa), com o método indutivo, no sentido de que os dados obtidos encaminham a uma conclusão. Ainda, trata-se de uma pesquisa construída através de uma proposta interventiva fincada no modelo de sequência didática proposto por Dolz e Sheneuwly (2004), na qual foram trabalhados os seguintes módulos: caracterização do gênero textual, construção da tese, tipos de argumentos e como os operadores argumentativos orientam, de forma profícua, a sustentação da tese e, com isso, a argumentatividade para o encaminhamento da proposta de conclusão do texto. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: uma entrevista escrita e o trabalho com a sequência didática no artigo de opinião. O produto da intervenção constituiu os textos que fazem o *corpus* para a análise.

Já o sexto capítulo é dedicado à análise do *corpus* da pesquisa, visto que o objetivo central é descrever como os alunos desenvolveram a escrita nos artigos de opinião, em sua versão inicial e final, partindo do princípio da orientação lógico-semântica dos operadores argumentativos e a frequência que são utilizados na construção da tese, nos tipos de argumentos e nas estratégias de conclusão do artigo de opinião.

Finalmente, o sétimo capítulo traz as considerações finais da pesquisa, os principais resultados encontrados à luz do *corpus* analisado, a relevância, do ponto de vista linguístico, textual e semântico, apontando a recorrência dos operadores argumentativos mais utilizados, além das contribuições práticas do presente trabalho para o ensino da Língua Portuguesa na Educação Básica e para o curso de mestrado em letras - Profletras.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC)

No dia a dia da sala de aula, nas escolas de ensino básico do Brasil, surgem muitas dificuldades que são enfrentadas por professores que sentem, de forma mais direta, os desafios que se impõem para a exequibilidade de sua prática pedagógica. Os obstáculos postos aos professores são de ordem diversa também, tais como: exíguos materiais pedagógicos que atendam, de fato, a demanda escolar; falta de investimento, por parte dos governos, em tecnologia para um trabalho na perspectiva dos multiletramentos; o escasso investimento em livros, muitas vezes, em quantidades irrisórias, além da discutível qualidade desses materiais que chegam às escolas deste país. Além disso, a falta de formação continuada que atenda às reais necessidades do professor e da escola também constitui outro dilema, uma vez que, muitas vezes, quem elabora essas propostas de formação não está no chão da escola, aspecto que constitui, entre tantos outros desafios, um gargalo à educação de qualidade nas escolas públicas brasileiras.

Diante de todas essas dificuldades que o professor, no exercício de sua prática docente, enfrenta para oferecer um ensino com qualidade, este ainda se depara com sucessivos governos que, muitas vezes, não investem o suficiente no ensino e na pesquisa. Mas, mesmo diante desses impasses, muitos docentes não se cansam de buscar um ensino produtivo para os estudantes, por meio de programas diversos, desde formações continuadas até pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*.

Os professores, no exercício de sua prática docente e, principalmente, os de Língua Portuguesa, são cobrados por documentos oficiais e, conseqüentemente, pela escola quanto ao desempenho da modalidade escrita e falada, consoante à norma padrão da língua, em sintonia com a produção textual. Já no tocante ao processo de aferição leitora e interpretativa dos alunos, de cada etapa final da educação básica, as avaliações, em nível nacional, procuram “medir” a proficiência da compreensão leitora e de interpretação textual, baseando-se em descritores que deverão ser trabalhados com o alunado, em cada série, nas escolas da rede pública e privada no Brasil.

Sendo assim, com a finalidade de orientar o ensino, no Brasil, diversos documentos norteiam a Educação Nacional. No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, na Educação Básica, a seção dedicada às Linguagens, na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), outrora afincada em outros documentos, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), concebe a língua na perspectiva enunciativo-

discursiva da linguagem e se coloca no processo de interlocução para a realização das práticas sociais, assumindo o texto e seus contextos para o desenvolvimento de habilidades norteadoras para os eixos da leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica. Para tanto, são formados os quatro eixos que fundamentam o componente de Língua Portuguesa, no sentido de direcionar para as práticas de linguagem por meio do trabalho com os gêneros textuais.

Primeiramente, o eixo da leitura, de acordo com a BNCC (Brasil, 2018), comporta práticas que decorrem da interação do leitor-ouvinte-espectador com textos escritos, orais ou multissemióticos, envolvendo a leitura de imagens estáticas ou em movimento, como também as sonorizadas que se imbricam para a fruição estética nos textos literários ou não, procurando discutir sobre temas sociais relevantes no intuito de sustentação de um ponto de vista, entre outras possibilidades. Segundo o documento, as atividades que envolvem a leitura devem concorrer para o aprimoramento de habilidades, ao longo da Educação Básica, no sentido de enriquecer o repertório de gêneros textuais e de seus campos, tais como o literário, o cotidiano, o religioso e o escolar.

Ainda na perspectiva do eixo da leitura, os textos devem aumentar a complexidade cognitiva, do Ensino Fundamental até o Médio, ensejando a diversidade de gêneros de cada campo. Esta dinâmica ocorre por meio da temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes, linguagens escolhidas, assim como das habilidades de leitura, por meio de processos mentais via recuperação de informação, até processos de compreensão, que se dá por comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferências, consubstanciando, assim, a reflexão que enseja a análise, a articulação, as apreciações e as valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas, perpassando a cultura digital e as diversas literaturas, desde o cânone, o culto, até a cultura de massa e popular, com vistas à ampliação do repertório (Brasil, 2018).

O segundo eixo é o da produção de textos, que reúne as práticas de linguagem relacionadas à autoria individual ou coletiva de textos orais, escritos ou multissemióticos com finalidades enunciativas diversas que perpassam o relatar, descrever, comentar, defender um ponto de vista ou denunciar algo, entre outras, ato que se faz por meio dos gêneros textuais mais corriqueiros até aqueles mais elaborados no ambiente escolar. A prática dos gêneros envolve reflexão e uso, que se faz sobre as condições de produção do texto, por meio de contextos e situações sociais em que se deve considerar os aspectos formais, estilísticos, temáticos, sociodiscursivos, composicionais, leitor pretendido, suporte no qual o texto vai circular, os elementos da textualidade que imbricam as relações de intertextualidade, de

coesão e coerência, principalmente, até a composição dos dados e dos argumentos que concorrem para a progressão temática do texto. Além destes aspectos mais ligados à composição, ao gênero e ao estilo dos gêneros textuais/discursivos, temos que levar em consideração outros aspectos como a ortografia, a pontuação, as concordâncias e regências, entre outros aspectos linguísticos da norma padrão sempre que o contexto de escrita exigir (Brasil, 2018).

O eixo da oralidade compreende práticas em situação oral, face a face ou não. Convém destacar ainda que, com o advento da internet, surgiram uma infinidade de novos gêneros que mesclam características de outros, envolvendo situações sociais diversas, desde aqueles mais tradicionais, como a recitação de um cordel, até aqueles que imbricam as multissemioses da linguagem verbal e não verbal. Por conseguinte, compreender a oralidade, na perspectiva da BNCC (Brasil, 2018), é considerar os recursos linguísticos e semióticos nos diversos gêneros que concorrem para os efeitos de sentido pretendidos, a exemplo do timbre, do volume, das pausas, da expressividade, da gestualidade e dos efeitos sonoros. Ademais, oralização de textos escritos devem corporificar elementos paralinguísticos e cinésicos nas diversas situações sociais em que ocorrem, além da adequação da variedade linguística para determinado contexto.

O quarto e último eixo, proposto pelo documento norteador da Educação Básica nacional, é o da análise linguística/semiótica, que compreende a análise dos processos de leitura e produção de textos, sejam orais, escritos, ou multissemióticos das materialidades textuais responsáveis pelos efeitos de sentido, as formas de composição, a situação de produção e o estilo. No tocante à linguagem verbal oral ou escrita, as formas de composição levam em conta a coesão, a coerência e a progressão temática, que é influenciada pela forma típica do gênero em questão. Nos textos propriamente orais, têm-se outros elementos intrínsecos à fala, tais como: altura, ritmo, intensidade, variedade linguística adotada e clareza de articulação. Além dos elementos paralinguísticos e cinésicos, como a gestualidade, a postura, a expressão facial, entre outros, temos ainda, a questão do estilo que implica na escolha lexical, na variedade linguística, nos aspectos morfológicos e sintáticos que devem convergir com a situação e à escolha do gênero. Enquanto isso, nas formas de composição e estilo, nos textos multissemióticos, temos que considerar aspectos de plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens estáticas; e, nas imagens dinâmicas, temos questões de montagem, movimento, ritmo, sincronização com outras linguagens.

Além dos aspectos já citados, os conhecimentos grafofônicos, ortográficos,

morfológicos, sintáticos, textuais, discursivos, sociolinguísticos e semióticos devem ser contemplados no eixo da análise linguística/semiótica ao longo do ensino fundamental como forma de oportunização de práticas de leitura/escuta e de produção de textos orais, escritos e multissemióticos que ensejam reflexões sobre a língua e as linguagens (Brasil, 2018).

As práticas de linguagem, discurso, gêneros textuais/discursivos, assim como as esferas e os campos de circulação dos discursos assumem centralidade no ensino, no intento de proporcionar aos educandos diversos conhecimentos sobre a língua, linguagem, textos, gêneros textuais/discursivos e norma-padrão, ampliando assim os letramentos em práticas sociais diversas permeadas da oralidade, escrita e por outras formas de manifestações da linguagem, consoante a BNCC (Brasil, 2018):

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/campos de atividades humanas (Brasil, 2018, p. 67).

Neste sentido, conforme exposto no documento orientador, a língua, a norma-padrão, e as linguagens devem direcionar os gêneros na produção textual em sala de aula ensejando as diversas esferas das atividades humanas, assim como deve ser propósito da escola, tarefa que cabe ao professor de Língua Portuguesa, propiciar efetivamente a produção textual, seja na modalidade escrita ou falada da língua, para o trabalho com os gêneros.

É sabível que os textos estão situados em esferas discursivas das atividades humanas, sendo esses domínios produtores de modelos da ação comunicativa, com estratégias de compreensão, que são transmitidos de geração a geração. Nesse sentido, os domínios do discurso incorporam formas de ação, reflexão e avaliação social que se cristalizam na língua, por meio dos gêneros textuais, no intento de organizar as relações de poder. Segundo Marcuschi (2008), os domínios discursivos agregam práticas da vida social e institucional do mundo religioso, jornalístico, literário, político, jurídico, entre outros, tanto na modalidade escrita da língua quanto na oral.

Além das práticas já consolidadas, a BNCC (Brasil, 2018), enquanto documento norteador da Educação Básica, também propõe outras, as chamadas linguagens contemporâneas que envolvem cada vez mais textos multissemióticos e multimidiáticos, com o sentido de produzir, configurar, disponibilizar e interagir com edição de textos, de vídeos, de áudios e de fotos que se tornam cada vez mais acessíveis na *web*. No entanto, o referido documento recomenda que tais práticas de linguagem estejam presentificadas na escola, uma

vez que o discente está imerso nestas no mundo social, não se esquecendo de observar as dimensões éticas, estéticas e políticas quanto ao uso. Diante disso, ressaltamos também a importância de a escola possibilitar e/ou reforçar a prática dos gêneros textuais/discursivos já consagrados pelo uso, tais como: a charge, o cartum, a tirinha, a notícia, a reportagem, a crônica, o artigo de opinião, entre tantos outros, mas sempre procurando fazer uma implementação/relação com os gêneros que envolvem os letramentos do mundo digital.

Por conseguinte, a BNCC (Brasil, 2018) aponta também algumas competências específicas do componente de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental. Dentre muitas, poderemos resumi-las em: uma visão de língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, apropriando-se das diversas linguagens, principalmente, do código escrito, como meio para o protagonismo social do aprendiz; a procura por vivências em práticas de leitura, de escuta e de produção de textos, sempre atentando para as interações sociais com criticidade, além do compartilhamento de informações e sentimentos; o reconhecimento da variação linguística como inerente às línguas e que usar uma variedade e um estilo de linguagem é variável, conforme a situação comunicativa, os interlocutores e o gênero do discurso/textual adotado, porque o texto é o lugar da manifestação e negociação das ideologias, valores e sentidos. E, por fim, procurar envolver o alunado em práticas de leitura literária, estimulando a fruição e o senso estético, além de propiciar as diferentes linguagens, inclusive as digitais, com as multissemioses que envolvem os textos desta natureza.

Ainda, de acordo com o documento norteador da Educação Básica (Brasil, 2018), o trabalho com os gêneros da ordem do argumentar deverá focar à análise de argumentos, dos pontos de vista manifestos nos meios de comunicação para referendar os posicionamentos éticos e críticos sobre temas diversos, tais como os que ferem os direitos humanos e ambientais, além de muitos outros da contemporaneidade. Vejamos o que recomenda esse documento, no âmbito das competências gerais de toda a Educação Básica que compõe um quadro com dez, na qual destacamos a sétima sobre a argumentação:

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, **a consciência socioambiental** e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2018, p. 7, grifo nosso).

Fica notório que o estudo da argumentação deve fazer parte dos conteúdos de Língua Portuguesa da Educação Básica para que os educandos adquiram embasamento para justificar

suas teses, por meio de dados e fontes confiáveis, assim como manifestarem seus posicionamentos sobre assuntos diversos que ensejam aspectos da vida contemporânea, com seus desafios para a convivência social, com opiniões diversas que circulam na sociedade. A seguir, discutimos sobre as concepções de leitura e escrita como práticas que se complementam.

2.1 LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS QUE SE COMPLEMENTAM

Desde tenra idade, começamos a ter contato com o mundo da escrita quando ouvimos as historinhas dos contos maravilhosos sobre os muitos personagens que fantasiam o imaginário das crianças, seja para embalar nosso sono, seja nas brincadeiras infantis. Ao começarmos a vida escolar, precisamos conhecer o código linguístico, o nosso alfabeto, objetivando juntar letras para formar sílabas, depois palavras, até chegarmos ao nível da frase e, por conseguinte, às estruturas maiores. Neste processo, iniciamos por pequenos textos com uma linguagem e vocabulário simples e, ao irmos adentrando o caminho da escolaridade formal, vamos conhecendo uma infinidade de outros textos com seus contextos e conhecimentos de mundo que são corresponsivos para alargar os horizontes de nossas leituras.

Diante do cenário de crise da leitura, na educação, foram surgindo novas formas de avaliar e promover parâmetros para o desenvolvimento de habilidades a serem requeridas para cada série e etapa da educação básica. Como exemplo, pode-se identificar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que é um indicador sintético que relaciona as taxas de aprovação escolar, obtidas no Censo Escolar, com as médias de desempenho em Língua Portuguesa e Matemática dos estudantes no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), ou seja, com a aplicação dos resultados da Prova Brasil, que é uma avaliação para fins de diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), tem-se uma conjuntura de habilidades que os discentes dominam ou não.

A Prova Brasil é aplicada para alunos de escolas públicas e privadas (estas, as que aderirem), de todo o país, desde que tenha pelo menos vinte alunos matriculados nas últimas séries da cada etapa da Educação Básica, ou seja, no 5º ano e 9º ano do ensino fundamental e 3º ano do ensino médio. É de nosso interesse, nesta dissertação, elencar dados para tecermos comparações, mesmo que simplórias, sobre a proficiência em Língua Portuguesa, uma vez que o ponto focal desta avaliação é a leitura. De acordo com os indicadores citados, os níveis de proficiência vão de zero a nove, em que, para cada nível, são requeridas determinadas

habilidades, sendo esses níveis progressivos e cumulativos, no sentido de que, além de o aluno ter que alcançar uma nova habilidade do nível seguinte, é preciso que o mesmo domine a habilidade do nível anterior.

De acordo com os dados do site do INEP (2021), a escola na qual a pesquisa do mestrado foi desenvolvida apresentou os seguintes resultados para o IDEB do 9º ano em Língua Portuguesa, do Ensino Fundamental, ao longo dos últimos dez anos.

QUADRO 2 - Dados do IDEB da Escola Municipal Maria Cândido de Oliveira

2011	2013	2015	2017	2019	2021
228.10	211.76	Não pontuou	Não pontuou	263.6	242.16

Fonte: INEP (2021)

No ano de 2021, a escola pesquisada, assim como muitas outras, estavam ainda com o ensino remoto devido à pandemia da Covid-19, mas, mesmo assim, dos 65 alunos matriculados nas turmas de 9º ano, 55 alunos vieram fazer a Prova Brasil, representando 84,62% de participação. Em uma escala de 0 a 400, o alunado ficou com a média de 242.16. Os níveis mais críticos pontuaram menos de 10% e foi do nível 5 em diante, sendo que, neste nível, os discentes não foram capazes de reconhecer a informação principal em reportagens, assim como a presença de argumentos em artigos de opinião e charges, como também a finalidade das notícias, resenhas e crônicas, que eram habilidades requeridas para este nível. No nível 6, os discentes não reconheceram o efeito de sentido de repetições de palavras e expressões, do uso de pontuação, das relações de sentido que as conjunções estabelecem em cordéis, contos e crônicas, além de não diferenciar fato de opinião em gêneros textuais da categoria do argumentar, deixando a desejar também no não reconhecimento da presença das figuras de linguagem e das variantes linguísticas. No nível 7, não localizaram informações explícitas e expressões que causam humor em contos, crônicas e artigos de opinião. E, no nível 8, não identificaram os elementos da narrativa em contos e crônicas, além da não inferenciação do sentido de palavras em poemas.

Com isso, fica notório que as habilidades requeridas, ao término do Ensino Fundamental Anos Finais, estão muito aquém do esperado. No entanto, precisamos de práticas nas quais o texto seja trabalhado de forma a abranger estas habilidades tão ambiciosas para a compreensão leitora dos alunos, sendo urgente um novo paradigma para o trabalho com o texto e com seus vários aspectos, sejam semânticos, pragmáticos ou da textualidade, pois, muitas vezes, o ensino tradicional se restringe somente aos aspectos morfológicos, sintáticos e

ortográficos, ou seja, um tipo de ensino que predomina em muitas escolas, deixando muitas lacunas para o trabalho com a leitura e a escrita na produção de textos.

Pensar em como motivar a efetivação das práticas de leitura e escrita, em sala de aula, da Educação Básica, é o grande desiderato dos docentes nos encontros de formações continuadas, nas salas de professores, nas pós-graduações ou até mesmo nas salas de aula perante os discentes. No dia a dia da nossa prática docente, questionamo-nos sobre quais temas e em quais gêneros do discurso nosso alunado sente-se motivado para o mundo da leitura com mais proficuidade e interesse. Diante desses dilemas, surgem alguns questionamentos que merecem ser analisados: a leitura poderá ser motivada por outrem, no sentido de que se possa ensinar estratégias? Ou a leitura é uma prática que só o próprio sujeito vai descobrindo com o passar dos tempos e com os interesses que introjetam para sua vida pessoal, profissional, estudantil,... ? Pensando assim, vejamos o que dizem alguns teóricos sobre a leitura.

A leitura é pórtico para a escrita no sentido de que, para escrevermos, precisamos de um repertório de conhecimentos, pois ler envolve mais do que compreender, a leitura é prazer para os sentidos e abstração do mundo dos sentidos, é experiência única e individual, no sentido de que o leitor precisa encontrar a coerência do texto e, para isso, busca o seu conhecimento prévio, sendo assim, a leitura é concebida como evento social e coletivo no pensamento de Kleiman (2016). Diante disso, acreditamos que cabe aos professores propiciar a leitura, na sala de aula, como uma prática diária, por meio de textos, em diversos gêneros textuais/discursivos. Trata-se de uma prática através da qual consolidamos um espaço para formar leitores engajados com a compreensão dos textos e, com isso, estamos conseguindo instigar a formação de escritores, até porque, para escrever, é preciso ter um repertório de leituras.

Ademais, comungamos com as ideias de Solé (1998, p. 22) sobre a definição de leitura como “[...] um processo de interação entre o texto e o leitor e, neste processo, tenta-se satisfazer/obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam sua leitura”. Nesse sentido, é necessário haver, entre o leitor e o texto, esse processo de interação para que os objetivos perante a leitura sejam alcançados. Essa concepção ainda suscita no seu âmago algumas implicações, ou seja, o envolvimento de um leitor ativo que processe e defina com quais objetivos se faz uma leitura; seja por puro prazer de saborear o conhecimento; seja para procurar uma informação sobre um fato; seja para confirmar ou refutar um conhecimento prévio, ou até mesmo para a pesquisa e, conseqüentemente, o empoderamento de um tema, enfim, são muitas as finalidades que a leitura poderá suscitar nos sujeitos leitores.

Outra implicação é de como o leitor constrói a significação do texto, não que o autor não tenha pensado no ato da escrita, no sentido que o texto deverá tomar, mas que o significado que o texto se apresenta para o leitor possa ser que não seja o mesmo que o autor do texto pretendeu causar, pois, para a compreensão do texto pelo leitor, entram em cena vários aspectos, principalmente, o conhecimento prévio do leitor e os objetivos que este tem em relação ao texto e que são diferentes para cada sujeito.

Sobre o conhecimento prévio na leitura, Kleiman (2016) afirma que é aquele conhecimento que o leitor já sabe e que foi construído ao longo de sua vida, sendo a interação entre os conhecimentos linguístico, textual e de mundo responsáveis para que o leitor possa dar sentido ao texto. Pensando assim, esses conhecimentos devem ser ativados no processo da leitura para chegarmos à compreensão leitora do texto que envolve outros conhecimentos.

O conhecimento linguístico se constitui como sendo implícito, vai desde como pronunciar as palavras do português, a compilação do vocabulário passando pela sintaxe, até chegar ao uso propriamente dito da língua. Esse tipo de conhecimento desempenha papel central no processamento do texto, sendo as palavras constituídas de significados e agrupadas em unidades frásticas que vão avivar, na mente do leitor, o prosseguimento do texto.

Outro tipo de conhecimento prévio é o textual, o qual encontramos na composição dos tipos textuais nos quais os discursos narrativos, descritivos, expositivos e argumentativos são construídos. Em vista disso, Kleiman (2016, p. 23) argumenta:

Quanto mais conhecimento textual tiver o leitor, quanto maior sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será a sua compreensão, pois, o conhecimento de estruturas textuais e de tipos de discursos determinará, em grande medida, suas expectativas em relação aos textos, expectativas essas que exercem um papel considerável na compreensão.

O conhecimento textual contribui para o usuário ampliar seu repertório de conhecimentos sobre a língua, além de possibilitar o conhecimento das estruturas linguísticas dos diversos gêneros textuais/discursivos. Esse conhecimento está imbricado no conhecimento de mundo ou enciclopédico que poderá ser adquirido, tanto formalmente como informalmente, através de nossas experiências e convívios sociais. Esse conhecimento permite uma economia e seletividade linguística, uma vez que, ao falar ou escrever, deixamos implícito aquilo que julgamos ser do conhecimento do leitor para, então, focalizar naquilo que pressupomos que não seja dominável pelo leitor.

Ao escolher que tipo de texto ler, os leitores vão em busca de informações do seu interesse que são muitas e variadas. Neste sentido, Solé (1998) apresenta alguns objetivos dos leitores frente ao texto, não que devam ser vistos em uma hierarquia, mas como realidades

que em diferentes situações e momentos ocorrem: i) a leitura para obter uma informação precisa, que se caracteriza pela seletivização de informações precisas diante de outras; ii) a leitura para seguir instruções, essa é uma prática metacognitiva, no sentido de que o leitor precisa ter o controle da própria compreensão; iii) a leitura para obtenção de uma informação de caráter geral, pois é essencial para o desenvolvimento da criticidade, uma vez que o leitor vai lendo segundo seus próprios propósitos, sabendo o que tem que ler e o que tem que se opor; iv) a leitura para aprender, ocorre quando a finalidade é ampliar o conhecimento por meio de um texto determinado; v) a leitura por prazer, é uma experiência emocional subjetiva através da qual o leitor vai criando critérios pessoais para seletivizar os textos que lê, objetivando avaliá-los e criticá-los; vi) a leitura para comunicar um texto a um auditório; vii) e a leitura em voz alta, sendo bem comum na escola em que se pretende que o aluno leia com clareza, fluência e correção quanto à pronúncia das palavras, além de respeitar a pontuação e a entoação.

A leitura, em uma perspectiva construtivista/cognitivista, na visão de Solé (1998), é possível quando o leitor possui habilidade para decodificação em que a compreensão do que se ler passa por três condições: primeiro, da clareza e coerência dos textos, isto é, da familiaridade que o leitor deverá possuir, no que concerne ao léxico, assim como a sintaxe e a coesão interna; segundo, do grau de conhecimento prévio que o leitor possui sobre o conteúdo do texto para que o novo texto seja mais facilmente entendido; e, por último, temos as estratégias de leitura que são evocadas para intensificar a compreensão e as memórias do que se lê, no sentido de compensar uma possível falha na compreensão, sendo essas estratégias concorrentes para consecução da interpretação do texto.

As estratégias de leitura, muitas vezes, são utilizadas de forma inconsciente, até o momento no qual o quê o leitor está lendo não esteja sendo mais compreendido automaticamente, isto é, quando surge um obstáculo para a interpretabilidade com algo que não corresponda às nossas expectativas, quanto ao conteúdo do texto, sendo esse momento propício ao acionamento das estratégias de compreensão textual que possuem, dentre muitas, a funções de formar leitores autônomos, permitindo, na visão de Solé (1998), a compreensão de propósitos explícitos e implícitos, no sentido de questionar o porquê e para quê tenho que ler; aportar à leitura a conhecimentos prévios do conteúdo, assim como aos aspectos do autor e do gênero do discurso em questão; prever o propósito de leitura que persigo, ou seja, o que é relevante para conseguir meu objetivo de leitura; avaliar a consistência interna do texto no sentido de observar se o texto é coerente, ou seja, se possui argumentação lógica; comprovar, ao longo do texto, por meio de recapitulação e autointerrogação, sobre o fio condutor de

sentido textual; e, por último, testar hipóteses, inferências, conclusões sobre o léxico desconhecido, assim como prever o desfecho para o texto.

A leitura é indispensável, nas aulas de Língua Portuguesa, como bem pontua a BNCC (Brasil, 2018), ao defender que as atividades de leitura ampliam o repertório de experiências, práticas e gêneros que poderão ser acessados na leitura de novos textos. Diante disso, reafirmamos que, para escrever, é necessário ao discente estar imerso de conhecimento de mundo, linguístico, dentre outros que a leitura possibilita e, com isso, no momento da escrita, o discente vai ter o que escrever.

O processo da aprendizagem escrita é uma das muitas finalidades do ensino de línguas e são muitas as motivações para essa aprendizagem na Educação Básica, que perpassa a aquisição de conhecimentos para escrever nas práticas diversas de produção nos gêneros textuais, respeitando as convenções da comunicação e da língua. Neste processo, entram os aspectos cognitivos, sociais e afetivos, que deverão ser levados em conta no processo de produção textual para assim possibilitar práticas comunicativas e culturais de usos dos textos que os discentes precisam escrever.

Sempre que vamos escrever, pensamos no que escrever, para quem escrever, com que finalidade, entre outras indagações. Diante disso, Dolz e Sheneuwly (2010) apresentam cinco operações referentes à produção textual, perante uma situação comunicativa. Primeiramente, temos que contextualizar, ou seja, interpretar a situação de comunicação de modo a produzir um texto coerente, no sentido de que o todo faça sentido na situação comunicativa. Assim, diante da sua pertinência, o texto é considerado coerente em função de sua adaptação à situação comunicativa, levando em conta os efeitos que suscita no leitor, a sua orientação argumentativa e os seus elementos coesivos.

A segunda operação diz respeito ao desenvolvimento dos conteúdos temáticos, que darão progressão semântica ao texto, exigindo assim tomadas de decisões por quem escreve, tais como: a escolha de informações; o equilíbrio entre as informações do leitor e a chegada de novas ideias, regras estas imprescindíveis para a coerência e a progressão textual; a presença ou ausência de informações, em contradição com o conhecimento de mundo do destinatário do nosso texto; a presença de elementos que se repetem para dar continuidade textual; a entrada no texto de novas informações para assegurar a progressão das informações e, por último, a ausência de contradições internas, ou seja, defender algo e, em seguida, não entrar em contradição com nossas informações para não deixar o leitor confuso quanto à veracidade informativa.

A planificação em partes é a terceira operação, sendo as sequências as partes

constitutivas de um texto, em que, ao mesmo tempo, essas partes são separadas e articuladas, e a organização delas variam de acordo com o gênero textual. Em seguida, a quarta operação para a produção textual, concerne às marcas linguísticas que são usadas na textualização representadas na escrita por parágrafos, nos sinais de pontuação e nos organizadores textuais que servem para marcar a segmentação e a conexão entre as partes de um texto. Além da conexão e da segmentação, vale ressaltar a coesão nominal, marcada no texto por anáforas que fazem retomadas a outra unidade do texto, seja interpretante ou antecedente, para ter sentido a progressão textual sem repetições de palavras. Já no tocante à coesão verbal, teremos o emprego dos tempos verbais como fornecedor de uma base temporal que permite a textualidade como um todo. Em um conto, por exemplo, o uso de verbos no pretérito imperfeito faz suscitar coisas e fatos passados; já o pretérito perfeito faz a narrativa avançar em termos do que está sendo contado (Antunes, 2003).

A quinta e última operação diz respeito à releitura/revisão e reescrita do texto que é o retorno do produtor do texto ao seu próprio texto objetivando fazer uma releitura e reescrita dos aspectos que consideram merecedores de reanálise. Com isso, sempre é profícuo outra pessoa, além do professor, ler o texto do aluno.

Além dessas operações para à produção textual, faz-se necessário pensar nas dimensões transversais da produção escrita que envolvem a sintagmatização, que é a relação e construção dos componentes da frase, no sentido da disposição das palavras nos enunciados, por exemplo, a escolha de uma palavra já implica a exclusão de outras. Outra dimensão é o que se chama de lexicalização, que é o vocabulário propriamente dito que toda língua possui, e esse é composto por um sistema aberto e um sistema fechado. No que tange ao enriquecimento vocabular de uma língua, o sistema aberto é mais profícuo, pois temos diversas normas de entradas de novas palavras no idioma, a título de exemplo, podemos citar os neologismos, que são a criação de novas palavras a partir de uma regularidade de formação que a língua possui e que, com o advento da internet, ficou bem propício esse processo.

Conjugado à produção do texto, temos ainda, nas dimensões transversais, as questões ortográficas que, ao longo da Educação Básica, vão sendo conseguidas com leituras diversas e produções escritas, não esquecendo também da importância dos aspectos gráficos, que dão ao texto a configuração geral, a paginação, a divisão do todo em blocos de parágrafos, fazendo esses aspectos facilitadores para o receptor do texto.

Outrossim, pensar em aspectos sociais, na produção do texto, é ter em mente a utilidade da produção de determinado gênero do discurso para a vida social, profissional e escolar daquele educando, pois, muitas vezes, em nossas aulas de Língua Portuguesa,

escutamos questionamentos do aluno sobre a importância de se aprender um determinado gênero. Vale salientar que o professor precisa ter noção de que o aluno precisa dominar os conhecimentos constitutivos dos gêneros textuais, tais como: a composição, o estilo e o tema, e além disso, é missão docente propiciar um repertório de leituras que ensejem diversos temas para que os discentes fiquem embasados de conhecimento de mundo e, com isso, tenham o que dizer, o que escrever (Antunes, 2003).

Consoante ao pensamento de Antunes (2003), pensar na escrita, a partir de uma visão interacionista, é supor encontro entre sujeitos para que aconteça a partilha de ideias com uma pretensão, visando a um objetivo, pois, ter o que dizer e como dizer é questão que paira no pensamento de quem deseja escrever algo e, nessa busca de construir nossos dizeres, sejam orais ou escritos, a escrita envolve etapas, partindo de decisões que devemos tomar sobre o que dizer, para que dizer, para quem dizer e como fazer. Pensando assim, o ato de escrever supõe o outro com quem dividimos nossos conhecimentos, como bem lembra Bakhtin (2006, p. 117):

Na realidade toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. [...] A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor.

Pelo exposto, o pensamento bakhtiniano nos leva a entender a escrita como prática social que exige planejamento sobre o que dizer e para quem dizer, pois, em nossos discursos, partilhamos conhecimentos diversos entre o locutor e o interlocutor.

Ainda sobre o processo de escrita, Antunes (2003) apresenta três etapas integradas e distintas sobre esse processo, nessa ordem: primeiramente, o planejamento, que é quando devemos delimitar o tema do texto, eleger objetivos, escolher o gênero, estabelecer critérios para ordenar as ideias e prever as condições dos leitores, estar firme no que vai dizer aos possíveis leitores, considerando a situação em que o texto vai circular, e não esquecendo, é claro, do estilo que o texto deverá assumir, se mais formal ou menos.

A segunda etapa é a escrita propriamente dita, é nesse momento que quem escreve tem que colocar, no papel, as suas ideias, sempre levando em conta a tomada de decisões, de ordem lexical e sintático-semântico, perante a situação comunicativa, no sentido de que o texto seja coerente e relevante. Nessa etapa, deve-se atentar para que os objetivos elencados, no planejamento, tenham sido atendidos.

A revisão e a reescrita constituem-se a terceira etapa e marca a análise e reflexão do que foi escrito para confirmar ou não se os objetivos foram cumpridos, quanto à concatenação

temática, clareza das ideias, prosseguimento temático, fidedignidade às regras da sintaxe e da semântica da língua, além dos elementos que estão na superfície textual, tais como: ortografia, pontuação, organização do texto em parágrafos.

Essas etapas da produção escrita, segundo Antunes (2003), têm ligação direta com a intervenção pedagógica aplicada nessa dissertação, pois os textos dos artigos de opinião, produzidos pelos discentes, passam por uma sequência didática, intermediados de uma produção inicial e uma sequenciação de módulos em que são trabalhados os aspectos constitutivos e estruturantes até chegar na reescrita do texto. Trata-se de um processo muito relevante para o trabalho com a Língua Portuguesa em sala de aula. Por conseguinte, apresentamos algumas discussões sobre língua e linguagem que são pertinentes para o ensino de língua materna.

2.2 AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

O processo de aprendizagem da leitura e da escrita, nas sociedades ditas modernas, é permeado por um conjunto de valores socioideológicos que parte, desde a ideia de que ler e escrever torna as pessoas mais sábias, até as possibilidades de ascensão social que o domínio da leitura e da escrita permitem. Aliadas a esses aspectos, estão questões de *status* social e de valores ideológicos, no sentido de como os sujeitos interpretam e representam suas ideias sobre as coisas que ocorrem no mundo por intermédio da linguagem e da língua.

Partindo deste contexto de discussão, os professores de língua materna são convocados a refletirem sobre a (re)significação do ensino de língua e, consequentemente, sobre a didatização dos conteúdos, sejam das teorias da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, da teoria de textos, das concepções de leitura e escrita, assim como de tantos outros assuntos que convergem para uma tomada de concepção de língua, pois, é a partir desta posição, por parte do professor, que a sua prática vai se ancorar, como bem lembra Antunes (2003, p.39, grifos da autora):

Toda atividade de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, **uma determinada concepção de língua**. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são percebidos e tudo, consequentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pelos objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo estar presente uma concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e de aprendizagem.

Nesse sentido, o professor de língua materna deve escolher que concepção de língua tomar para seus aportes teóricos e, conseqüentemente, a didatização dos conteúdos a serem ministrados. Somados a isso, a autora mencionada apresenta duas tendências sobre a percepção dos fatos da linguagem, sobre as quais se faz pertinente discorrer: primeiro, a língua sendo tomada como sistema em potencial de signos e regras desvinculada de suas condições de realização; e, uma segunda tendência, centrada na língua enquanto atividade de interação verbal entre mais de um interactante, vinculada às circunstâncias concretas de realização social, isto é, a língua-em-função, sendo esta tendência mais apropriada para trabalhar a língua sob a visão sociointeracionista.

Ademais, a concepção interacionista da linguagem toma a língua como processo, sistema em uso, que se caracteriza com a promoção e interação entre as pessoas, de forma contextualizada, seja individual ou coletivamente, consubstanciadas por regularidades textuais e discursivas da língua sob a forma da textualidade, para o que se pretende dizer na produção e interpretação do sistema em função da língua. Essa concepção interacionista, discursiva e funcionalista da língua vem do princípio de que a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, concretizadas em textos orais ou escritos como bem pontua Antunes (2003).

Outra concepção de língua é a multissistema, inserindo-se, no seu cerne, representações simbólicas do mundo físico e mental, nas quais esses multissistemas são acionados por meio de dispositivos sociocognitivos. Por sua vez, estes decorrem de nossas estratégias conversacionais, na interação social da língua falada, que molda e modela nossa capacidade de linguagem nos processos de gramaticalização, discursivização, lexicalização e semantização sobre um determinado objeto da língua.

O estudo de uma língua está sempre atrelado a uma concepção de linguagem que os sujeitos adotam para construir seus dizeres. Nesse sentido, Travaglia (2009) apresenta algumas concepções. Primeiro, a linguagem como expressão do pensamento, segundo a qual a expressão que se constrói no interior da mente e na exteriorização é apenas uma tradução, ou seja, quem não se expressa bem é porque não pensa. Nesta concepção, a enunciação é um ato individual, não afetado pelo interlocutor e nem pelas circunstâncias da situação comunicativa na qual a manifestação da linguagem acontece.

Uma segunda concepção vê a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, a língua é vista como um conjunto de signos que se combinam segundo regras que, na transmissão da mensagem, levam informação de um locutor a um receptor, sendo a língua um código convencionado a partilhar da comunicação entre as pessoas (Travaglia, 2009).

E, por último, temos uma terceira concepção que concebe a linguagem como o lugar da interação humana para a produção de efeitos de sentido entre os interlocutores em uma dada situação comunicativa interligada a um contexto sócio-histórico e ideológico. Nesta concepção, os interactantes da língua falam e ouvem, a partir de seus lugares sociais, conforme a formação imaginária que a sociedade criou para tais lugares. Por conseguinte, essas três concepções se imbricam no ato de pensar práticas de ensino de Língua Portuguesa, tomando o texto como ponto de partida e de chegada para o ensino que contemplem os gêneros textuais (Travaglia, 2009).

Considerando que as concepções de linguagem estão relacionadas às concepções de ensino, é fundamental que o professor de língua materna tenha em mente que as várias concepções de ensino de língua são determinantes, no sentido de que são complementares entre si, no intento de desenvolver um trabalho com qualidade. Sob este prisma, os PCN (Brasil, 1998) já concebiam que o ensino de Língua Portuguesa se pautasse em um trabalho que eleja o texto oral ou escrito como base, considerando a diversidade de textos que circulam na sociedade para o desenvolvimento dos conhecimentos discursivos e linguísticos que se imbricam no processo de construção e compreensão textual.

Além disso, a proposta de ensinar perpassa a noção de que tipo de ensino de língua possa ser adotado para a transmissibilidade e consecução do trabalho docente. Neste sentido, alguns estudiosos da ciência da linguagem, dos quais destacamos Travaglia (2009), apresenta que o prescritivo, no qual o aluno passa a substituir seus padrões linguísticos considerados errados por padrões considerados corretos/aceitáveis. Por este limiar, apresentam-se o ensino gramatical com determinações em vários níveis: no fonológico, com a pronúncia das palavras, no sintático, com a colocação e a concordância das palavras nas sentenças, entre outros níveis. Esse tipo de ensino de língua ainda é bem presente em nossas escolas brasileiras, objetivando ao domínio da norma culta ou padrão da língua na sua modalidade escrita.

Para esse mesmo autor, um segundo tipo de ensino de língua é o descritivo, que objetiva ao estudo da língua em sua estrutura e funcionamento, ou seja, mostrando sua forma e função na busca por desenvolver a capacidade sistemática dos fatos e dos fenômenos que cerceiam a língua enquanto uma instituição social. Esse tipo de ensino descreve a linguagem em funcionamento em uma língua particular que poderá acontecer em gramáticas descritivas de fato, mas também em gramáticas normativas, sendo feita a descrição nesta com elementos da norma padrão escrita e da prosódia também.

Um terceiro tipo de ensino de língua defendido por Travaglia (2009) é o produtivo, que objetiva ampliar os recursos linguísticos de modo a atenuar as potencialidades que os

sujeitos já adquiriram com o uso da língua materna em diversas situações e circunstâncias de que já necessitaram dialogar com os seus interactantes. Esse tipo de ensino é indicado quando se tem o intuito de ampliar a capacidade comunicativa das pessoas.

Por conseguinte, esses três tipos de ensino de língua se complementam, sendo o descritivo e, principalmente, o produtivo, o que leva os discentes a perceberem as variações linguísticas como processo natural das línguas, mas o que muitas vezes acontece, em nossas escolas, é a supervalorização do ensino prescritivo em detrimento aos demais.

Como é sabível que os fatos da língua e da linguagem só se tornam possíveis ser interpretáveis consubstanciados em formas de textos e que estes precisam dos critérios da textualidade para garantir o entendimento da tessitura textual, sendo assim, passaremos a discorrer acerca das concepções de texto e textualidade é no próximo capítulo.

3 CONCEPÇÕES DE TEXTO E A TEXTUALIDADE

Para trabalhar, nas aulas de Língua Portuguesa, com os gêneros textuais, fazem-se necessárias algumas discussões sobre concepções de texto e textualidade, uma vez que a materialidade dos gêneros se dá em forma de textos. Segundo Antunes (2010), a construção do texto sociodiscursivamente é decorrente das inter-relações entre autor, texto e leitor, já que é preciso negociação, haja vista que o texto não é algo acabado, estático. Assim, o texto é concebido como ponto de convergência para a prática de atividades de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, como também dos outros componentes curriculares, uma vez que, por meio do texto, interagimos na modalidade oral ou escrita. Disso decorre o desiderato do texto como uma expressão de algum propósito comunicativo, com uma finalidade e um objetivo específico.

Ainda conforme Antunes (2010), o texto é constituído de um propósito comunicativo com a intenção de dizer algo e se define também como uma atividade de interação social de interlocução para que nossa expressão verbal se realize em atividade, envolvendo outros atores na linguagem. A autora ainda defende que um texto se constitui por uma orientação temática e, compreendê-lo como ação verbal, implica termos um interlocutor para que o dialogismo, de fato, aconteça, pois escrevemos com um propósito, uma intencionalidade, e nisso, prevemos o outro, o real ou o fictício, além de pensar em um tema, um tópico, uma ideia central e um núcleo semântico, que lhe dá continuidade e unidade.

Alguns conhecimentos são necessários para fazermos o processamento textual, seja na fala ou na escrita: o linguístico, que compreende o lexical e o gramatical; o enciclopédico, que envolve todo o conhecimento de mundo no âmago dos cenários e modelos episódicos, conforme os padrões culturais de cada lugar e tempo imbricado no grupo social a que pertencemos; o de regularidades textuais, que incluem os tipos e gêneros textuais orais e escritos que vamos adquirindo em nossas interações de conhecimento; e, por fim, o conhecimento sociointeracional que diz respeito a como as pessoas devem se comportar nas diversas situações de interação social reguladas por normas (Antunes, 2010).

Discorrendo sobre a planificação do texto, Antunes (2017) defende que, na constituição textual, faz-se necessário imbricar os planos sintático, semântico e pragmático. O primeiro, leva em conta as regularidades textuais com os recursos gramaticais e lexicais corresponsivos pela coesão e coerência no texto; com o plano semântico, temos a exploração da polissemia, sinonímia, antonímia e hiperonímia que faz gerar diferentes efeitos de sentidos que concorrem para a progressão textual; e, por último, temos o pragmático que coaduna

conhecimentos de mundo e cultural dos interlocutores, seus propósitos comunicativos e a situação social em que ocorrem.

Outra concepção de texto pode ser vista na ótica de Beaugrande e Dressler (1981) como sendo a (re) construção do mundo, partindo da premissa que, na língua, as palavras não ganham sentido de forma isolada em fonemas, morfemas, palavras ou frases soltas, mas de uma composição de unidades de sentido ativando estratégias, expectativas e conhecimentos linguísticos. Essa concepção nos faz entender o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas (o ato verbalmente produzido), cognitivas (os conhecimentos necessários) e sociais (a situação sócio-histórica), na qual o texto é visto também como um sistema de conexões de sons, palavras, enunciados, significações e contextos, concorrendo para a multifuncionalidade e à partilha de um sistema em constante interação dos sujeitos com o mundo e à sociedade. Esses autores acrescentam que o texto é um acontecimento dependente de que alguém o interprete, em um contexto sociodiscursivo, satisfazendo as condições necessárias para a construção do sentido.

O conceito de texto pode ser aventado também, na visão de Marcuschi (2008, p. 72), apoiado na concepção bakhtiniana como “[...] um tecido estruturado, uma entidade significativa e de comunicação, um artefato sócio-histórico em que é uma (re)construção do mundo no sentido que ele refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói”. Esse conceito traz à baila o texto como uma unidade comunicativa e de sentido que se realiza no uso e no sistema. Essa visão sociointerativa de construção do texto em que as pessoas usam e partilham a língua tão precisamente com seus conhecimentos de mundo e de funcionamento da sociedade para construção de nossos dizeres em forma de textos.

Pensando assim, a Linguística Textual trouxe um novo olhar sobre as condições epistemológicas que concorrem para o que, de fato, acontece quando os sujeitos falam, ouvem, escrevem ou leem nas suas mais diversas práticas da vida social. Nesse sentido, a textualidade passou a fazer parte do estudo do texto. À luz de Antunes (2017), a textualidade é a condição que as línguas têm para ocorrerem, sob a forma de textos, sendo essa responsável por qualquer espécie de linguagem e o trabalho com o texto deve ser o foco de todo ensino de língua para essa pesquisadora. A centralidade da textualidade deve primar pelo produtor, receptor e o texto em si, em que o texto deve ser o processo que aciona aspectos cognitivos mais precisamente linguísticos no intertexto, e do acesso cognitivo pelo aspecto contextual (situacional, social, histórico e enciclopédico) exigindo conhecimentos de mundo e sociointeracionais.

Beaugrande e Dressler (1981) postulam que um texto será entendido como uma

ocorrência comunicativa que satisfaça aos critérios de textualidade. Assim, qualquer um desses critérios, quando não considerado, o texto não será comunicativo, isto quer dizer que a textualidade deverá estar presentificada como princípio organizacional e comunicativo de todo e qualquer texto. Ainda afirmam que a coesão e a coerência estão centrados no texto, a informatividade está centrada no aspecto computacional, enquanto a intertextualidade e situacionalidade ancorados no sociodiscursivo e, por fim, a intencionalidade e aceitabilidade firmados no aspecto psicológico.

No que se refere aos fatores da textualidade, Antunes (2005, p. 47) define a coesão “[...] como uma propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática”. Com isso, entendemos que a função da coesão no texto é propiciar a continuidade textual, interligando suas partes, objetivando não perder o fio de unidade que permite a sua interpretabilidade, sendo necessário saber estabelecer relações e ligações entre as diferentes unidades em um movimento de ida e volta na tessitura textual.

Ainda, consoante ao pensamento de Antunes (2005), a conexão no texto poderá ocorrer por meio de diversas relações textuais, a saber: por reiteração, que é quando um termo no texto é substituído por um item gramatical, lexical ou por uma elipse, sendo esse tipo de coesão criadora de um movimento constante de volta ao que já foi mencionado, de modo que cada palavra estará sempre ligada à outra, para trás e para frente. Ainda, segundo a autora, a coesão por reiteração se dá por: i) repetição, esta poderá ocorrer por meio de uma paráfrase, que tem a função de dizer o que foi dito antes, com outras palavras, pretendendo oferecer um esclarecimento mais específico de um ponto, sendo bem comum em textos explicativos e expositivos, além dos textos que visam à transmissão de conhecimentos; ii) paralelismo, ocorre quando dois ou mais segmentos do texto são construídos com a mesma estrutura formal, sendo a similaridade sintática responsável pela reiteração; iii) e, por último, a repetição propriamente dita, sendo um procedimento quase que inevitável, nos textos, pelo fato de representar a concentração temática do texto por meio da continuidade referencial ou da predicação.

Outrossim, a coesão por associação ocorre quando as palavras guardam uma certa relação de contiguidade semântica e, nesse caso, essa contiguidade pode surgir como determinação do próprio léxico ou pelas associações que os sujeitos fazem com o que nosso conhecimento de mundo permite. E, por fim, a coesão por conexão que opera pelo uso dos conectores, os quais desempenham a função de sequencialização de diferentes porções do texto. Esse tipo de conexão ocorre pela ligação sintático-semântica entre termos, orações,

períodos, parágrafos ou blocos supraparagráficos que tem, nas conjunções, preposições e suas locuções o papel de conectores e nisso desempenham relações de não apenas ligar ou articular segmentos, mas relevantemente a função de indicar a orientação discursivo-argumentativa que o autor pretende dar ao texto, sendo as conjunções e suas respectivas locuções portadoras da coesão para a direção de sentido (Antunes, 2005).

Outro fator da textualidade é a coerência que, segundo Antunes (2005), é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma peça comunicativa, por intermédio da interação verbal. A coerência se dá, primeiramente, no plano linguístico, já que tal plano mostra como as palavras aparecem, e também nos planos contextual, extralinguístico e pragmático, ou seja, nós, enquanto falantes, escolhemos o que dizer e como dizer, por isso ser tão profícuo o estudo de como a coerência é construída no texto, no processo de como as palavras, os períodos e os parágrafos se interligam para que o texto faça sentido, quer dizer, torne-se interpretável.

Sendo a coerência a propriedade de tornar o texto interpretável pelos interlocutores, quem está com a palavra precisa fazer-se compreender por quem ouve ou lê o que está posto para que possa recuperar os sentidos do que é dito. Trata-se, pois, de um jogo de interação e cooperação entre os interlocutores, no sentido de que as ações de linguagem são atividades colaborativas e coletivas de produção e compreensão de sentidos.

Ainda na visão de Antunes (2017), os sentidos derivam dos significados das palavras presentes no texto e dos saberes que temos guardados na memória e que são ativados conforme cada contexto. Estes, por sua vez, correspondem ao nosso conhecimento de mundo, enciclopédico e também ao repertório cultural. Dessa maneira, evidencia-se que não necessitando apenas do conhecimento linguístico, mas também e, principalmente, da relação colaborativa entre interlocutores, a partir de um contexto, de uma situação comunicativa, aliada ao conjunto de saberes já sedimentado na nossa memória.

Consoante ao pensamento de Charolles (1988), a coerência pode ser vista como uma interpretação do discurso, sendo, porém, uma atividade realizada pelo receptor do texto que atua sobre a proposta do autor. Acontece de diversas formas, fazendo-se pertinente destacar a coerência por: reiteração - que ocorre quando os elementos estão ligados formando a unidade global do texto, sendo necessário existir uma continuidade de referências e de sentidos; por progressão temática - que se dá pelo acréscimo de algo novo ao tema, ao tópico frasal, fazendo assim, o texto progredir no desenvolvimento de seu núcleo, assegurando que não vamos dizer o óbvio, uma vez que, o ouvinte/leitor espera relevância informativa; por não contradição - ocorre quando, em seu percurso, nenhum elemento semântico entra em

contradição com o que já esteja posto ou pressuposto anteriormente; e, por último, temos a coerência por associação - que prescreve que os fatos e os objetos que eles expressam estejam associados e inter-relacionados com as coisas representadas, estabelecendo que os tópicos ativados, em um texto, sejam percebidos como relacionados, constituindo relações de parte-todo, continente-conteúdo, causa-efeito e tantas outras formas de ligação das coisas do mundo. Nesse sentido, a coesão oferece a continuidade do texto, de modo que a coerência se estabelece por meio desses encadeamentos, sendo os operadores argumentativos os elementos que fazem parte do repertório da língua com a função de interligar as partes do texto determinando a orientação semântico-argumentativa.

Outro fator da textualidade diz respeito à informatividade que é o grau de novidade que os textos devem trazer, em certa medida, no sentido de que algo ‘novo’ e imprevisível seja posto aos interlocutores. Antunes (2017) propõe que o grau de informatividade de uma ação da linguagem pode variar em função da situação que acontece e a classifica em: grau mais baixo de informatividade, ocorre quando o teor de informação é zero, a exemplo de uma placa de trânsito reconhecida por uma comunidade que já partilha daquele saber com o valor pragmático implicado como adequado e ajustado a tal contexto em razão de sua funcionalidade.

Em seguida, temos o grau médio, que ocorre nos textos que trazem algum grau de complexidade, seja na forma ou no conteúdo do que está sendo dito, desde que não impeça de um não especialista compreender a continuidade do texto e que deve manter o equilíbrio das informações já conhecidas com aquelas de certa forma ‘novas’ para que o texto caminhe na progressão temática e não fique apenas nas obviedades; e, por último, o grau alto de informatividade que é mais restrito a certas situações e certos interlocutores, pois apresenta os mais altos níveis de novidades, seja na forma ou no conteúdo, gerando imprevisibilidades para a interpretação e a construção de sentidos que se dá no movimento do já estabilizado com o que chamamos de informação nova, ou seja, vai articulando nossos conhecimentos para compreensão das coisas do mundo.

No que se diz respeito à informatividade de um texto, Beaugrande e Dressler (1981) apontam alguns fatores que subjazem à prática da interação verbal, a saber: a organização do ‘mundo real’ em cujos fatos e conseqüentes crenças uma dada sociedade se apoia para construção do seu modelo de mundo. Neste sentido, espera-se que as coisas do mundo sejam ditas dentro dos padrões lexicais e gramaticais de uma língua, no qual a estruturação de informação das sentenças seja equilibrada entre conteúdos ‘novos’ e os já consolidados, no

qual o texto, em uso, deverá se adequar ao tipo e ao gênero de texto que o contexto imediato se insere e circula.

O estudo dos fatores que concorrem para a textualidade, principalmente, os que estão mais ligados à informatividade, deve buscar, na leitura de bons textos de natureza diversa, os aspectos que contribuem para elevar o teor de incorporar o não sabido pelos discentes e essa prática se faz com a leitura de textos de interesse do alunado, não deixando, é claro, de agregar outras leituras que o professor considerar pertinente para a ampliação do vocabulário, conhecimento de mundo, recursos estilísticos que apareçam por meio de metáforas, metonímias, hipérboles, antíteses, e tantas outras figuras de linguagem que irão ampliar o grau de informatividade para a atividade processual e interativa do mundo do aluno.

A intertextualidade, na visão de Koch (2022), abrange as diversas formas de inter-relações pelas quais a produção/recepção de um texto depende do conhecimento de outros textos armazenados na memória discursiva de seus interlocutores. Essa inter-relação é buscada no intuito de retomar, desenvolver, explicar, confirmar ou confrontar o que está sendo dito. Acrescente-se a esse princípio o dialogismo funcionalista-interacionista por conceber que um texto não parte do zero e que há sempre intertextualidade em menor ou maior grau, no sentido de que o texto vai se construindo como uma continuidade universal, no tempo e no espaço, de um discurso que nunca está concluído, pois se tem sempre alguma coisa a confrontar, concordar, acrescentar. No entanto, os nossos discursos estão sempre carregados dos discursos que circulam nos textos já consagrados pelo uso, seja de forma explícita ou implícita, na intenção de que, quando citamos o texto do outro, não é de forma neutra, mas sim com uma proposta definida para dele se aproximar ou se distanciar.

Para Antunes (2017), a intertextualidade é uma das propriedades constitutivas de qualquer texto, seja por remissões não declaradas a outros textos, seja por paráfrase (o dito com outras palavras) ou por alusão, sem que se façam referências indicativas da procedência do texto de origem. Sendo assim, no ato da escrita de um texto, acionamos algumas operações que envolvem a intertextualidade: a recapitulação, concerne à escolha do que trazer e do que já se sabe para o novo texto; a remontagem, que é quando se dá ao saber acumulado uma nova roupagem; e a propriedade de reenquadramento, no sentido de avançar com outras perspectivas na inserção de saberes recapitulados e reenquadrados.

Assim, buscando o princípio de ‘que tudo que se quer dizer pode ser dito’ na hora certa e no lugar exato, o fator da intertextualidade é pertinente, assim como os demais, para que os textos dialoguem com outros para confirmar ideias, refutar posições, fazer analogias intertextuais, entre tantas outras funções que usamos ao estabelecermos relações intertextuais

em nossos discursos.

A intertextualidade pode funcionar também como recurso de autoridade quando entra em jogo, na argumentação pretendida, a citação do responsável pelo o que está sendo dito, no intuito de oferecer mais credibilidade. Poderemos usar o recurso da citação direta, que é quando copiamos literalmente um trecho de um texto ou uma parte dele; ou a citação indireta, que ocorre quando usamos nossas palavras para citar os dizeres alheios.

Mais um fator da textualidade é a situacionalidade que, segundo Beaugrande e Dressler (1981), refere-se ao fato de relacionarmos o evento textual à situação social, cultural e do ambiente no qual o texto ocorre. A situacionalidade, vista como uma unidade em funcionamento, ancora-se em contextos de realização e poderá ter duas direções: primeira, da situação para o texto, na qual um conjunto de fatores tornam um texto relevante para uma situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída, tendo em vista o contexto imediato de situação e o entorno sócio-político-cultural no qual a interação está inserida. A segunda direção diz respeito ao modo como o produtor reconstrói o mundo textual, de acordo com seus propósitos, convicções e crenças, levando o interlocutor a interpretar também de acordo com seu mundo, que não precisa ser necessariamente as concepções do produtor do texto, devendo haver sempre uma mediação entre o mundo real e o construído pelo texto.

Por conseguinte, temos o fator da aceitabilidade, que diz respeito à concordância do interlocutor em entrar no jogo de atuação comunicativa e agir de acordo com suas regras, no dizer de Koch (2022). Sabemos que a comunicação humana é regida pelo princípio da cooperação que concerne na atitude dos interlocutores de aceitarem a manifestação linguística do outro como um texto coeso e coerente e que apresenta, de certa forma, relevância. A aceitabilidade está ligada à atitude do receptor que receberá, ou não, o texto como uma configuração aceitável, interpretável, ou seja, a sua ligação com o plano do sentido.

E, por fim, ainda segundo a autora supracitada, temos a intencionalidade, que concerne no que os produtores pretendem, ou seja, o que têm em mente no ato da escrita com suas intenções comunicativas. Vale destacar que o conceito de sujeito como ser independente, ou até mesmo dono do conteúdo e a-histórico, deve ser questionado na consecução da intencionalidade.

Esses critérios, como assim prefere Beaugrande e Dressler (1981), que concorrem para a textualidade, são corresponsivos para o texto ser considerado uma proposta de sentido, de modo que uns critérios são vistos como indispensáveis, tais como: coesão, coerência, informatividade e intertextualidade; e os demais ligados mais à efetivação do texto. Precisamos também fazer um adendo de que alguns pesquisadores da Linguística Textual,

embasados em uma perspectiva pragmática-cognitiva, não recomendam a distinção entre critérios centrados no texto e os centrados no usuário, pois os observam que esses critérios estão amalgamados no texto e no usuário simultaneamente. Observam também que a coerência não é apenas um fator de textualidade, mas é resultado dos outros fatores que, aliados aos mecanismos e processos de ordem cognitiva, como os conhecimentos enciclopédico, compartilhado e procedural, resultam numa construção dos usuários do texto em uma situação comunicativa.

Além dos sete elementos da textualidade propostos por Beaugrande e Dressler (1981), Charolles (1988), Antunes (2005; 2017), Koch (2022), entre outros estudiosos da Linguística Textual, somam-se às ideias de Marcuschi (1983), estudioso da Linguística do texto, que propõe que se incluam aos demais critérios da textualidade, os fatores de contextualização que são responsáveis pela ancoragem do texto a uma situação comunicativa e poderão ser: contextualizadores propriamente ditos (data, local, timbre em documentos oficiais, diagramação) e prospectivos, que permitem criar expectativas sobre o texto (nome do autor, título, início do texto). Seguiremos com a proposta para o ensino de Língua Portuguesa por meio dos gêneros do discurso/textuais e suas sequências.

3.1 OS GÊNEROS E AS SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

Nas mais diversas situações cotidianas, do mundo escolar, do trabalho, jornalístico, midiático, religioso, jurídico, entre outros, somos convocados a escrever ou falar, seja para opinar, descrever, expor, orientar, narrar ou dissertar sobre os mais diversos assuntos que compõem os mundos de nossa existência. Isto porque, em sociedade, a intenção comunicativa se concretiza por meio da utilização de um gênero textual/discursivo, seja oral, escrito ou multissemiótico.

Dialogando com os pressupostos da teoria bakhtiniana (2011, p. 262), caracteriza-se o gênero do discurso “como tipos relativamente estáveis de enunciados de natureza histórica, sociointeracional, ideológica e linguística”. Para tanto, precisamos ancorar nossa prática de leitura e (re)escrita dos textos, no dia a dia da sala de aula, nos gêneros que são sociolinguisticamente reconhecidos em sua funcionalidade, pois são formas de ação e artefatos culturais.

A concepção dos gêneros do discurso como instrumento de interação social tem a sua unidade garantida pela relação entre o elemento temático, pragmático, ou contextual (o tema); o elemento estrutural da construção textual (a composição) e as opções de expressividade (o

estilo), ressoando em Bakhtin (2011, p. 261-2), a seguinte afirmação:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação.

Neste sentido, nos estudos bakhtinianos sobre a natureza da linguagem, a tríade para composição dos gêneros do discurso se afina no tema como o conjunto de elementos externos ao texto, isto é, o falante se apropria do conteúdo temático para construir significação numa ação comunicativa. Quanto ao estilo, consiste no produto de um conjunto de opções concorrentes que são motivadas por um gênero do discurso, sendo o indivíduo o produtor do estilo através de suas escolhas individuais, mas com motivações sociais compartilhadas por uma comunidade. Por fim, a construção composicional que é caracterizada como formas prototípicas com seus convencionalismos sociais que garantem a previsibilidade das estruturas textuais.

As aulas de língua materna precisam se voltar para as competências de leitura e escrita, por meio do aprimoramento das habilidades de interpretação e produção de gêneros textuais, bem como de análise da língua em uso, a fim de ampliar a compreensão da realidade pelos alunos e sua participação na vida social. Pensando assim, o ensino de Língua Portuguesa, a partir dos gêneros textuais, permitirá um domínio cada vez maior de recursos linguísticos e, com isso, o discente terá de adaptar o texto a ser produzido, no tocante a sua estrutura, a seu conteúdo e a sua linguagem, ao possível interlocutor e à situação comunicativa em que está inserido, propiciando práticas reais de produção dos gêneros. Neste sentido, Marcuschi (2002) assevera que os gêneros textuais são criados pelo ser humano mediante as necessidades reais de comunicação, movimento no qual a opção por um ou outro gênero está intimamente ligada ao objetivo do sujeito e à situação sociocomunicativa na qual está incluído, quem é ele, para que o interlocutor escreve ou fala, com que objetivo e em que momento histórico se dá o ato comunicativo.

Adam (2001), outro estudioso da Linguística Textual, conceitua os gêneros como voláteis, no sentido de que podem incorporar e assumir características de outros gêneros, funcionar como instrumento social, estando sempre se inovando para atender aos anseios dos usuários da língua com um pressuposto ideológico e uma função discursiva. Os gêneros do discurso são frutos da criação natural das relações humanas, com valência para a subversão ou

à intertextualidade entre gêneros, exemplificadamente, podemos mencionar um romance que poderá ser transformado em um cordel.

Para composição textual dos gêneros textuais/discursivos, é necessário que os discursos estejam materializados no texto, sob a forma de sequências textuais. Segundo Adam (2001), são esquemas textuais prototípicos construídos pelos sujeitos em sua experiência social e cuja estrutura passa a ser aceita e nomeada pela sociedade. As sequências podem ser definidas como elementos abstratos por não existir isoladamente nas relações comunicativas e, ao mesmo tempo, como elementos concretos, já que preveem estruturas linguísticas características. Na estruturação de uma sequência textual, preveem-se partes estruturantes chamadas de macroposições, sendo as sentenças ou proposições constitutivas das macroposições que, por conseguinte, formam as sequências. Vejamos de forma esquemática: sequência > macroposições > proposições.

As sequências são categorias cognitivas e produto cultural da sociedade. O ideal humboldtiano comunga com o de Adam (2001) no sentido de que há uma relação dialética entre linguagem, mente e mundo que os torna interdependentes: a mente, através da linguagem, modula e reorganiza o mundo que, por sua vez, recondiciona a linguagem. Sendo a linguagem produto social e discursivo, independente de natureza cognitiva e estrutural, Humboldt (2006, p.131) assevera que:

O ato de falar é uma condição necessária para o ato de pensar do indivíduo na solidão isolada. Na sua aparição, porém, a linguagem apenas se desenvolve socialmente e o homem apenas compreende a si mesmo mediante tentativas de testar a compreensibilidade de suas palavras com outros. Pois a objetividade aumenta se a palavra por ele formada ressoar de uma boca alheia. Porém, nada é roubado da sua subjetividade, pois o homem sempre se sente uno com o homem; inclusive ela aumenta, pois a representação transformada em linguagem não mais pertence a um sujeito. Ao passar para os outros, essa representação associa-se ao bem comum de toda raça humana, do qual cada indivíduo carrega dentro de si a ânsia de ser completada pelos demais. Sob iguais circunstâncias, quanto maior e mais vivaz for a interação social sobre uma língua mais ela ganha.

As representações da mente se associam às representações cognitivas que os indivíduos produzem em suas experiências no mundo e se acabam condicionando pela história social dos nossos dizeres que apresentam natureza diversa ao narrar, descrever, explicar, dialogar e argumentar. Sendo assim, a linguagem se desenvolve ao passo que é compreendida na relação entre os interlocutores.

Nesse contexto, os textos são concebidos como construção organizada de forma estrutural cuja finalidade é cumprir propósitos comunicativos de um gênero que se concretiza fazendo o plano do texto ser responsável pela organização das informações, com o objetivo de

cumprir os propósitos do produtor. Ainda assim, os planos de texto dão o direcionamento do sentido que o texto vai tomar, permitindo também justificar a ordem em que as partes se apresentam explicando as relações entre elas, com isso, o plano permite observar a estrutura global do texto. Um texto é composto por várias sequências textuais, havendo a prevalência de determinadas sequências, a depender do gênero do discurso adotado. As sequências textuais são compostas de um número limitado de enunciados que se organizam em combinações pré-formatadas, mantendo uma relação de independência no sentido de que cada sequência possui características próprias e dependentes, no tocante à constituição dos aspectos linguísticos na sequência.

O autor supracitado denomina de sequências textuais uma construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e estilo) e abrangem as categorias: narração, descrição, exposição, dialogal e dissertação.

A sequência narrativa, conforme Adam (2001), surgiu desde Homero até os textos clássicos, isto é, sempre acompanhou a História da humanidade, caracterizando-se por: sucessão de eventos no tempo e de predicados; pelo menos um personagem antropomorfo envolvido nos eventos; um arranjo de acontecimentos incluindo um conflito que caminhará para uma resolução; um juízo de valor ou ponto de vista explícito ou não; e a verossimilhança. A ação da narrativa ocorre em uma cadeia temporal dos acontecimentos no qual é apresentada a situação inicial, que é a ação em si. Interligando, temos o nó, que é a causa da ação; e, em seguida, a re-ação, que é a consequência da ação; e, por fim, o desenlace que é a resolução do conflito mais a situação final.

A sequência descritiva, segundo os ideais adâmicos (2001), são as propriedades qualificativas sobre seres animados ou inanimados. Apresenta natureza descritiva variada por uma hierarquização vertical por meio de: ancoragem – apresentação do tema, por meio de um nome que é o objeto focado; aspectualização – parte da descrição opera com a divisão seja por meio de aspectos físicos (as partes de um objeto) ou abstratos (as motivações sociais de uma teoria, por exemplo); ainda associada à aspectualização, ocorre a relação que existe nas diferentes partes de um tema. Ademais, entre a aspectualização e a relação ocorrem operações de naturezas distintas, ou seja, numa imagem do desenvolvimento temático, a aspectualização opera com divisão no plano vertical, enquanto a relação opera com a analogia horizontalmente; e, por último, temos a reformulação, na qual há uma retomada do tema geral, surgindo para refazer e reconstruir a concepção primeira do tema. Com isso, acrescentamos que qualquer texto tem um posicionamento, já que prevê explícita ou

implicitamente um interlocutor, o enunciado caminha para uma orientação argumentativa e, na sequência descritiva, poderá ser demonstrada por: opções de apresentação do tema, construção da aspectualização, estabelecimento das relações e o caminho da reformulação que fornecem os lugares da avaliação do pressuposto avaliativo.

A sequência explicativa procura justificar um fato. Para tanto, Adam (2001) propõe a defesa que a sequência explicativa estaria imbricada na descritiva e na argumentativa, com algumas considerações. Distingue-se da descritiva na medida em que, entre um fato e outro, há relação de causa, a descrição se ancora em um tema e posterior aspectualização (parte de um objeto, os eventos de uma cena) que aumenta na proporção que o sujeito observa um fenômeno. A explicação apresenta um traço discursivo-pragmático em que os interlocutores e suas vozes são os mais ideologicamente neutros, permitindo ao locutor ser apenas uma testemunha, um observador objetivo dos fatos. Ainda acrescenta que existem condições pragmático-discursivas para as sequências explicativas, a saber: o fenômeno explicado é incontestável e, ao mesmo tempo incompleto, no sentido que o ouvinte/leitor precisa da justificativa do fato por uma ‘autoridade’ no assunto, sendo então, a estrutura prototípica da sequência explicativa esquematizada por uma sucessão de macroposições, vejamos: esquematização inicial + problema + explicação + conclusão.

No que concerne à sequência dialogal, temos uma situação comunicativa na qual o diálogo manifesta-se na oralidade. Sobre este aspecto, nas palavras de Adam (2001), são considerados: os elementos extralinguísticos, aspectos prosódicos e de entonação, redundâncias, flutuação temática, presença do interlocutor e aquisição naturalmente ou ao menos instigada pelos outros seres humanos. A sequência dialogal tem sido vista, por muitos teóricos, com instável e desestruturada, mas, na concepção adâmica, o elemento de ligação temático que subjaz ao diálogo pode ser motivado por uma situação pragmática ou linguístico-semântica. Prevista na interação dialogal e na coerência temática das macroposições, podemos esquematizar: texto < sequência < macroposições < proposições.

E, por último, temos a sequência argumentativa que, desde a Retórica Clássica, tem-se a condição que a linguagem pressupõe sempre o outro. Para Adam (2001), argumentar é buscar a adesão de um auditório/ouvinte a uma tese, em que as vozes e os juízos fazem-se pressupostos para quem o locutor se dirige, perpassando três etapas: observação dos fatos, construção das inferências sobre eles e a construção de uma nova tese. Esquemáticamente, temos as macroposições: tese anterior > fatos > inferências e construção de argumentos > nova tese (conclusão).

Sendo a tese anterior à voz com a qual a construção argumentativa vai conversar, que

é contrária e também pode ser a favor do discurso. Adam (2001, p. 107) assevera que “Se os fatos levam a argumentação contrária a ela, a nova tese será oposta à primeira. Se os fatos levam a uma argumentação que a reforce, a nova tese endossará a primeira”. As macroposições das sequências argumentativas dizem sobre o que a Retórica elegeu como verdadeiro, pois o discurso faz referências aos estados de coisas do mundo e, a partir destes estados, os argumentos vão ser construídos, ou seja, a partir de um fato, raciocinamos por inferência, que são esquemas de pensamento sobre os fatos. A sequência argumentativa prioriza duas funções básicas da linguagem, a referencial, que tem a função de apontar as coisas reais do mundo; e a argumentativa, que avalia e julga as coisas reais do mundo, ambas afluem argumentos a partir de fatos para se chegar a uma tese que, por conseguinte, está fincada no apoio ou refutação de outras teses.

Na perspectiva de Marcuschi (2008), o estudo dos gêneros textuais e/ou discursivos, na perspectiva interacionista e sociodiscursiva, concebem os textos como padrões sociocomunicativos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente marcados por forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Ainda na visão marcuschiana, na composição dos gêneros textuais, o domínio discursivo é visto como sendo as esferas das atividades humanas e que constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais e/ou discursivos de tal domínio, a exemplo do domínio discursivo do mundo religioso, jornalístico, acadêmico, jurídico, literário, publicitário, entre outros.

Ademais, pensando como unidade básica de comunicação e como processo e atividade sociocognitiva-interacional de construção de sentido, Bakhtin (2011) rotulou os gêneros do discurso em: primários, sendo os da ideologia do cotidiano, um telefonema, por exemplo; e os secundários, como sendo os que abarcam os gêneros como sistemas ideológicos constituídos com práticas mais elaboradas, a exemplo de uma petição judicial. No entanto, hoje em dia, essa classificação dos gêneros serve apenas para evidenciar o pensamento do linguista genebrino, pois o trabalho com os gêneros do discurso deverá apontar para a multimodalidade e à transmutação de gêneros pela nossa capacidade humana de ressignificar os discursos e as formas do dizer que estão em um domínio discursivo como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras das relações de poder.

Para colocar os gêneros textuais e/ou discursivos em prática, precisamos pensar em que conhecimentos acionar no momento no qual vamos escrever. Neste sentido, Oliveira (2010) propõe que sejam acionado os seguintes conhecimentos: linguísticos, enciclopédicos e textuais, uma vez que, no ato da escrita, esses conhecimentos se amalgamam para a

construção textual. Todavia, além desses conhecimentos, o discente precisa ter domínio de quatro competências, já que o conhecimento só se tornará útil se o aluno tiver habilidade de usá-lo, em situações concretas. Essas competências poderão ser: gramatical, que é o conhecimento sobre a língua no campo morfológico, sintático, prosódico, ortográfico e vocabular; e a sociolinguística, que comporta as regras socioculturais que regem a língua no sentido da adequação contextual de interação linguística.

Ainda temos, conforme Oliveira (2010), a competência discursiva, que combina formas lexicais e gramaticais para o usuário da língua usar em diferentes gêneros textuais orais ou escritos, na busca da unidade, no plano linguístico com a coesão, e no plano semântico, com a coerência; e, por fim, a competência estratégica, que são as estratégias verbais e não verbais a fim de compensar alguma falha na memória em uma outra competência, sendo muito usado um termo genérico em substituição a uma palavra específica. Todas essas competências devem ser ativadas para a produção textual nas aulas de Língua Portuguesa. No próximo capítulo, teceremos algumas discussões teóricas a respeito da argumentação e dos operadores argumentativos.

4 A ARGUMENTAÇÃO

Nas diversas situações de nossa vida, seja para solucionar, contornar conflitos e controvérsias, recorreremos ao universo do outro, de modo cooperativo e construtivo, em uma dialogia entre o locutor e o interlocutor para defender uma opinião, expondo assim nosso ponto de vista. Quando nos propomos a escrever um texto argumentativo, temos que ter em mente o perfil e os valores de nosso interlocutor para que se crie uma relação de confiança e de aceitação, parcial ou total, no embate da construção dos nossos argumentos.

Uma das premissas da argumentação, consoante Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), é que tanto o ponto de partida, como o desenvolvimento da argumentação, pressupõem um acordo entre o orador e o auditório. Nesse sentido, o orador precisa construir uma imagem mais próxima possível da realidade de seu auditório para que suas pretensões argumentativas não sejam frustradas. No entanto, em auditórios diversificados, os argumentos também terão que sê-los, já que as estratégias de argumentação estão ligadas à adesão dos espíritos no contrato discursivo que cooperam para provocar ou aumentar a adesão do auditório numa dada situação argumentativa com vistas à persuasão e ao convencimento.

À luz do pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p 22), o auditório é “[...] o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”, em que o orador pensa mais consciente, ou não, em como persuadir os sujeitos para o qual seus discursos se dirigem. Neste sentido, a constituição desse auditório depende de opiniões do meio social, cultural, além das pessoas e dos círculos de convivência no qual o homem está imerso. Neste sentido, é pertinente destacar que o ser humano leva em consideração também as opiniões dominantes de um determinado momento da História, pois o orador quer persuadir seu auditório particular a sua adaptação a ele, deixando transparecer a cultura própria de cada auditório por meio de discursos que lhe são destinados.

O objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão do auditório parcial ou total, já que uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que desencadeia nos ouvintes a ação pretendida. E, para tentar aumentar a adesão dos sujeitos às teses, é salutar diferenciar os termos persuadir e convencer para o estudo da argumentação que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p.31), distinguem: “Persuasiva é uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional.” Neste sentido, enquanto que a persuasão tem um alcance unicamente particular, a convicção é fundamentada na verdade de seu objeto e, por isso, válida para qualquer ser racional.

No estudo da argumentação, convém afirmar que Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) levam em consideração vários tipos de acordos, dentre os quais citamos: o auditório, os fatos, os valores, os juízos e os argumentos. Neste trabalho, consideraremos apenas os tipos de argumentos que são corresponsivos pela estruturação do texto argumentativo no gênero textual artigo de opinião.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) propõem que a argumentação segue dois critérios para constituição dos argumentos: por ligação – quando os fatos se ligam entre si para compor os argumentos; e, por dissociação – quando os fatos distanciam-se entre si na composição argumentativa. Os argumentos por ligação relacionam elementos distintos entre si para provocar a inferência avaliativa visando uni-los, seja positivamente ou não, e se dividem em: quase-lógicos; baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real.

Ainda segundo os autores supracitados, os argumentos quase-lógicos são comparáveis ao raciocínio lógico, formal e matemático e são divididos em: a) argumentos de contradição e incompatibilidade – consiste em fazer valer a verdade e a negação de uma proposição ao mesmo tempo; argumento de identidade e definição – coloca em identidade de relação duas expressões; argumento de transitividade – relaciona pelo menos três elementos; argumentos de comparação – toma dois elementos e os une por meio de relação comparativa por igualdade, inferioridade ou superioridade.

Esses argumentos pressupõem a inferência de escalas, que ordenam os elementos por hierarquia, fazendo uma ligação no exercício do convencimento, sendo que a argumentação provoca uma escolha no ouvinte por um dos elementos relacionados; argumentos por inclusão ou divisão – envolve o raciocínio das partes, com suas propriedades, pelo todo na inclusão; e por divisão, tomando o todo e suas propriedades e divide-se em partes; e, por último, temos o argumento por probabilidade – em que à medida que dizemos verdades baseadas em probabilidades que as sustentam entramos na argumentatividade do possível.

A outra categoria de argumentos é baseada na estrutura do real no qual não constroem realidades, mas se baseia em elementos dela. Dividem-se em: argumentos por sucessão – nas relações observáveis do mundo, valorizando a relação causa-consequência; e os argumentos por coexistência – une duas realidades de nível desigual tornando uma mais fundamental que a outra. Por fim, temos a categoria dos argumentos que fundamentam a estrutura do real que, segundo Adam (2001), são inferências a partir de fatos que projetam realidades paralelas. Esse tipo de argumento se baseia na generalização e usa o exemplo como seu protótipo. Em seguida, discorreremos sobre a argumentação na língua e os operadores argumentativos.

4.1 ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA E OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS

O ato de argumentar é pertinente nas diversas situações cotidianas, seja nas corriqueiras ou não, até porque argumentar é da natureza humana. Quando pensamos em argumentar devemos ter mente a intenção de exercer nossas influências sobre o nosso interlocutor, almejando obter adesão às nossas ideias, ou seja, que nossos pontos de vista convençam o ouvinte por meio de argumentos adequados às teses no intuito de organizar bem o discurso.

Argumentar, para Koch (2006a), significa montar o discurso envolvendo as intenções em modos de dizer, cuja ação discursiva se realiza nos diversos atos argumentativos construídos na tríade: falar (produção de frases como entidade fono-morfo-sintática, decorrente de leis que os signos se combinam em uma língua); dizer (produzir enunciados relacionando sequências sonoras a um estado de coisas); e mostrar (à luz da enunciação, o enunciado passa a ter um sentido incorporando uma significação, mostrando a direção para o qual o discurso aponta). Pensando assim, a argumentação é inerente à atividade humana e nela vamos encontrar a argumentatividade.

O trabalho com a argumentação, no contexto de ensino da Educação Básica, deve perpassar um ensino de língua que considere a argumentatividade em todas as fases do processo de ensino-aprendizagem, focando nos eixos da leitura, da oralidade, da escrita e da análise linguística. Dessa forma, toda ação para efetivação do discurso depende das escolhas linguísticas, a fim de obtermos a eficácia almejada que, por sua vez, passa pela escolha de um adjetivo ou advérbio, por exemplo, para reforçar um argumento, ou de um conector para articular o nosso texto. Nessa construção, sabendo que esses elementos linguísticos cumprem uma função na argumentação porque marcam a tomada de posição do locutor perante o conteúdo enunciado.

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Ducrot (1987) e seus colaboradores, parte da premissa de que a argumentação está marcada na própria língua, através das formas linguísticas usadas pelo locutor na enunciação de um fato, permitindo ao falante imprimir marcas de subjetividade e intenções. Diante das possibilidades de usos que a língua oferece, fica evidente o ponto de vista de quem enuncia o objeto de sua interação, convalidando que a argumentação vai da língua para seu uso.

Pensar na significação que está ligada à frase e ao sentido ao enunciado, faz-nos compreender que, ao atribuímos uma significação a uma frase, ajuda-nos a compreender porque os enunciados, nesta frase, de acordo com as condições de emprego, assumirão certos

sentidos. Por conseguinte, entram neste processo as leis do discurso que permitem entender o sentido de um enunciado, limitada por sua força ilocucional que, na interação, o locutor supõe que o seu interlocutor as empregam para a construção do sentido. A força argumentativa faz parte da significação de determinada frase no enunciado, sendo as leis do discurso passíveis de serem aplicadas às frases, introduzindo valores argumentativos à significação.

As leis do discurso, proposta por Grice (1975 *apud* Ducrot 1987, p. 15), tomam por base os princípios de cooperação, apresentando quatro máximas no sentido de orientar os participantes de uma interação a agirem de modo eficiente e cooperativo, vejamos cada uma: máxima da qualidade, diz respeito ao que é mais verdadeiro possível ser dito pelo locutor; da quantidade, concerne que a informação seja mais sucinta possível; da relevância, nem ser minucioso demais e nem informar mais do que se julga necessário o interlocutor ter conhecimento; e, por último, a de modo, evitar a ambiguidade quando não é intenção do locutor para o enunciado não ficar obscuro.

Ao empregarmos as leis do discurso, em nossos enunciados, devemos ter em mente o comportamento social dos indivíduos envolvidos na interação verbal, fazendo uso da palavra com a intenção de que falar é comunicar e interagir, entendendo, dessa forma, que o sentido é uma forma de ação sobre o outro dotando nossos enunciados de força argumentativa.

Ducrot (1987) distingue três sentidos no enunciado: as indicações objetivas, que consistem na representação da realidade; as subjetivas, que indicam a atitude do locutor frente à realidade e às intersubjetivas que são as relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. Para esse linguista, a linguagem ordinária não possui uma parte objetiva, uma vez que os enunciados não descrevem diretamente a realidade e, se a linguagem ordinária descrevesse, seria pelos aspectos subjetivos e intersubjetivos. Assim, ao dizer que (A cidade é bonita) a descrição é mais ligada à admiração que a cidade causa no locutor, e ainda reforça que, ao dizer tal enunciado, o locutor solicita a seu interlocutor que aceite a premissa.

O ato de argumentar orienta o discurso no sentido de direcionar a determinadas conclusões, sendo os operadores argumentativos, segundo Koch (2006a), na Semântica Argumentativa, a designação de certos elementos da gramática como indicativo da força argumentativa dos enunciados para o qual apontam. Assim, uma vez que a argumentatividade está intrínseca na própria língua e, para tal evento, utiliza-se das noções de classe argumentativa como sendo um conjunto de enunciados que servem de argumentos para uma mesma conclusão ou uma conclusão oposta. Utiliza-se também de escala argumentativa, quando dois ou mais enunciados de uma classe se apresentam como uma gradação de força crescente, mostrando que há argumentos que são mais fortes que outros, em relação a uma

mesma conclusão.

Sendo assim, as noções de classe argumentativa e de escala argumentativa nos permitem organizar os argumentos de acordo com a sua força, e os operadores argumentativos nos auxiliam na sinalização de nossas intenções, ou seja, permitem-nos marcar os argumentos que consideramos mais fortes em relação à determinada conclusão de acordo com o contexto do enunciado.

Para Koch (2008), ao se reconhecer tal valor retórico, faz-se necessário admitir a existência de enunciados que orientam o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros. A linguista demonstra que a gramática de cada língua possui palavras responsáveis por uma relação precisa de enunciados que são os operadores argumentativos ou discursivos. Tais operadores são constituídos de conectivos e vocábulos. Os conectivos são considerados tradicionalmente como elementos meramente relacionais, já os vocábulos ou palavras lexicais, de acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais.

Sendo a argumentação uma atividade estruturante do discurso, no sentido de articular entre si os enunciados por meio dos operadores argumentativos, estruturando o discurso enquanto texto, entram em cena os conectivos (conjunções e preposições), além de advérbios e outros elementos da gramática da língua, os responsáveis pela argumentatividade que a própria língua possui.

Na Gramática Tradicional, os conectores são vistos como elementos de ligação apenas, mas que, com os estudos ducrotianos, foram tomados como elementos que estabelecem relações lógicas, encarando como palavras de ligação e de orientação que articulam informações e argumentos de um texto, tendo o elemento de conexão como aquele que põe a informação do texto a serviço de uma orientação argumentativa.

Koch e Elias (2016) afirmam que argumentar é tentar influenciar o outro, por meio de argumentos consistentes, de modo que o raciocínio esteja estruturado com a organização das ideias para a defesa da tese ou do ponto de vista. Com isso, também acreditamos que a argumentação é marcada pelo diálogo porque envolve sujeitos com seus conhecimentos de mundo, linguístico, pragmático, sociodiscursivo, para a compreensão da realidade. Acrescente-se o fato de que, além de defendermos um ponto de vista, teremos que considerar a existência de teses contrárias que podem ser evocadas, refutadas ou entre as mesmas estabelecer uma concessão.

Ainda segundo Koch (2006a), a ação de argumentar é vista também como um ato de persuadir que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a

temporalidade, buscando adesão e não criando certeza. Sendo assim, a interação social, por meio da linguagem, caracteriza-se pela argumentatividade, uma vez que os seres humanos são dotados de razão e vontade e, constantemente, estão avaliando, julgando, criticando, formando juízos de valor .

Na visão de Koch e Elias (2016), os operadores argumentativos direcionam o sentido que determinadas palavras da língua vão exercer em determinado enunciado, a exemplo dos operadores que direcionam a uma conclusão: **até, até mesmo, mesmo, inclusive**; os que direcionam a soma de argumentos para uma dada conclusão: **e, também, não só...mas também, tanto...como, além disso...**, etc.; os que introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados anteriormente: **logo, portanto, por conseguinte, pois** (depois do verbo), **em decorrência**, etc.; os que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões opostas: **ou, ou então, quer...quer**, etc.; os que estabelecem relações de elementos para uma dada conclusão: **mais que, menos que**, etc.; os que introduzem uma justificativa ao enunciado anterior: **porque, que, já que**, etc.; os que orientam para conclusões contrárias: **mas, porém, contudo, embora, posto que, ainda que**, etc.; os que têm a função de inserir no enunciado conteúdos pressupostos: **agora, já, ainda**, etc. Então, pensar em trabalhar com os operadores argumentativos para a concatenação do texto, nos seus aspectos coesivos, traz à baila que, além do conteúdo posto na superfície textual, linguisticamente, temos também a responsabilidade de inferir sentidos nos enunciados para a construção da coerência.

Ainda na visão das autoras mencionadas, vale destacar algumas relações estabelecidas pelos articuladores lógico-semânticos que são responsáveis pela relação de conteúdo entre duas orações e podem indicar: causalidade - sempre que um segmento expressa a causa da consequência de outro (**como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, visto que**); condicionalidade - quando um segmento expressa a condição para o conteúdo de um outro, de forma se um é verdadeiro, o outro será (**caso, desde que, conquanto que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se**); temporalidade - expressa o tempo em que são localizados as ações ou os eventos (tempo exato: **quando, mal, assim que, nem bem, logo que, no momento em que**; tempo anterior: **antes que**; tempo posterior: **depois que**; tempo simultâneo: **enquanto**; tempo progressivo: **à medida que, à proporção que**); finalidade ou mediação - quando os segmentos explicitam o propósito ou o objetivo pretendido (**para que, a fim de que**);

Para essas mesmas autoras, além desses articuladores lógico-semânticos, temos os que indicam: alternância ou disjunção - expressa por a conjunção **ou** exclusiva ou inclusiva (o

conector **ou** com valor exclusivo e o conector **ou** com valor inclusivo); conformidade - quando um segmento expressa que foi realizado de acordo com o que foi pontuado em um outro (**como, conforme, segundo, consoante**); e relação de modo - sendo todo esse aporte das relações semânticas que as conjunções e locuções conjuntivas poderão significar no corpo dos enunciados. Ainda temos os articuladores de situação ou ordenação no tempo e espaço que servem para sinalizar as relações espaciais e temporais a que o enunciado faz referência, eis alguns exemplos: **antes, depois, em seguida, defronte de, além, a primeira vez que**, entre outros.

Concordamos com Koch e Elias (2016, p.132) quando defendem que “Os articuladores discursivo-argumentativos determinam relações entre dois ou mais enunciados distintos, encadeando-se o segundo sobre o primeiro que é tomado como tema”. Esses encadeamentos podem ocorrer entre orações de um mesmo período, entre dois ou mais períodos e entre parágrafos de um texto, determinando a orientação argumentativa do enunciado. Estes, por sua vez, estabelecem relações semânticas de: conjunção (**e, também, não só...mas também, tanto...como, além de, além disso, ainda e nem = e não**); disjunção argumentativa: relação que resulta de dois atos de fala distintos em que o segundo procura provocar o leitor a mudar sua opinião, ou a aceitar a opinião expressa no primeiro; contrajunção (**mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, ainda que, apesar de (que)**); explicação ou justificativa (**pois, porque e que**); conclusão (**portanto, logo, por isso, por conseguinte, conseqüentemente, então**); comparação: relação entre um termo comparante e o comparado podendo indicar igualdade, inferioridade e superioridade (**tão...quanto, menos...que, mais...que**); especificação/ generalização/extensão (**aliás**); exemplificação (relação em que o segundo enunciado particulariza/exemplifica uma declaração mais geral contida no primeiro); correção/redefinição (relação que se estabelece quando através de um enunciado se corrige, suspende ou redefine o primeiro).

Já os articuladores de organização textual são assim chamados porque servem para organizar o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação indicando abertura, intermediação e fechamento, na perspectiva de Koch e Elias (2016), os marcadores com esta função são: **primeiro (amente), depois, em seguida, enfim**, entre outros. Temos ainda os marcadores discursivos continuadores que fazem o amarramento de porções textuais, sendo sua ocorrência muito frequente em discursos semelhantes à fala, expressos por: **aí, daí, então, aí então e agora**.

Ainda sobre os articuladores de organização textual, temos os articuladores metadiscursivos com a função de introduzir comentários sobre como o enunciado foi

formulado ou sobre a enunciação. Esses articuladores poderão ser divididos em: articuladores modalizadores, que avaliam o enunciado como verdadeiro, duvidoso ou obrigatório, assinalando o grau de certeza em relação ao que é enunciado, são marcados na língua por advérbios e locuções: **evidentemente, naturalmente, obviamente, logicamente, seguramente**, entre tantos outros, principalmente, os de modo. Temos também os articuladores que delimitam o domínio de determinado campo do saber, seja jornalístico, jurídico, religioso, escolar, entre outros, delimitando o âmbito que o enunciado deverá ser testado, sendo bem comum, nos enunciados, quando usamos em nossos discursos a expressão delimitadora: **do ponto de vista filosófico**, significando que a proposição que virá, em seguida, só poderá ser testada dentro do domínio da Filosofia, e não de outro campo do conhecimento.

Vale ressaltar que, no prosseguimento textual, poderá ocorrer também usos dos articuladores para reformulação textual que indicarão diversas orientações argumentativas,. Consoante Koch e Elias (2016), são eles: marcadores que indicam o estatuto de um segmento textual em relação aos anteriores vindo linguisticamente, marcados com expressões, tais como: **em suma, em síntese, em acréscimo a, em oposição a**, etc; para introduzir um tópico: **quanto a, no que tange a, no que diz respeito a, com referência a, relativamente a**, etc; e por fim, temos os articuladores textuais com a função de introduzir ou interromper um tópico, que são marcados na língua com expressões do tipo: **é interessante mencionar que, mas voltando àquele assunto**, etc. Além destes articuladores de reformulação, a linguagem possui também articuladores autorreflexivos, que evidenciam o próprio processo de correção da linguagem, marcados na língua com as expressões: **digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, em outras palavras**, etc. Na seção seguinte, discursivizaremos sobre os gêneros textuais trabalhados nesta dissertação: entrevista e artigo de opinião.

4.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS TRABALHADOS PARA OBTENÇÃO DO *CORPUS*: ENTREVISTA E ARTIGO DE OPINIÃO

Segundo Hartmann e Santarosa (2012), o gênero entrevista traz um recorte da realidade, na condição de coleta de informações, para obtenção destas interpretações sobre os fatos. Trata-se de um gênero encontrado, com frequência, em jornais televisivos, impressos, na internet e em revistas. Configura-se como um gênero tipicamente oral que, às vezes, por força da necessidade de reprodução, é transmutada para a escrita. Os interesses que o leitor ou telespectador buscam, ao ler ou ao assistir uma entrevista, são vários, eis alguns: um

especialista tratando de um assunto específico, esclarecimento sobre uma temática de relevância social, caráter testemunhal que pode ser um cidadão comum de interesse público.

Ainda nas palavras Hartmann e Santarosa (2012), no que se refere à construção das perguntas pelo entrevistador, podemos destacar alguns aspectos: primeiramente, preparação prévia para a realização da entrevista; em seguida, a escolha do tema pelo entrevistador, em que na condição de coadjuvante primará pelo controle do rumo da entrevista; por fim, a identidade atribuída à figura do entrevistador. Quanto ao entrevistado, vale destacar dois pontos: as condições de falar fluentemente sobre o tema escolhido nas quais estão estabelecidos acordos como tempo de duração da entrevista, e o momento e local do encontro, além do veículo no qual será publicada.

Outro ponto concerne à relação entre entrevistado e entrevistador, no sentido de que, para que a entrevista transcorra como o esperado, é preciso segurança, tranquilidade e simpatia. Nesta dissertação, usamos a elaboração do roteiro escrito e a consecução de uma entrevista na qual os discentes representam os entrevistadores, e os entrevistados as pessoas que, direta ou indiretamente, foram impactadas positivamente ou não, assim como moradores das áreas atingidas, ambientalistas ou trabalhadores da construção do canal/barragem do Rio São Francisco no município de Cachoeira dos Índios-PB.

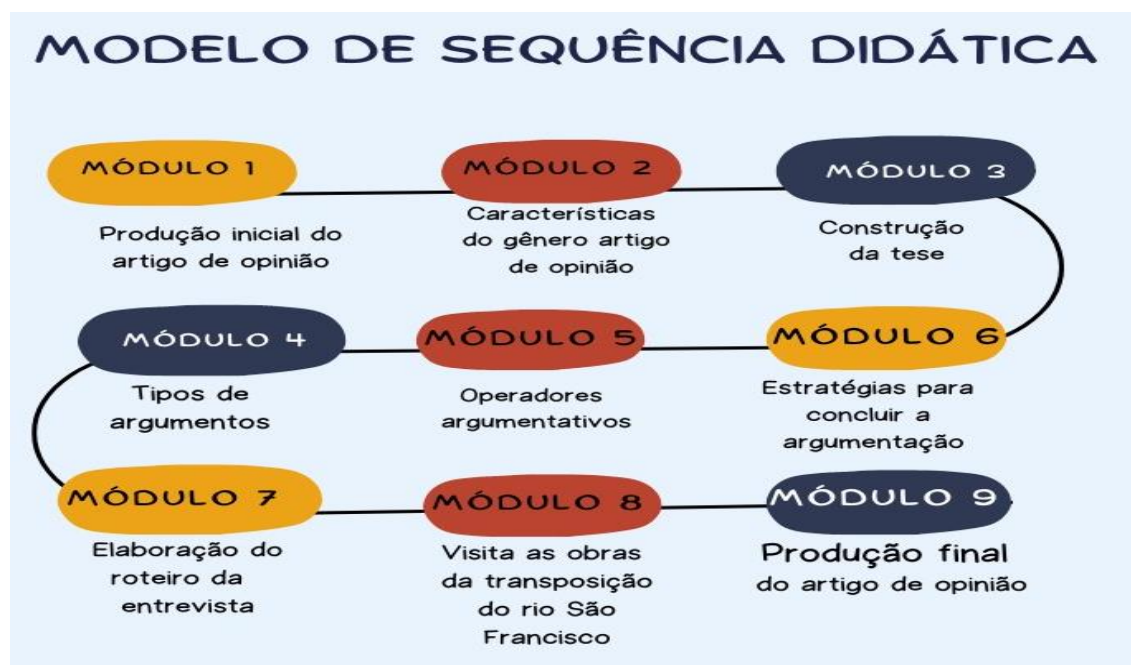
O outro gênero trabalhado, nesta dissertação, foi o artigo de opinião que, na perspectiva de Hartmann e Santarosa (2012), insere-se essencialmente na tipologia argumentativa na qual o articulista apresenta um ponto de vista sobre um tema, defendendo, com base em uma argumentação sólida e resistente, a contra-argumentação, de modo a manter uma dialogia com outros discursos sobre o mesmo tema e os colocando em confronto. O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para avaliar, analisar e responder, com argumentos consistentes, uma questão controversa. As temáticas dos artigos são de diversas ordens, seja social, econômica, cultural, política, filosófica, entre outras, apresentando os acontecimentos em si, com a análise e a posição do articulista que, em seguida, publica em jornais, revistas ou na internet.

O texto do artigo de opinião realça a dialética da interlocução, quando o “eu” se constrói a partir do “tu”, no qual locutor e interlocutor antecipam opiniões a serem ratificadas ou refutadas. A negociação interlocutiva objetiva influenciar o outro, no intuito de provocar mudanças de ponto de vista, opinião e valores. Algumas condições são necessárias, segundo Casseb-Galvão e Duarte (2018), para a produção textual do artigo de opinião, a saber: colocar-se discursivamente como autor; construir as imagens dos interlocutores e o lugar institucional, assim como, o momento social no qual se enuncia; e o grande desiderato que é

estabelecer uma relação valorativa diante do objeto enunciado e dos outros discursos sobre o mesmo objeto. Essas autoras apresentam também alguns fatores de natureza linguística para este gênero: organização do discurso, predominantemente em 3ª pessoa; prevalência dos tempos verbais no presente do indicativo ou subjuntivo, na apresentação das questões, dos argumentos e contra-argumentos; uso do pretérito nas explicações e apresentações de dados; recurso a citações para dar maior credibilidade aos argumentos e uso dos operadores argumentativos para concatenar a coesão e, conseqüentemente, construir a orientação argumentativa.

O trabalho docente, por meio de uma sequência didática, consiste em um encadeamento dos módulos através dos quais os discentes produzem a versão inicial do texto, depois desenvolvem leituras diversas, trabalha-se cada módulo até chegarmos na produção final. Logo em seguida, mostraremos o esquema da sequência didática trabalhada nesta dissertação, tomando como referência o modelo proposto por Dolz e Sheneuwly (2004).

FIGURA 1 - Sequência didática aplicada na proposta interventiva



Fonte: Elaborado pelo autor da pesquisa, adaptado de (Dolz e Schneuwly, 2004, p.83)

O artigo de opinião pertence à ordem do argumentar, sendo de natureza polêmica, através do qual o articulista assumirá uma posição a respeito do assunto, objetivando provocar ou aumentar a adesão do interlocutor às teses apresentadas ao seu consentimento. Evidencia-se a dialogicidade no processo de produção por meio do qual o articulista se coloca no lugar do leitor de modo a antever suas posições para refutá-las. Sua estrutura é composta de,

segundo Köche *et al.* (2014):

QUADRO 3 - Estrutura composicional do artigo de opinião

(Introdução) Situação-problema: contextualiza o tema e apresenta a tese (1º parágrafo, geralmente)
(Desenvolvimento) Discussão: expõem os argumentos e constrói sua opinião sobre cada um (2º e 3º parágrafos, geralmente)
(Conclusão) Solução-avaliação: evidencia-se a conclusão do texto podendo haver a reafirmação a posição assumida (síntese) ou apreciação do assunto por meio de proposição de solução. (4º parágrafo, geralmente)

Fonte: Conforme Köche *et al.* (2014).

Sempre que pensamos em colocar algo no papel, precisamos planejar a nossa escrita, em qual gênero textual for e, para isso, perguntamo-nos sobre: escrever sobre o quê? Com quais objetivos? A quem se dirige, ou seja, quais leitores possíveis? Em que situação se encontra quem escreve e quem irá ler? O que preciso explicitar mais detalhadamente ao meu leitor? Em que gênero escrever, pensando na situação comunicativa? Essas são algumas, dentre tantas perguntas, que devemos fazer a nós mesmos no momento da escrita.

Neste sentido, pensar e planejar a nossa escrita se faz tão pertinente, pois, para escrever um artigo de opinião, precisamos saber a caracterização das suas três partes constitutivas. Inicialmente, a (introdução) a proposição da situação-problema, posto pelo tema, seguida de uma contextualização e de estratégias para como iniciar a argumentação, constituída, na visão de Koch e Elias (2016), por: uma apresentação de fatos, uma declaração inicial, uma defesa de um ponto de vista, um estabelecimento de comparações, proposição de perguntas retóricas, a apresentação de uma definição. Além de estabelecer relações entre texto, observando a mudança em relação ao tema, numa linha temporal, essas são algumas estratégias para iniciar a argumentação, uma vez que, o repertório do articulista, seus registros, histórias vivenciadas, leituras diversas, tudo isso possibilitará ir muito além do que foi proposto.

Rangel, Gagliardi e Amaral (2010) defendem que a introdução, no artigo de opinião, apresenta várias funções, ou seja, assunto valendo de estratégias argumentativas que é o conjunto de procedimentos e recursos verbais que o argumentador usa tanto para convencer seu auditório quanto aos seus adversários sobre uma questão polêmica; situa essa questão polêmica no tempo e no espaço, isto é, contextualiza e esclarece suas motivações de

articulista para ter escolhido tal temática sempre almejando seus futuros interlocutores.

O desenvolvimento do texto é a parte na qual o articulista explica e justifica suas posições assumidas, expressa convicções, analisa e avalia fatos, examina dados de pesquisas, apresenta argumentos e as condições que devem ser recebidos (com expressões modalizadoras: é provável, é certo, ou em que situações ou campos do saber o argumento é válido). Portanto, é função principal do desenvolvimento reunir e examinar informações que sirvam de argumentos adequados para a sustentação de uma tese, que esta poderá aparecer na introdução do texto ou na parte do desenvolvimento propriamente dito, nas conceituações de Rangel, Gagliardi e Amaral (2010).

Dando prosseguimento para a defesa da argumentatividade (desenvolvimento) no texto, os tipos de argumentos são constituídos a partir de diferentes enfoques: por meio de uma pergunta e apresentando uma resposta, ao se levantar um problema e uma possível solução, pela apresentação de argumentos favoráveis e contrários para sustentar a tese assumida ou por meio de uma exemplificação, enfim, todas essas estratégias darão embasamento na construção da argumentatividade que comporão os tipos de argumentos.

Com o princípio de que os articuladores argumentativos orientam a argumentatividade no texto, faz-se necessário discorrer sobre os principais tipos de argumentos que, na visão de Koch (2006b), darão consistência argumentativa ao texto, a saber: argumento de autoridade - que é quando citamos autores ou autoridades renomadas para comprovar uma ideia, tese, ou ponto de vista, ainda, segundo a autora, provérbios, máximas, ditos e expressões consagradas podem ser usados como argumento de autoridade; argumento por comprovação - apoia-se em fatos, dados estatísticos para comprovar a veracidade do que se diz; argumento por exemplificação ou ilustração - ocorre quando, por meio de uma breve narrativa, temos a finalidade de tornar mais concreto o que estar sendo defendido; argumento por analogia ou comparação - estabelece relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar a posição assumida; argumento por causa e consequência - quando se procura explicar os porquês e as consequências da temática em questão, pode-se confirmar as ideias postas na tese, entre outros.

A última parte do artigo de opinião é o que chamamos de conclusão, cuja função primordial é (re) apresentar explicitamente a opinião do articulista. Nesta parte, consolida-se todo o percurso argumentativo feito ao longo do texto, culminando com a fundamentação da tese, que ora apareceu na introdução ou no desenvolvimento. Segundo Koch e Elias (2016), existem estratégias para a conclusão da argumentação textual que, dependendo de como a introdução e o desenvolvimento foram postos, poderá se apresentar por meio de uma síntese,

de uma solução para um problema, de uma remissão a textos ou até mesmo por intermédio de uma pergunta retórica. A seguir, apresentamos o caminho metodológico adotado para esta pesquisa de dissertação.

5 CAMINHO METODOLÓGICO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Metodologicamente, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação, haja vista que, segundo Gil (2010), tem foco na ação e no propósito estabelecer resolução de um problema coletivo no qual pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo. Ainda podemos acrescentar que a pesquisa-ação, conforme (Severino, 2007), é aquela que, além de compreender, visa intervir na intenção de modificar, ou seja, esse tipo de pesquisa busca fazer um diagnóstico do objeto investigado e sua análise envolve os sujeitos com o objetivo de aprimorar as práticas analisadas. Esta pesquisa apresenta um delineamento interventivo, uma vez que intervém na realidade de modo a modificar por meio da sequência didática.

Ainda segundo Severino (2007), a abordagem qualitativa (descritiva e interpretativa) leva em consideração o contexto em que os discentes estão inseridos considerando o lugar social dos mesmos para exequibilidade da proposta interventiva. É descritiva pelo fato de que descreve os operadores analisados quanto às suas ocorrências e frequência nos artigos de opinião em questão, e interpretativa pelo fato que os operadores foram interpretados à luz de uma teoria, no caso, da argumentação na língua.

O método utilizado nesta pesquisa foi o indutivo, pelo fato de que a análise dos dados particulares nos levou a uma conclusão. Esse método parte de princípios reconhecíveis como verdadeiros, premissa menor, estabelecendo relações com a premissa maior, que por meio do raciocínio lógico chegamos a uma conclusão.

5.2 A ESCOLA E OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

Aplicamos uma sequência didática a partir do gênero textual artigo de opinião com vinte e dois alunos. A partir da prática, analisamos os textos de cinco alunos que participaram de todos os módulos da sequência didática. O público-alvo possui a faixa etária entre quatorze e dezesseis anos e estudaram o 9º ano do Ensino Fundamental, turma C, turno vespertino, no ano de dois mil e vinte e três, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria Cândido de Oliveira, localizada na cidade de Cachoeira dos Índios, estado da Paraíba.

A referida instituição tem matriculados 900 (novecentos) alunos, segundo o censo escolar de 2023. A escola, campo de pesquisa, recebe alunos da zona urbana e rural do município de Cachoeira dos Índios-PB. A grande maioria dos alunos são beneficiários do

programa de assistência social Bolsa Família do governo federal. A estrutura física da escola é formada por vinte salas de aula, quatro banheiros, uma quadra, uma cantina, um almoxarifado, um auditório, uma biblioteca, uma sala de professores, uma sala de atendimento especializado, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de orientação escolar, uma sala de supervisão escolar e uma sala de direção escolar. Temos, em toda a escola, trinta e nove docentes, que juntos compõem o quadro docente no Ensino Infantil e Fundamental Anos Iniciais e Finais.

Muitos alunos participantes da pesquisa residem nas comunidades atingidas com a construção da barragem e do canal da transposição do Rio São Francisco, tema no qual a pesquisa estabeleceu recorte, tendo em vista a relevância e/ou impactos de ordem social, ambiental, econômica, geográfica, cultural, entre outros, que a construção desta obra acarretou e/ou acarretará na vida das pessoas afetadas.

5.2.1 Proposta de intervenção

No ensino de Língua Portuguesa, o objeto de estudo é a língua e a natureza sociodiscursiva da linguagem, pois os indivíduos se inter-relacionam por meio da linguagem, nas diversas situações cotidianas. A ação pedagógica deve estar centrada no uso real da língua, de forma concreta, contextualizada, criando momentos através dos quais o aluno experencie, discursivamente, o uso de determinado gênero. A BNCC (Brasil, 2018) orienta o trabalho com a produção textual no Ensino Fundamental, levando em consideração vários aspectos, a saber: sintáticos, linguísticos, morfológicos, semânticos, pragmáticos, até o campo de atuação e circulação de um gênero, seus modos de produção, textualização, papéis sociais que os sujeitos assumem, produção e revisão textual.

Nesta dissertação, foram trabalhados dois gêneros textuais em sua consecução interventiva: primeiramente, uma entrevista escrita, com as perguntas que foram construídas em sala de aula, no intento de que as respostas servissem de base argumentativa para que os discentes construíssem seus argumentos. A entrevista foi aplicada com os moradores atingidos pela construção do canal e barragem ou com pessoas que os discentes consideram atingidas, direta ou indiretamente, quanto à questão (pessoas que trabalham na construção da obra, moradores locais das comunidades e munícipes). O tema do artigo de opinião foi: “Transposição do Rio São Francisco: impactos e progressos”.

O trabalho com o gênero textual artigo de opinião ocorreu por intermédio de uma sequência didática na visão de Dolz e Sheneuwly (2004), através da qual foram propostos,

para a consecução do gênero, os seguintes módulos: as características do gênero artigo de opinião: estilo, composição e, o seu universo de referência, ou seja, seu campo social-discursivo, atinentes ao contexto de produção e circulação, visando aos destinatários previstos; apresentação da situação inicial, que é o tema e a construção da tese; construção dos tipos de argumentos; direcionamento dos operadores argumentativos; e a construção do encaminhamento para a conclusão.

5.2.2 Os objetivos da proposta de intervenção e da análise do corpus

O objetivo geral da proposta de intervenção foi:

Promover a compreensão acerca dos operadores argumentativos na construção da argumentatividade em artigos de opinião.

São objetivos específicos, propiciar situações que levem os alunos a:

- a) promover atividades que auxiliem os alunos na construção de um posicionamento enunciativo, com um tema de relevância social, no gênero artigo de opinião;
- b) identificar e interpretar os operadores argumentativos mobilizados no texto, verificando como eles direcionam a articulação semântica para a produção da argumentatividade;
- c) identificar as vozes para a construção dos tipos de argumentos na defesa de uma tese;
- d) descrever quais estratégias argumentativas orientam para a proposição da argumentatividade conclusiva do artigo de opinião.

5.2.3 Descrição das etapas da proposta de intervenção

MÓDULO 1 - PRODUÇÃO INICIAL DO ARTIGO DE OPINIÃO (carga horária: quatro aulas que somam cento e sessenta minutos)

Objetivo: Explanar as características e a função do gênero artigo de opinião.

Apresentação, de modo geral, do gênero artigo de opinião e de suas partes constitutivas. Em seguida, a leitura dos dois artigos (anexo A) para a construção de um artigo de opinião sobre o tema: “Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos”. Após a produção escrita do artigo, foram observados os critérios abaixo e propostos os pontos que precisavam ser melhorados.

QUADRO 4 - Critérios para a avaliação do gênero artigo de opinião (versão inicial)

CRITÉRIOS	Está bom	Precisa melhorar
1) Características do gênero artigo de opinião Quanto ao tema Quanto ao estilo Quanto ao modo composicional		
2) Construção do título Está em conformidade com o tema		
3) Estrutura do texto a) O texto possui uma contextualização adequada ao tema		
b) Argumentação convincente para construção da tese		
c) Uso dos tipos de argumentos para referendar a tese		
d) Utilização de argumentos que refuta a posição contrária		
e) Uso de operadores argumentativos para direcionar os argumentos		
f) Presença de uma conclusão adequada		
4) Aspectos linguísticos a) Adequação às normas gramaticais		
b) Aspectos ortográficos do texto		

Fonte: elaborado pelo autor-pesquisador (2023).

MÓDULO 2 - CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO (carga horária: duas aulas que somam oitenta minutos)

Objetivo: Conhecer as características estruturais e linguísticas do gênero artigo de opinião.

QUADRO 5 - Características do gênero: artigo de opinião

Estilo, modo composicional e conteúdo

Fonte: elaborado pelo autor-pesquisador (2023).

As partes estruturadoras do artigo de opinião foram trabalhadas com o auxílio de dois artigos de opinião (anexo A), um que mostra os impactos negativos da obra da transposição e o outro que mostra os pontos positivos. Por meios dos dois artigos, discutimos, em sala,

sobre o estilo, observando como ocorre o uso da linguagem na norma padrão da língua; o conteúdo, como sendo de natureza polêmica e relevante socialmente; e seu modo de composição: introdução (contextualização do tema e apresentação da tese), o desenvolvimento (argumentos e contra-argumentos) e a conclusão (retomadas dos argumentos de forma sucinta e proposição de uma opinião).

MÓDULO 3 - CONSTRUÇÃO DA TESE (carga horária: quatro aulas que somam cento e sessenta minutos)

Objetivo: Contribuir para a construção do posicionamento crítico do aluno sobre o tema.

Iniciamos este módulo convidando os discentes a assistirem aos vídeos (anexo B), através dos quais foram apresentadas reflexões sobre a temática da transposição do Rio São Francisco. Em seguida, os alunos foram convidados a construir um quadro argumentativo trazendo aspectos positivos e negativos refletindo sobre como fundamentar a opinião em fatos concretos, situações das vivências de pessoas e lugares impactados com a transposição do rio, ou os benefícios, entre outros.

QUADRO 6 - Construção da tese

Aspectos positivos da transposição do Rio São Francisco
Aspectos negativos da transposição do Rio São Francisco

Fonte: elaborado pelo autor-pesquisador (2023).

MÓDULO 4 - TIPOS DE ARGUMENTOS (carga horária: quatro aulas que somam cento e sessenta minutos)

Objetivo: Compreender a função argumentativa dos diversos tipos de argumentos que dão sustentação ao ponto de vista defendido.

A partir dos artigos de opinião (anexo A), os alunos identificaram os tipos de argumentos que sustentam a tese defendida em cada artigo e quais aparecem com mais frequência, ancorados em quais vozes se sustentam para a orientação da argumentatividade. Foi trabalhado em forma de discussão em sala.

QUADRO 7 - Tipos de argumentos

1) Argumento de autoridade – o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] por meio de dados [D], pela credibilidade de alguém da área.
2) Argumento por evidência ou comprovação - leva o leitor a aceitar uma tese por meio de dados estatísticos ou fatos de domínio público.
3) Argumento por exemplificação ou ilustração – o argumentador constrói a tese ou conclusão [C] em exemplos [D] que por si sós, já são suficientes para justificá-la [J].
4) Argumento por analogia ou comparação - estabelece relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar a posição assumida.
5) Argumento por causa e consequência - quando se procura explicar os porquês e as consequências da temática em questão, pode-se confirmar as ideias postas na tese.
6) Argumento por princípio - a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D] dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado a um fato em que se acredita. A tese ou conclusão se chega por meio dedutivo.

Fonte: conforme (Rangel; Gagliardi; Amaral, 2010, p. 102).

MÓDULO 5 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS (carga horária: quatro aulas que somam cento e sessenta minutos)

Objetivo: Conceber o direcionamento lógico-semântico que os operadores argumentativos marcam linguisticamente na tessitura textual.

Apresentamos, por meio de slides, com referência no texto de Koch e Elias (2016), os tipos de operadores argumentativos que aparecem nos textos argumentativos para a orientação da argumentatividade no artigo de opinião. Em seguida, foram trabalhados os dois artigos (anexo A), no qual localizamos esses operadores e como os mesmos orientam a argumentatividade nos textos (anexo C). Foi proposto um quadro, em sala, no qual os discentes, com o professor, identificaram os operadores argumentativos e definiram a orientação que os mesmos direcionam nos artigos analisados.

QUADRO 8 - Operadores argumentativos

Operadores que somam argumentos para uma mesma conclusão
Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão
Operadores que deixam subentendida em uma escala com outros argumentos mais fortes
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias
Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores
Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior
Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos visando a uma dada conclusão
Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas
Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos
Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade ou negação da totalidade

Fonte: conforme Koch; Elias (2016, p.64 – 83; 124 -151).

MÓDULO 6 - ESTRATÉGIAS PARA CONCLUIR A ARGUMENTAÇÃO (carga horária: quatro aulas que somam cento e sessenta minutos)

Objetivo: Correlacionar o direcionamento dos argumentos com o ponto de vista defendido.

Apresentamos, por meio de slides (apêndice C), com referência no texto de Koch e Elias (2016), como se constrói a conclusão do texto e, para este módulo, utilizamos os dois artigos (anexo A) para que os discentes identificassem a estratégia de conclusão argumentativa usada.

QUADRO 9 - Estratégias para concluir a argumentação

1- elaborar uma síntese	3- remissão a textos
2- proposição de solução para o problema	4- pergunta retórica

Fonte: conforme Koch; Elias (2016, p. 208 - 215).

MÓDULO 7 - CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA (carga horária: duas aulas que somam oitenta minutos)

Objetivo: Elaborar perguntas e obter respostas dos entrevistados para a construção de argumentos no artigo de opinião.

Foram realizadas, em sala, as inquirições para o roteiro da entrevista. Logo em seguida, fizemos uma visita *in loco* com os discentes e o professor-pesquisador, de forma orientada, no canal e barragem da transposição do Rio São Francisco em Cachoeira dos Índios-PB e na zona rural de Cajazeiras-PB. Abaixo, temos alguns aspectos que foram suscitados para a consecução das inquirições, além de outros pontos que surgiram dos próprios alunos após a visita à obra.

QUADRO 10 - Elaboração do roteiro da entrevista

Entrevistador(a): _____
Entrevistado(a): _____ Profissão: _____
1) Qual a sua opinião sobre o projeto de transposição do Rio São Francisco?
2) Quais os principais desafios enfrentados para a execução da transposição do Rio São Francisco?
3) Qual vai ser a utilidade da água advinda da transposição do Rio São Francisco? Em sua opinião, quem vai poder usar essa água? Essa água vai acabar, de fato, com a seca no Nordeste?
4) Como a construção da obra da transposição afetou o meio ambiente no que se refere à fauna e à flora locais?
5) No que se refere às vivências das pessoas nas comunidades atingidas pela passagem dos canais da transposição, quais impactos os ex-moradores vivenciaram ao deixar uma história de afetos com a comunidade que deixou de existir para dar lugar às obras da transposição?

Fonte: elaborado pelo autor-pesquisador (2023).

MÓDULO 8 - VISITA ÀS OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO (carga horária: seis aulas que somam duzentos e quarenta minutos)

Objetivo: Refletir sobre os aspectos ambientais, geográficos, socioculturais e sobre o êxodo rural das comunidades atingidas pelos canais da transposição do Rio São Francisco.

Com este módulo, objetivamos fazer com que os alunos visitassem *in locu* os canais e a barragem Caiçara, no município Cajazeiras-PB, concluídos. Com isso, observassem os aspectos modificados no meio ambiente, como também o destino final que essas águas estão

tomando, seja para consumo humano ou animal, agronegócio, etc. Em seguida, partimos para a cidade de Cachoeira dos Índios-PB, onde visitamos as comunidades atingidas pela transposição e observamos a rede de canais que está cortando a paisagem rural e a construção da barragem Tambor, neste município, assim como na zona rural de Cajazeiras-PB. Essa visita foi guiada por um engenheiro do Ministério da Integração Nacional, responsável pelo andamento/fiscalização da obra.

MÓDULO 9 - PRODUÇÃO FINAL DO ARTIGO DE OPINIÃO (carga horária: seis aulas que somam duzentos e quarenta minutos)

Objetivo: Aprimorar os aspectos constitutivos do gênero, assim como a tese, os argumentos, os operadores argumentativos e o encaminhamento para a conclusão.

Os discentes produziram o artigo de opinião, em sala, sobre o tema: “Transposição do Rio São Francisco: impactos e progressos”, em consonância com os módulos que foram apresentados na consecução da sequência didática. As respostas das entrevistas serviram de base para a construção da tese, dos argumentos, assim como da argumentatividade que o uso dos operadores argumentativos orienta nesse processo. Os textos de artigo de opinião (anexo A) e os vídeos (anexo B), assim como a visita ao espaço geográfico da transposição contribuíram para a construção da argumentação no artigo proposto.

5.2.4 Constituição do corpus e delimitação do objeto de análise

Foram analisados os textos escritos pelos alunos e tais produções textuais obedeceram a alguns critérios, tais como: discentes estarem presentes na proposição do gênero textual em sala e na apresentação para a proposta do tema; estarem em sala na produção textual das perguntas que iriam compor o material para as entrevistas; estarem presentes *in loco* na visita ao espaço geográfico da construção do canal e barragem da transposição do Rio São Francisco nos municípios de Cachoeira dos Índios-PB e Cajazeiras-PB; número mínimo de 14 linhas; terem participado de todos os módulos da sequência didática; enquadramento do texto na estrutura de artigo de opinião.

Foram elementos constitutivos da análise do *corpus*, nesta pesquisa: quais operadores argumentativos apareceram nos textos para a construção da argumentatividade na tese, nos tipos de argumentos e nas estratégias de conclusão. Por questões éticas de pesquisa, os nomes dos alunos foram ocultados e representados por meio de uma numeração. Elaboramos também um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por meio do qual os discentes souberam o

porquê que estávamos aplicando tal sequência didática, assim como também, foram comunicados que os mesmos poderiam sair da pesquisa a qualquer tempo em que desejassem. Quanto aos entrevistados, foram criados nomes fictícios.

5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados obedecendo a um olhar descritivo e interpretativo, ancorando-se na teoria base do estudo, de modo a identificar, nos textos produzidos pelos alunos, os aspectos de progressão de produção quanto ao reconhecimento da estrutura do gênero, dos tipos de argumentos utilizados e das estratégias para a conclusão dos textos. Assim, constitui objeto principal de análise, os tipos de operadores argumentativos que aparecem, e com que frequência, para a construção dos enunciados, além do direcionamento lógico-semântico os quais introduzem, visando comprovar que a argumentatividade está inscrita na própria língua.

5.4 O IMPACTO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES ESPERADAS

Com a aplicação da intervenção, fizemos com que os alunos observassem os variados posicionamentos sobre a situação-problema proposta e, como isso, as várias vozes que permeiam os discursos para a construção da argumentatividade objetivando a construção de sua tese e, com isso, a sustentação profícua de seus argumentos, dos operadores argumentativos e das estratégias de conclusão.

Foi esperado, com a proposta de intervenção, contribuir com a aplicabilidade dos elementos estruturais do gênero artigo de opinião, por meio da sequência didática, posto que este tipo de trabalho permite ao professor executar cada etapa através de módulos, de forma a construir cada parte do texto e culminar com a produção final do gênero em questão.

Como o gênero artigo de opinião possui natureza polêmica, abordando diversos assuntos de ordem social, econômica, política, ambiental, cultural, entre outros, que fazem parte das vivências dos discentes, propusemos a temática da transposição do Rio São Francisco pelo fato de que sua passagem, no município de Cachoeira dos Índios-PB e Cajazeiras-PB, trouxe impacto, dos mais diversos, desde indenizações de terras até mudança de localidade de moradia de alguns habitantes, inclusive para alguns alunos que estiveram nesta pesquisa. Tendo em vista que tudo isso perpassa por argumentos para a defesa de um

posicionamento, achamos, então, oportuno propor uma produção textual com o artigo de opinião com um tema que faz parte da realidade dos educandos, direta ou indiretamente.

No capítulo seguinte, realizaremos as análises dos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa e que seguirão procedimentos descritivo-interpretativos, tendo como base os postulados da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), no que se refere aos operadores argumentativos.

6 ANÁLISE DO *CÓRPUS*: OS OPERADORES ARGUMENTATIVOS PRESENTES NA TESE, NOS TIPOS DE ARGUMENTOS E NAS ESTRATÉGIAS DE CONCLUSÃO DOS ARTIGOS DE OPINIÃO

Este capítulo intenta cumprir com os seguintes objetivos específicos: promover atividades que auxiliem os alunos na construção de um posicionamento enunciativo com um tema de relevância social no gênero artigo de opinião; identificar e interpretar os operadores argumentativos mobilizados no texto, verificando como eles direcionam a articulação semântica para a produção da argumentatividade; identificar as vozes para a construção dos tipos de argumentos na defesa de uma tese; descrever quais estratégias argumentativas orientam a proposição da argumentatividade conclusiva do artigo de opinião.

As categorias de análise de dados são os operadores argumentativos e a frequência com que esses marcadores discursivos foram utilizados; e o direcionamento lógico-semântico que eles desempenharam na construção tese, dos tipos de argumentos e na estratégia de conclusão para consecução da escrita em sua versão inicial e final do gênero artigo de opinião. Ao realizarmos a análise das produções textuais, substituímos o nome dos alunos participantes pelos códigos: A1VI (aluno - 1 versão inicial) e A1VF (aluno - versão final) até (A5VI e A5VF).

QUADRO 11 - Operadores argumentativos encontrados no *corpus* da pesquisa

Operadores que somam argumentos para uma mesma conclusão	E, também, além de, ainda, nem, não só...como
Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão	Até, inclusive
Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias	Mas, porém, embora, no entanto, apesar de, entretanto, todavia
Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores	Sendo assim, por conseguinte, por isso, diante disso, assim, conseqüentemente
Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior	Porque, pois

Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos visando a uma dada conclusão	Mais que, mais do que
Operador que introduz argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas	Ou
Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos	Já, agora
Operadores que estabelecem relação de exclusão	Só, apenas
Operadores que estabelecem relação de mediação ou finalidade	Para, para que
Operadores que estabelecem relação de conformidade	Segundo
Operadores que estabelecem relação de comparação	Tanto quanto
Operadores que estabelecem relação de exemplificação	Como, por exemplo
Operadores que estabelecem relação de correção ou redefinição	Isto é
Operadores que estabelecem relação de causa e consequência	Uma vez que

Fonte: elaborado pelo autor baseado em Koch e Elias (2016); Köche, Boff e Marinello (2014).

FIGURA 2 - Aluno 1 - versão inicial (A1VI)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>O Renascer do Nordeste</u>	
1	A Transposição do Rio São Francisco pretende
2	resolver o problema de seca no Nordeste do
3	Brasil, mas ainda existem dúvidas quanto aos
4	benefícios dessa obra. O rio São Francisco
5	remonta ao Brasil colonial, pois ele serviu
6	para a interiorização do Brasil. Hoje em dia,
7	ele é importantíssimo tanto para a agricultura,
8	quanto para o resto desse país inteiro.
9	Esse problema da seca na região nordeste-
10	tina não é atual, porém, apenas a partir
11	de 2007, com o início das obras de transposi-
12	cão do rio São Francisco é que passou a
13	gerar esperança para as populações da
14	área.
15	Os impactos negativos tais como o abaixamento do nível do rio, como a desapropriação das terras e o deslocamento de comunidades; a redução da biodiversidade, etc. Mas se compensa os muitos benefícios trazidos, como o desenvolvimento da agricultura; a geração de empregos e o melhor abastecimento das cidades.
16	O governo Federal, viu a transposição como única alternativa para um fim na falta de água que a cada ano se agravava no Nordeste.
17	Assim, a obra já está sendo utilizada por milhões de pessoas que se alegram ao ver que o projeto está funcionando de maneira adequada, e com a sua função principal, que é abastecer pessoas com a água em boas condições para o consumo.
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

O texto, em sua versão inicial, atende às características do gênero artigo de opinião, pois o tema é condizente ao que foi proposto, assim como o estilo formal ao longo do texto e, no tocante à estrutura composicional, atende à estruturação do gênero artigo de opinião: a introdução, desenvolvimento e a conclusão.

O título “O renascer do nordeste” está em conformidade com o tema da transposição do Rio São Francisco, através do qual percebemos que A1VI é a favor das obras da transposição. O tema foi contextualizado, no primeiro e segundo parágrafos, por meio da afirmação de que o Rio São Francisco serviu para a interiorização do Brasil e que o problema da seca no Nordeste não é atual, mas que, só em 2007, foram iniciadas as obras da transposição. Ainda acrescenta um argumento que o rio é importantíssimo, tanto para a agricultura quanto para o nosso país inteiro.

Os argumentos que dão respaldo à tese aparecem no último parágrafo (conclusão), argumentando que a obra já está sendo utilizada por milhares de pessoas que se alegram ao ver que o projeto está funcionando de maneira adequada. Quanto ao uso dos argumentos que refutam a tese, estes foram mobilizados no terceiro parágrafo, contra-argumentando que os impactos são: o abaixamento do nível do rio, como a desapropriação de terras; o êxodo de comunidades e a redução da biodiversidade, etc. Neste sentido, o operador argumentativo **como** foi usado desnecessariamente, pois A1VI utilizou com o intuito de ser um novo argumento, mas, pelo que está marcado linguisticamente, exemplifica a desapropriação de terras pelo abaixamento do nível do rio. Percebemos também o uso do conectivo **e** em: “[...] a desapropriação de terras e o êxodo de comunidades, [...]” uma vez que ainda tinha o argumento da redução da biodiversidade. Quanto aos demais operadores, percebemos que foram usados de forma condizente ao direcionamento lógico-semântico a que se destinam. No parágrafo da conclusão, A1VI usou argumento para referendar a tese e que precisa melhorar no sentido de apresentar uma estratégia conclusiva mais adequada.

No que condiz aos aspectos da norma gramatical e linguística, notamos que o texto em análise atende às normas da Língua Portuguesa, excetuando alguns aspectos da pontuação. Para tanto, percebemos que temos um ponto e vírgula, onde era para ser um ponto no final do primeiro parágrafo, vejamos: “[...] interiorização do **Brasil; Hoje** em dia, [...]”. Temos também no início do último parágrafo a separação do sujeito do predicado por vírgula o que não é permitido pelas normas vigentes da Gramática Normativa, vejamos: “O governo federal, viu a transposição como única alternativa...” (grifo nosso).

QUADRO 12 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 1 - versão inicial)

Tese principal	“Hoje em dia, ele é importantíssimo tanto para a agricultura quanto para nosso país
-----------------------	---

	inteiro.” (1º parágrafo)
Argumentos	“A transposição do rio São Francisco pretende resolver o problema de seca no Nordeste do Brasil.” (1º parágrafo) “Os impactos negativos tais como o abaixamento do nível do rio, como a desapropriação das terras e o êxodo de comunidades; a redução da biodiversidade, etc.” (3º parágrafo) “Mas se compensa os muitos benefícios trazidos, como o desenvolvimento da agricultura; a geração de empregos e o melhor abastecimento dos ‘cidadões’.” (3º parágrafo)
Operadores argumentativos	Mas, ainda, para (três ocorrências), pois, tanto...quanto (1º parágrafo); porém, apenas, para (2º parágrafo); como (três ocorrências), e (duas ocorrências), mas (3º parágrafo); como, para (duas ocorrências), sendo assim, já, e (4º parágrafo).
Estratégias para conclusão	“O governo federal, viu a transposição como única alternativa para um fim na falta de água que a cada ano se agrava no Nordeste brasileiro.” (4º parágrafo)

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A tese se define, logo no primeiro parágrafo, quando A1VI (aluno 1 - versão inicial) declara: “Hoje em dia, ele é importantíssimo tanto para a agricultura quanto para nosso país inteiro”. Manifesta-se pelo título e tese que é a favor das obras da transposição do Rio São Francisco.

No primeiro parágrafo, A1VI manifesta seu primeiro argumento de princípio “A transposição do rio São Francisco pretende resolver o problema de seca no Nordeste do Brasil (1º parágrafo)” em favor de sua tese, pois defende que o Rio São Francisco é importantíssimo

para a agricultura e para o país, ou seja, convalida com o argumento que a transposição pretende resolver o problema da seca no nordeste.

No terceiro parágrafo, o argumento por evidência aparece em: “Os impactos negativos tais como o abaixamento do nível do rio, como a desapropriação das terras e o êxodo de comunidades; a redução da biodiversidade, etc.” (3º parágrafo), é usado como contra-argumento à tese e ao argumento por evidência que aparece em seguida: “Mas se compensa os muitos benefícios trazidos, como o desenvolvimento da agricultura; a geração de empregos e o melhor abastecimento dos ‘cidadões’” (3º parágrafo).

O operador argumentativo **mas** (1º parágrafo) foi usado para estabelecer a contrajunção entre o argumento “A transposição do rio São Francisco pretende resolver o problema de seca no Nordeste do Brasil, **mas ainda** sobram dúvidas quanto aos benefícios dessa obra. Ducrot (1987) esclarece que operador **ainda** possui valor iterativo quando marca a repetição de um acontecimento ou continuativo quando marca a persistência de um estado. No caso em análise, esse operador pode ser suprimido do enunciado sem prejuízo semântico, uma vez que o operador **mas** já desempenha a contrajunção argumentativa, sendo sua função só de reforçar a contrajunção de que se tem dúvidas sobre os benefícios da transposição.

Quanto ao **pois**, esse operador foi usado com o valor semântico de explicação/justificativa do posicionamento expresso anteriormente, vejamos: “O rio São Francisco remonta ao Brasil colonial, **pois** ele serviu para a interiorização do Brasil.” Em seguida, o operador **para** denota finalidade nas três ocorrências “[...] ele serviu **para** a interiorização, [...] ele é importantíssimo tanto **para** a agricultura quanto **para** nosso país inteiro”. Por conseguinte, temos o emprego de uma comparação expressa pelo operador **tanto...quanto** observamos: “... ele (o rio) é importantíssimo **tanto** para a agricultura **quanto** para o nosso país inteiro”. Mesmo se tratando de um comparativo de igualdade, do ponto de vista gramatical, argumentativamente o enunciado é mais favorável à importância do rio para a agricultura que para nosso país inteiro.

No segundo parágrafo, temos o uso do **porém** com o valor de contrajunção argumentativa servindo para contrapor o argumento manifesto anteriormente: “Esse problema da seca na região nordeste não é atual, **porém, apenas**, a partir de 2007 com o início das obras da transposição do rio São Francisco é que passou a surgir esperança **para** as populações da área”. O uso do operador **apenas**, marcador de exclusão, referenda que, somente a partir de 2007, com o início das obras, é que passou a surgir esperança para as populações da área; no tocante ao operador **para**, é indicador de finalidade da construção da obra.

No terceiro parágrafo, o operador **como** (três ocorrências) nos trechos: “Os impactos negativos tais **como** o abaixamento do nível do rio, **como** a desapropriação de terras, [...] os muitos benefícios trazidos, **como** o desenvolvimento da agricultura, [...]” marcam o valor semântico de exemplificação para justificar os impactos negativos e os benefícios da obra. No que concerne ao uso do operador **e** (nas duas ocorrências no parágrafo), o mesmo foi usado com o valor de soma de ideias, vejamos: “[...] como a desapropriação de terras **e** o êxodo de comunidades, [...] a geração de empregos **e** o melhor abastecimento das cidades”. Ainda temos o emprego do **mas** para marcar a contrajunção/oposição de argumentos positivos sobre os negativos, observemos: “Os impactos negativos tais como o abaixamento do nível do rio, como a desapropriação de terras, [...] **Mas** se compensa os muitos benefícios trazidos, como o desenvolvimento da agricultura, [...]”.

No quarto e último parágrafo, podemos observar o uso o operador **como** marcando exemplificação novamente em: “O governo federal, viu a transposição **como** única alternativa **para** um fim na falta de água [...]”, ao analisarmos o elemento linguístico **para** percebemos a sua indicação de finalidade para a qual a transposição foi pensada. O operador argumentativo que A1VI utilizou para concluir suas ideias foi “**Sendo assim**, a obra **já** está sendo utilizada por milhares de pessoas que se alegram ao ver que o projeto está funcionando de maneira adequada, **e** com a sua função principal, que é abastecer pessoas, [...]”. O conector **já** introduz, no enunciado, um conteúdo pressuposto de que antes as pessoas não estavam usando as águas da transposição. Por conseguinte, a soma de ideias em favor de sua conclusão foi sinalizada no texto com a conjunção **e**.

A1VI começa seu texto argumentando que a transposição pretende resolver o problema de seca no Nordeste, alertando também que pairam dúvidas quanto aos benefícios da obra. Mas, no mesmo parágrafo introdutório, afirma que o Rio é importante para a agricultura e para o país como um todo. Apresenta contra-argumentos de que a transposição trouxe “o abaixamento do nível do rio, a desapropriação de terras e o êxodo de comunidades; a redução da biodiversidade, etc.,...”, mas afirma, em seguida, que compensa com os muitos benefícios trazidos, como “o desenvolvimento da agricultura, a geração de empregos e o melhor abastecimento das cidades”. A1VI retoma a tese “ele é importantíssimo tanto para a agricultura quanto para nosso país inteiro” com a elaboração de uma síntese expressa no final do texto “a obra já está sendo utilizada por milhares de pessoas que se alegram ao ver que o projeto está funcionando de maneira adequada, e com a sua função principal, que é abastecer pessoas, [...]”.

FIGURA 3: Aluno 1 - versão final (A1VF)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>O Nordeste e os sonhos da transposição</u>	
1	A transposição das águas do São Francisco é
2	o maior projeto de infraestrutura desenvolvido no
3	Brasil. A seca, infelizmente, é a triste realidade do sertão
4	perdido, unindo, a transposição tem uma grande impor-
5	tância para o desenvolvimento da nossa região,
6	motivo pelo qual o projeto foi criado.
7	A ex-moradora da comunidade Redondo em Cachoeira das
8	Índias - PB, chamada Aldemara Pereira afirma que "Esse pro-
9	jeto é uma grande esperança para que acabe com a seca na
10	região do nordeste, e vai beneficiar bastante a população
11	do Redondo." Com todos esses benefícios, ela diz que
12	"É difícil também, porque fiquei sem a minha casa".
13	A moradora se encontra em uma situação difícil, mas
14	acredita que esse projeto muda as vidas de mui-
15	tas pessoas, inclusive a dela.
16	Segundo o site gov.br, a obra tem como meta
17	beneficiar uma população estimada de 12 milhões de
18	insatisfeitos, em 390 municípios nos Estados do nor-
19	deste, além de gerar empregos e promover inclusão so-
20	cial. Mas embora todos esses benefícios, existem
21	também bastantes malefícios. O rio apresenta vários an-
22	os com assoreamento devido ao desmatamento perto
23	de suas margens, causado pela exploração agropecuá-
24	ria, pela poluição decorrente da mineração e pelo
25	lançamento de esgotos em suas águas.
26	Acreditamos que existem mais benefícios do que
27	malefícios nesse projeto. Além de todos esses gastos, a
28	transposição vem sendo a única alternativa para que
29	os efeitos da seca diminuam no nordeste brasileiro, pois
30	já está sendo utilizada por milhares de pessoas

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

QUADRO 13 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 1 - versão final)

Tese principal	"A transposição tem uma grande importância para nossa região, motivo pelo
-----------------------	---

	qual o projeto foi criado” (1º parágrafo).
Argumentos	“Esse projeto é uma grande esperança para que acabe com a seca na região nordeste, e vai beneficiar bastante a população do Redondo” (2º parágrafo). “É difícil também, porque fiquei sem a minha casa” (2º parágrafo). “A obra tem como meta beneficiar uma população estimada em 12 milhões de habitantes, em 390 municípios nos estados do nordeste” (3º parágrafo). “O rio apresenta várias áreas com assoreamento, devido ao desmatamento perto de suas margens, causado pela exploração agropecuária, pela poluição decorrente da mineração e pelo lançamento de esgotos em suas águas” (3º parágrafo).
Operadores argumentativos	Para (1º parágrafo); para, e, também, porque, mas, inclusive (2º parágrafo); segundo, como, além de, e (duas ocorrências), mas, embora, também, e (3º parágrafo); mais do que, além de, para que, pois, já (4º parágrafo).
Estratégias para conclusão	“A transposição vem a ser a única alternativa para que os efeitos da seca diminuam no nordeste brasileiro. Pois já está sendo utilizada por milhares de pessoas.”

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A tese foi construída, no primeiro parágrafo, por A1VF (aluno 1 - versão final) quando afirma: “A transposição tem uma grande importância para nossa região, motivo pelo qual o projeto foi criado”. Sendo assim, já fica constatado que o texto vai ser norteado com argumentos nos quais os pontos positivos se sobressaíam sobre os negativos.

O segundo parágrafo é composto por dois argumentos de autoridade, no caso, de uma ex-moradora da comunidade atingida nominada por Aldenora Pereira que diz: “Esse projeto é uma grande esperança para que acabe com a seca na região nordeste, e vai beneficiar bastante a população do Redondo” e “É difícil também, porque fiquei sem a minha casa.”, esses argumentos reforçam a tese em favor da transposição, nisso, fica posto que mesmo a ex-moradora tenha perdido seu lar para dar passagem à obra, ela acredita que teremos mais benefícios com a chegada das águas em sua comunidade.

No tocante ao 3º parágrafo, A1VF inicia com um argumento de autoridade que, no caso, é o site GOV.BR que assevera: “A obra tem como meta beneficiar uma população estimada em 12 milhões de habitantes, em 390 municípios nos estados do nordeste”. Esse argumento de autoridade reforça mais ainda sua tese. Em seguida, vem um contra-argumento, no terceiro parágrafo que, no caso, é um argumento de causa e consequência, vejamos: “O rio apresenta várias áreas com assoreamento, devido ao desmatamento perto de suas margens, causado pela exploração agropecuária, pela poluição decorrente da mineração e pelo lançamento de esgotos em suas águas”.

No primeiro parágrafo, o operador **para** funciona como indicador de finalidade e reforça a tese em: “a transposição tem uma grande importância **para** o desenvolvimento da nossa região”, assim como em “Esse projeto é uma grande esperança **para que** acabe com a seca na região nordeste [...]” (2º parágrafo), em ambos os casos, temos o **para** e **para que** indicando finalidade. Ainda no segundo parágrafo, temos as conjunções **e** e **também** expressando adição de ideias “Esse projeto é uma grande esperança para que acabe com a seca na região nordeste, **e** vai beneficiar bastante a população do Redondo, [...] é difícil **também, porque** fiquei sem a minha casa”, a respeito dos operadores ‘e’ e ‘também’, Vogt (2009) afirma que estes adicionam argumentos a outros já citados. Já no tocante ao emprego do operador **porque**, explica o fato da ex-moradora ser a favor da transposição, muito embora tenha perdido sua casa.

Para concluir o segundo parágrafo, A1VF contrapõe argumentos com o uso do **mas** “A moradora se encontra em uma situação difícil, **mas** acredita que esse projeto mude a vida de muitas pessoas, **inclusive** a dela” e, logo em seguida, fecha o parágrafo com o operador de inclusão, **inclusive**. O emprego do operador **inclusive**, segundo Ducrot (1987), está intimamente ligado à questão da ordem e da força dos argumentos na escala determinada por ‘r’, segundo determinadas intenções no interior de uma escala argumentativa.

O terceiro parágrafo inicia com o operador **segundo** indicando conformidade “Segundo o site gov.br a obra tem **como** meta beneficiar uma população estimada em 12

milhões [...]”. O uso do conectivo **como** tem a função de exemplificação. Na visão de Ducrot (1987), a junção de ideias em favor de um mesmo argumento é expressa por meio dos operadores **além de** e **e** (duas ocorrências) no fragmento: “[...] **além de** gerar empregos **e** promover inclusão social,...pela poluição decorrente da mineração **e** pelo lançamento de esgotos em suas águas”. O **mas** introduz um argumento contrário ao que é dito anteriormente, seguido de **embora** que, como diz Guimarães (1981, *apud* Koch 2011, p.153) que quando se diz embora B, A antecipa ao interlocutor que será apresentado um argumento possível a favor de uma conclusão **r**, mas que este será anulado pela introdução de um argumento decisivo a favor de **não-r**.

Esse fato ocorre ao verificarmos que o argumento: “**Mas embora** todos esses benefícios, existem também bastantes malefícios.”, contrapondo aos argumentos anteriormente citados, resumidamente: “[...] benefício para mais de 12 milhões de habitantes, geração de empregos e inclusão social”. Ducrot (1987) considera o ‘mas’ como operador opositivo por natureza, isto é, em sua originalidade. A adição de ideias que apontam para uma mesma conclusão aparece no final do 3º parágrafo com o uso do **também**, observemos: “[...] existem **também** bastantes malefícios [...] pela poluição decorrente da mineração, [...] ”.

No quarto e último parágrafo, o conector de comparação de superioridade **mais...do que** aparece para marcar que há mais benefícios que malefícios com a obra “[...] existem **mais** benefícios **do que** malefícios nesse projeto”. O conectivo **além de** soma argumentos em favor do que foi dito anteriormente “**além de** todos esses gastos, a transposição vem a ser a única alternativa **para que** os efeitos da seca diminuam no nordeste brasileiro, **pois já** está sendo utilizada por milhares de pessoas”. A finalidade da transposição está marcada com a locução **para que** seguido do **pois** que expressa a justificativa para a qual a transposição apresenta mais benefícios que malefícios e, quanto ao operador **já**, introduz no enunciado um conteúdo pressuposto.

No tocante à estratégia de conclusão, foi usada a elaboração de uma síntese, pois A1VF apresenta a seguinte tese: “A transposição tem uma grande importância para nossa região, motivo pelo qual o projeto foi criado” (1º parágrafo). No final do seu texto, expressa o seguinte: “A transposição vem a ser a única alternativa para que os efeitos da seca diminuam no nordeste brasileiro. Pois já está sendo utilizada por milhares de pessoas” (4º parágrafo).

FIGURA 4 - Aluno 2 - versão inicial (A2VI)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: _____	
1	O projeto de Transposição prevê a construção de dois canais: O rio Norte
2	que fluirá água para as regiões de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande
3	do Norte, e o rio leste, que beneficiará parte do estado e a região agri-
4	cola de Pernambuco e da Paraíba.
5	Os contrários argumentam, além do custo e sua mutação, contra a agre-
6	ssão à natureza que será cometida no entorno do rio, prejudicando flora e
7	fauna das regiões envolvidas pela Transposição, deixando pessoas sem suas ca-
8	sas, terra, e saúde da população ao redor. Também aumentam, espécies
9	como caramuru, cobra e aranhas podem acabar aumentando as residências.
10	Contou-se com o estado que o projeto de transposição irá melhorar a
11	oferta hídrica das regiões prejudicadas com a escassez de água, gerando
12	novas possibilidades de renda, e redução da suspensão da população
13	em situações emergenciais de seca, melhorar para os animais, trabalhar devi-
14	do a obra.

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

A2VI não apresentou título, assim como uma tese de forma explícita, uma vez que, no parágrafo introdutório, apenas afirmou que a transposição é composta por dois eixos e direcionou para quais Estados os eixos norte e leste levarão suas águas. O tema e o estilo estão condizentes ao gênero, mas, quanto aos aspectos composicionais, não temos uma tese explícita, assim como uma estratégia de conclusão. No tocante à contextualização, no primeiro parágrafo, apresenta-se de forma superficial.

A2VI inicia o segundo parágrafo apresentando argumentos de causa e consequência contra as obras da transposição “[...] além do custo e ‘mutação’, contra a agressão à natureza que será cometida no entorno do rio, [...]”. No terceiro e último parágrafo, discorre sobre argumento de causa e consequência também: “[...] o projeto de transposição irá melhorar a oferta hídrica das regiões ‘prejudicadas’ com a escassez de água, gerando novas possibilidades de renda, [...]”. Diante disso, podemos perceber que A2VI apresentou apenas os argumentos contra e a favor às obras de transposição, não deixando explícita sua tese. Quanto ao uso dos operadores argumentativos, A2VI direcionou, de forma adequada, a sua intencionalidade argumentativa, ao longo do texto, deixando a desejar, apenas, no parágrafo,

final, um operador conclusivo que iniciasse tal parágrafo.

Quanto aos aspectos ortográficos do texto, percebemos o desvio da norma padrão nas seguintes palavras: ‘mutação’ manutenção; ‘contatou-se’ constatou-se; ‘prejudicandas’ prejudicadas; ‘esposição’ exposição, em que inferimos o desvio ortográfico pelo contexto. Quanto à acentuação gráfica, percebemos desvio em: ‘Ceára’ Ceará; ‘Paraiba’ Paraíba (em duas ocorrências); ‘contrarios’ contrários.

QUADRO 14 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 2 - versão inicial)

Tese principal	Não está clara
Argumentos	“Os contrários argumentam, além do custo e de sua mutação, contra a agressão à natureza que será cometida no entorno do rio, prejudicando flora e fauna das regiões socorridas pela transposição, deixando pessoas sem suas casas, terra, a saúde da população ao redor também aumentam, espécies como aranhas, cobras e escorpiões pode acabar invadindo as residências”. “Constatou-se com o estudo que o projeto de transposição irá melhorar a oferta hídrica das regiões ‘prejudicandas’ com a escassez de água, gerando novas possibilidades de renda, e redução da ‘esposição’ da população a situações emergenciais de seca, melhorias para os animais, trabalhos devido a obra”.
Operadores argumentativos	Para, e (quatro ocorrências), (1º parágrafo); além do, e (três ocorrências), também, como, (2º parágrafo); e, para (3º parágrafo).
Estratégia de conclusão	A2VI utilizou um argumento em favor da transposição, ao invés de, uma estratégia de conclusão: “[...] a redução da ‘esposição’ da

	população as situações emergenciais de seca, [...]”.
--	--

Fonte: *corpus* da pesquisa (2023).

Constatamos que A2VI (aluno 2 - versão inicial) não deixou clara sua tese e iniciou seu texto com uma informação sobre a obra: “O projeto de transposição prevê a construção de dois canais: o eixo norte que levará água para os sertões [...]”.

O segundo parágrafo é composto por um argumento de causa e consequência expresso em “Os contrários argumentam, além do custo e mutação, contra a agressão à natureza que será cometida no entorno do rio, prejudicando flora e fauna das regiões socorridas pela transposição, deixando pessoas sem suas casas, terra, a saúde da população ao redor também aumentam, espécies como aranhas, cobras e escorpiões pode acabar invadindo as residências”. No trecho, constata-se os argumentos contra a transposição como o custo da obra e a manutenção, além das agressões ao meio ambiente que traz consequências de invasão de animais a procura de abrigo nas residências.

O terceiro e último parágrafo está posto da seguinte forma: “Constatou-se com o estudo que o projeto de transposição irá melhorar a oferta hídrica das regiões ‘prejudicandas’ com a escassez de água, gerando novas possibilidades de renda, e redução da ‘exposição’ da população a situações emergenciais de seca, melhorias para os animais, trabalhos devido à obra”. Esse argumento também se caracteriza como sendo de causa e consequência, através do qual se afirma que, com a transposição, iremos melhorar a oferta hídrica nas regiões prejudicadas e, em seguida, apresentam-se as melhorias com a água para socorrer os habitantes com os efeitos da seca.

No tocante ao uso dos operadores argumentativos, no primeiro parágrafo, temos o uso do operador **para** que marca finalidade dos canais e o uso do **e** (nas quatro ocorrências) com a função de somar argumentos em favor de uma mesma conclusão, vejamos: “O eixo norte levará água **para** os sertões, [...] Paraíba **e** Rio Grande do Norte, **e** o eixo leste, que beneficiará parte do sertão **e** a região agreste de Pernambuco **e** Paraíba”.

No segundo parágrafo, o emprego dos operadores **além** e **e** (nas três ocorrências) adicionam argumentos em favor de uma mesma conclusão: “[...] **além** do custo **e** sua ‘mutação’ contra a agressão a natureza que será cometida no entorno do rio, prejudicando fauna **e** flora, [...] espécies como aranhas, cobras **e** escorpiões...”, em seguida, temos o uso do conector **como** com função exemplificativa: “[...] espécies **como** aranhas,[...]”.

No terceiro e último parágrafo, temos a presença dos operadores **e** e **para**, orientando

a argumentatividade para soma de argumentos em favor de um mesma conclusão e a finalidade das obras da transposição “[...] o projeto de transposição irá melhorar a oferta hídrica das regiões ‘prejudicandas’ com a escassez de água, gerando novas possibilidades de renda, e a ‘esposição’ da população a situações emergenciais de seca, melhorias para animais, [...]”.

É notório que A2VI não utilizou estratégia para concluir seu texto, uma vez que, no parágrafo final, apresentou os argumentos a favor da transposição “Constatou-se com o estudo que o projeto de transposição irá melhorar a oferta hídrica das regiões ‘prejudicandas’ com a escassez de água, gerando novas possibilidades de renda, e redução da ‘esposição’ da população a situações emergenciais de seca, melhorias para os animais, trabalhos devido à obra”.

FIGURA 5 - Aluno 2 - versão final (A2VF)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>A Transposição: benefícios e impactos</u>	
1	A execução do projeto consiste em captar água do Rio São Francisco para as
2	estações de abastecimento, as mesmas recebem a água por tubos até a parte mais
3	alta do canal. O objetivo da transposição é levar água para lugares onde antes
4	antes não se encontrava abundantemente, mas que para isso seja possível é
5	precisário grandes obras. A transposição foi pensada no período do governo imperial,
6	mas só em 2004 foi iniciada e é composta por dois rios: Norte e Sul, o
7	rio Norte leva água para os estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio
8	Grande do Norte e o Sul abastece as cidades de Pernambuco e Paraíba.
9	A transposição vai garantir segurança hídrica para milhares de moradores,
10	crianças, idosos e enfermos.
11	No entanto, para que a transposição seja possível é necessário a
12	realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito
13	relevante. Entre os principais impactos ambientais causados por uma obra desse
14	porte, podemos citar: o desmatamento, destruição de habitats, surgimento de pro-
15	cessos erosivos e que também acaba impedindo o caminho que pediram os
16	utilizadores pelos animais, com a perda da fauna e flora, afetando o
17	processo de extinção de algumas espécies.
18	Os principais benefícios são: irrigação para agricultura e criação de
19	melhor, fornecimento de água para pessoas e animais, além de geração de em-
20	pregos, mas também alguns benefícios, uma vez que fortalece a economia
21	regional. Água é fator de desenvolvimento econômico, além de melhorar a
22	qualidade de vida, por em algumas cidades a água já chegou e está regu-
23	lando agricultores com a plantação e na criação de animais.
24	Diante dos pontos positivos e negativos é preciso ponderar um aspecto de
25	que a água servirá para milhares de moradores que precisam de água
26	para beber, irrigar plantações, criação de animais, construção civil, indústrias,
27	entre outros usos.

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

QUADRO 15 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 2 – versão final)

Tese principal	“A transposição vai garantir segurança hídrica para milhares de nordestinos, açudes, barragens e cisternas” (1º parágrafo).
Argumentos	“Para que a transposição seja exequível é necessário a realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito elevado” (2º parágrafo). “Entre os principais impactos ambientais causados por uma obra desse porte, podemos citar: o desmatamento, destruição de habitats, desertificação, surgimento de processos erosivos e que também acaba impedindo o caminho que poderia ser utilizado pelos animais, com a perda da fauna e flora, acelerando o processo de extinção de algumas espécies” (2º parágrafo). “Os principais benefícios são: irrigação para agroindústria e lavoura familiar, fornecimento de água para pessoas e animais, além de geração de empregos, esses seriam alguns benefícios...” (3º parágrafo). “[...] algumas cidades a água já chegou e está ajudando agricultores com a plantação e a criação de animais” (3º parágrafo).
Operadores argumentativos	Para (cinco ocorrências), até, mas (duas ocorrências), só, e (seis ocorrências), (1º parágrafo); no entanto, para que, e (duas ocorrências), também, (2º parágrafo); para (duas ocorrências), e (quatro ocorrências),

	além de (duas ocorrências), pois, já, uma vez que (3º parágrafo); e, para (duas ocorrências) (4º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“[...] a água servirá para milhares de nordestinos que precisam deste líquido para beber, irrigar plantações, criação de animais, construção civil, indústrias, entre outros fins” (4º parágrafo).

Fonte: *corpus* da pesquisa (2023).

A tese se manifesta, marcada no primeiro parágrafo, no momento em que A2VF afirma: “A transposição vai garantir segurança hídrica para milhares de nordestinos, açudes, barragens e cisternas” (1º parágrafo).

O segundo parágrafo inicia com um argumento de causa e consequência, que funciona como um contra-argumento à sua tese, observemos: “Para que a transposição seja exequível é necessário a realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito elevado”. Argumenta que, para a exequibilidade da obra (causa), vamos ter como consequência um potencial de destruição muito elevado. Observamos, no mesmo parágrafo, outro argumento de causa e consequência “Entre os principais impactos ambientais causados por uma obra desse porte, podemos citar: o desmatamento, destruição de habitats, desertificação, surgimento de processos erosivos e que também acaba impedindo o caminho que poderia ser utilizado pelos animais, com a perda da fauna e flora, acelerando o processo de extinção de algumas espécies”. Fica claro, pelo exposto, que para as causas do desmatamento e destruição de habitats, teremos as consequências, respectivamente, desertificação e surgimento de processos erosivos para a primeira causa, e a perda da fauna e flora, assim como o aceleramento de extinções de espécies animais para a segunda causa.

O terceiro parágrafo inicia com um argumento por exemplificação em favor à sua tese: “Os principais benefícios são: irrigação para agroindústria e lavoura familiar, fornecimento de água para pessoas e animais, além de geração de empregos, esses seriam alguns benefícios, [...]”. Em seguida, culmina com mais um argumento por exemplificação em favor à sua tese “[...] algumas cidades a água já chegou e está ajudando agricultores com a plantação e a criação de animais”.

No primeiro parágrafo do texto, o operador argumentativo **para** (nas cinco ocorrências) denota finalidade em todas as ocorrências, vejamos: “[...] consiste em captar água do Rio São Francisco **para** estações de bombeamento, [...]”, “[...] o objetivo da transposição é levar água **para** lugares onde esse recurso, [...]”, “[...] **para** que isso seja possível é necessário grandes obras”, “[...] o eixo norte leva água **para** estados de Pernambuco, [...]” e em “[...] vai garantir segurança hídrica **para** milhares, [...]”. No mesmo parágrafo, temos o operador **até** em: “[...] as bombas elevam a água por tubos **até** a parte mais alta” indicando direção.

Em seguida, as duas ocorrências do operador **mas** aparecem com valor de contrajunção argumentativa, vejamos: “O objetivo da transposição é levar água para lugares onde esse recurso não é encontrado abundantemente, **mas** que para isso seja possível, [...]” e em: “A transposição foi pensada no período do governo imperial, **mas só** em 2007, [...]”, marcando a contrajunção argumentativa temporal do Império para a primeira década deste século, e no tocante ao operador **só**, o mesmo é indicador de exclusão de outros argumentos. Ainda no mesmo parágrafo, as ocorrências com o conector **e**, de valor aditivo, orienta para a soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão, observemos: “[...] mas só em 2007 foi iniciada **e** é composta por dois eixos: norte **e** leste, [...] Paraíba **e** Rio Grande do Norte **e** o leste abastece as cidades de Pernambuco **e** Paraíba. [...] para milhares de nordestinos, açudes, barragens **e** cisternas”.

O segundo parágrafo começa com o operador **no entanto** marcando, linguisticamente, a relação pela qual se contrapõe ao enunciado anterior fazendo prevalecer o argumento iniciado por **no entanto**, vejamos: “A transposição vai garantir segurança hídrica para milhares de nordestinos, açudes, barragens e cisternas. **No entanto, para que** a transposição seja exequível é necessário a realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito elevado”. Ademais, percebemos o operador **para que** orientando, discursivamente, o sentido de uma finalidade. Por conseguinte, temos os conectores **e** e **também** orientando a soma de argumentos para uma mesma conclusão, em que o conectivo **também** reforça mais ainda o sentido da conjunção **e**, vejamos: “[...] surgimento de processos erosivos **e** que **também** acaba impedindo o caminho que poderia ser utilizado pelos animais, com a perda da fauna **e** flora, [...]” e, para finalizar o parágrafo, a conjunção **e** somando argumentos.

O terceiro parágrafo apresenta duas ocorrências do operador **para**, ambas indicam finalidade “[...] irrigação **para** agroindústria e lavoura familiar, fornecimento de água **para** pessoas e animais, além de geração de empregos, esses seriam alguns benefícios, [...]” Em

seguida, temos o operador **e** indicando soma de argumentos em favor de uma conclusão, vejamos: “[...] irrigação para agroindústria **e** lavoura familiar, fornecimento de água para pessoas **e** animais, [...] pois em algumas cidades a água já chegou **e** está ajudando os agricultores com a plantação **e** a criação de animais”. No mesmo parágrafo, as duas ocorrências do operador **além de** expressa soma de argumentos “[...] fornecimento de água para pessoas e animais, **além de** geração de empregos, [...] água é fator de desenvolvimento econômico, **além de** fortalecer a qualidade de vida, [...]”. No tocante ao articulador lógico-semântico **uma vez que**, expressa causalidade e, no que concerne ao operador **já**, marca um pressuposto. E, por fim, o operador **pois** expressa explicação “[...] **pois** em algumas cidades a água **já** chegou e está ajudando agricultores, [...]”. Segundo Koch (2006a), o operador **já** é responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo, que consiste num ato de justificação do enunciado anterior.

No quarto parágrafo, o operador **e** marca soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão, vejamos: “Diante de pontos positivos **e** negativos [...]”, e o conectivo **para**, nas duas ocorrências, indica finalidade “[...] a água servirá **para** milhares de nordestinos que precisam deste líquido **para** beber, [...]”.

Por fim, quanto à estratégia de conclusão, A2VF utilizou uma síntese, apontando que os pontos positivos são mais fortes que os negativos quando afirma: “[...] a água servirá para milhares de nordestinos que precisam deste líquido para beber, irrigar plantações, criação de animais, construção civil, indústrias, entre outros fins”.

FIGURA 6 - Aluno 3 - versão inicial (A3VI)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>Os benefícios do rio São Francisco</u>	
1	A transposição do rio São Francisco tem como objetivo levar
2	água para os lugares que a população sofre muito com a seca, com a
3	falta de água. É um dos principais rios brasileiros e é responsável por
4	abastecer cinco estados, ele é usado para irrigação, para pesca, para
5	produzir energia elétrica etc.
6	Sou a favor, apesar de ter seus pontos negativos, como por
7	exemplo, a destruição de habitats naturais de muitas espécies, a
8	destruição de corais, devido a isso muitas famílias tiveram que di-
9	xar o lugar onde moravam e cresceram, talvez nem todos mais uma
10	bora parte não. Mas mesmo com todos esses pontos negativos, tam-
11	bém tem seus benefícios, por exemplo, surgiram mais oportunidades de
12	emprego, as regiões com pouca água também são beneficiadas, pois
13	podem usar essa água para a plantação, para afogamento de casa, para
14	pesca e entre outros.
15	E muitas pessoas se beneficiaram com a transposição do rio São
16	Francisco, cerca de 12 milhões de pessoas, pois com a transposição, pro-
17	porcionamos mais atividades econômicas, para quem depende da agricultu-
18	ra, são muitos mais os benefícios, pois o projeto pretende-se abastecer
19	com o abastecimento de 390 municípios.

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

A3VI apresenta seu texto de modo a contemplar os aspectos constitutivos do gênero artigo de opinião em que, no parágrafo introdutório, apresenta sua tese argumentando que o Rio abastece outros estados e que tem inúmeras finalidades: “É um dos principais rios brasileiros e é responsável por abastecer 5 estados, ele é usado para irrigação, para pescar, para produzir energia elétrica”. Em seguida, no segundo parágrafo, apresenta os argumentos contra sua tese e a favor, nesta ordem. E, no terceiro e último parágrafo, retoma sua tese, estrategicamente, por meio de uma síntese: “E muitas pessoas se beneficiaram com a transposição do rio São Francisco, cerca de 12 milhões de pessoas”. Deste modo, o texto em questão, resguarda as partes constitutivas do gênero artigo de opinião, excetuando a parte que não separou, em parágrafos distintos, os contra-argumentos dos argumentos a favor à sua tese. O tema corresponde ao gênero, uma vez que trata da transposição do Rio São Francisco. Quanto ao estilo, apresenta-se, no decorrer do texto, o uso da norma padrão da Língua

Portuguesa.

A contextualização é apresentada de forma superficial, mostrando apenas o objetivo da obra: “levar água para os lugares que a população sofre muito com a seca, com a falta de água”. Os argumentos em favor da tese são convincentes no sentido de mostrar os benefícios que a transposição já trouxe por onde passou “[...] surgiram mais oportunidades de empregos, as regiões com pouca água também vão ser beneficiadas, pois poderão usar essa água para plantação, [...]”. Os argumentos em desfavor a tese estão alicerçados em: “[...] a destruição de habitats naturais de muitas espécies, a destruição de casas, [...]”. Por fim, os operadores argumentativos, ao longo do texto, foram empregados satisfatoriamente para direcionar seus encadeamentos e os sentidos pretendidos.

QUADRO 16 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 3 - versão inicial)

Tese principal	“É um dos principais rios brasileiros e é responsável por abastecer 5 estados, ele é usado para irrigação, para pescar, para produzir energia elétrica”.
Argumentos	“Apesar de ter seus pontos negativos, como por exemplo, a destruição de habitats naturais de muitas espécies, a destruição de casas, devido a isso muitas famílias tiveram que deixar o lugar onde nasceram e cresceram, talvez nem todas mas uma boa parte sim”. “Também tem seus benefícios, por exemplo, surgiram mais oportunidade de emprego, as regiões com pouca água também vão ser beneficiadas, pois poderão usar essa água para a plantação, para afazeres de casa, para pescar e entre outros”.
	Para (quatro ocorrências), e (1º parágrafo); como, por exemplo (duas ocorrências), e (duas ocorrências), apesar de, nem, mais

Operadores argumentativos	(duas ocorrências), mas, mesmo, também (duas ocorrências), pois, para (três ocorrências) 2º parágrafo; e, pois, mais (duas ocorrências), pra (3º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“E muitas pessoas se beneficiaram com a transposição do rio São Francisco, cerca de 12 milhões de pessoas”.

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A3VI (aluno 3 - versão inicial) declara sua tese no primeiro parágrafo, vejamos: “É um dos principais rios brasileiros e é responsável por abastecer 5 estados, ele é usado para irrigação, para pescar, para produzir energia elétrica”. A defesa da tese é a de que o Rio São Francisco é benéfico para quem vive em cidades em que é banhada por suas águas.

No segundo parágrafo, A3VI emprega dois argumentos por exemplificação, o primeiro, em desfavor à sua tese: “Apesar de ter seus pontos negativos, como por exemplo, a destruição de habitats naturais de muitas espécies, a destruição de casas, devido a isso muitas famílias tiveram que deixar o lugar onde nasceram e cresceram, talvez nem todas mas uma boa parte sim”. E o segundo argumento corroborando à sua tese: “Também tem seus benefícios, por exemplo, surgiram mais oportunidade de emprego, as regiões com pouca água também vão ser beneficiadas, pois poderão usar essa água para a plantação, para afazeres de casa, para pescar e entre outros”.

Os operadores argumentativos, usados no primeiro parágrafo, são: **para** (nas quatro ocorrências) indicando finalidade: “[...] levar água **para** os lugares, [...] ele é usado **para** irrigação, **para** pescar, **para** produzir energia elétrica, etc.”. E o conectivo **e**, com valor semântico de adição de ideias, para uma mesma conclusão, vejamos: “É um dos principais rios brasileiros **e** é responsável por abastecer 5 estados [...]”.

No segundo parágrafo, os operadores exemplificativos **como** e **por exemplo** apontam os pontos negativos: “**como por exemplo**, a destruição de habitats naturais de muitas espécies, [...]”. Temos também uma contrajunção de argumentos marcada por **apesar de** quando A3VI diz que é a favor da transposição: “[...] **apesar de** ter seus pontos negativos [...]”, em seguida, os conectivos de soma de argumentos **e**, **nem** e **mais** aparecem para adicionar argumentos em desfavor à transposição: “[...] muitas famílias tiveram que deixar o lugar onde nasceram **e** cresceram, talvez **nem** todos **mais** uma boa parte sim”. Verificamos, em seguida, o uso do **mas** com orientação semântica de contrajunção argumentativa e o

conectivo **também** com valor somativo: “[...] **mas** mesmo com todos esses pontos negativos, **também** tem seus benefícios”.

A segunda ocorrência do articulador discursivo-argumentativo **por exemplo** indica uma exemplificação “[...] **por exemplo**, surgiram **mais** oportunidades de emprego [...]” e o marcador discursivo **mais** expressando adição de argumentos. A segunda ocorrência do conectivo **também** direciona adição de ideias: “[...] **também** vão ser beneficiadas”. Em seguida, aparece o operador **pois** com valor conclusivo: “[...] **pois** poderão usar essa água **para** a plantação, **para** afazeres de casa, **para** pescar, [...]”. E, para fechar o parágrafo, as três ocorrências do conector **para** indica a finalidade das águas advindas da transposição.

O terceiro e último parágrafo do texto inicia com o conectivo **e** com valor de somar argumentos em prol de uma mesma conclusão: “**E** muitas pessoas se beneficiaram com a transposição”, por conseguinte, o articulador discursivo-argumentativo **pois** expressa uma explicação: “[...] **pois** com a transposição, proporciona **mais** atividades econômicas **pra** quem depende da agricultura, são muito **mais** os benefícios,...” em que as duas ocorrências do operador **mais** indica intensidade na soma de argumentos e o operador ‘**pra**’ expressa finalidade.

No que concerne à estratégia de conclusão, utilizada por A3VI, temos a síntese expressa pela retomada da tese, que é a favor da transposição: “E muitas pessoas se beneficiaram com a transposição do rio São Francisco, cerca de 12 milhões de pessoas”.

FIGURA 7 - Aluno 3 - versão final (A3VF)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>As contradições da transposição</u>	
1	A transposição do rio São Francisco é o maior projeto de infraestrutura desenvolvido pelo presidente Lula. Tem como objetivo levar água para o Nordeste, principalmente, para aquelas comunidades que mais sofre com a seca extrema.
2	
3	
4	
5	Essa obra causou muitos impactos como a perda da fauna e da flora, o desmatamento, a desertificação, o assoreamento de rios e perda de habitats de muitos animais. Uma ex-moradora da comunidade de Lagoa município de Cachoeira dos Índios - PB, disse que "foi muito difícil ter que deixar o lugar que ela morou desde jovem e também onde seus filhos cresceram e cresceram, ela disse também que não imaginava que com a transposição teria que deixar o lugar onde estava a sua história. Entretanto, esse projeto também tem seus benefícios: como a criação de mais empregos, o abastecimento de água proporcionará o consumo humano e animal no futuro, e também uma vida melhor para quem depende da agricultura.
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	Por conseguinte, apesar de ter seu lado bom, percebemos alguns pontos negativos, pois isso mexeu bastante bem com pessoas que tinham que deixar o seu lugar e houve até casos de depressão, nem contar com o prejuízo ao meio ambiente e para os animais com a perda de seus habitats. É afinal, a transposição vai resolver o problema dos efeitos da seca no nordeste?
16	
17	
18	
19	
20	
21	

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

QUADRO 17 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 3 - versão final)

Tese principal	“Tem como objetivo levar água para o Nordeste, principalmente, para aquelas comunidades que mais sofre com a seca extrema” (1º parágrafo).
	“Essa obra causou muitos impactos como a perda da fauna e da flora, o desmatamento, a

Argumentos	desertificação, o assoreamento de rios e perda de habitats de muitos animais”. “Uma ex-moradora da comunidade de Lajes, município de Cachoeira dos Índios-PB, disse que ‘foi muito difícil ter que deixar o lugar que ela morou desde jovem e também onde seus filhos nasceram e cresceram, ela disse também que não imaginava que com a transposição teria que deixar o lugar onde estava sua história”. “Esse projeto também tem seus benefícios: criação de mais empregos, o abastecimento de água proporcionará o consumo humano e animal no futuro, e também uma vida melhor para quem depende da agricultura”.
Operadores argumentativos	Para (duas ocorrências), como, mais (1º parágrafo); para, como (duas ocorrências) e (seis ocorrências), também (quatro ocorrências), entretanto, (2º parágrafo); por conseguinte, apesar de, mais, pois, e (duas ocorrências), até (3º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“E afinal, a transposição vai resolver o problema dos efeitos da seca no nordeste?”

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A3VF (aluno 3 - versão final) apresenta sua tese, no primeiro parágrafo, quando afirma que a transposição “Tem como objetivo levar água para o Nordeste, principalmente, para aquelas comunidades que mais sofre com a seca extrema”.

O segundo parágrafo começa com um argumento por exemplificação em desfavor à sua tese: “Essa obra causou muitos impactos como a perda da fauna e da flora, o desmatamento, a desertificação, o assoreamento de rios e perda de habitats de muitos animais”. Em seguida, o enunciador apresenta um argumento de autoridade, funcionando como um contra-argumento à sua tese “Uma ex-moradora da comunidade de Lajes, município de Cachoeira dos Índios-PB, disse que foi muito difícil ter que deixar o lugar que ela morou

desde jovem e também onde seus filhos nasceram e cresceram, ela disse também que não imaginava que com a transposição teria que deixar o lugar onde estava sua história”. E, por fim, argumenta favoravelmente à sua tese com um argumento por exemplificação “Esse projeto também tem seus benefícios: criação de mais empregos, o abastecimento de água proporcionará o consumo humano e animal no futuro, e também uma vida melhor para quem depende da agricultura”.

O operador argumentativo **para** (nas duas ocorrências) aparece, no primeiro parágrafo, expressando finalidade “[...] levar água **para** o nordeste, principalmente, **para** àquelas comunidades, [...]”, e o conector **como** exemplificando “[...] Tem **como** objetivo levar água,...”.

No segundo parágrafo, o conectivo **como** (nas duas ocorrências) denota exemplificação “[...] muitos impactos **como** a perda da fauna e da flora, [...] o projeto também tem seus benefícios: **como** a criação de mais empregos, [...]”. Em seguida, os operadores **e** e **também** aparecem direcionando a soma de argumentos em prol de uma mesma conclusão, observemos: “[...] a perda da fauna **e** da flora, o desmatamento, a desertificação, o assoreamento de rios **e** perda de habitats, [...] ela morou desde jovem **e também** onde seus filhos nasceram **e** cresceram, ela disse **também** que não imaginava que com a transposição teria que deixar seu lugar [...] **também** tem seus benefícios: como a criação de mais empregos, o abastecimento de água proporcionará o consumo humano **e** animal no futuro, **e** também uma vida melhor, [...]”. Ainda no mesmo parágrafo, o conectivo **entretanto** orienta para a oposição entre argumentos devendo prevalecer o argumento iniciado por tal operador “[...] ela disse também que não imaginava que com a transposição teria que deixar seu lugar onde estava a sua história. **Entretanto**, esse projeto também tem seus benefícios [...]”.

No terceiro parágrafo, o operador argumentativo **por conseguinte** direciona para a conclusão do texto, na qual introduz um enunciado de valor conclusivo em relação a dois ou mais atos de fala anteriores (Koch, 2016). O operador **por conseguinte** remete ao argumento anterior “[...] o abastecimento de água proporcionará o consumo humano e animal no futuro, e também uma vida melhor para quem depende da agricultura”. Quanto ao uso do conectivo **apesar de**, que expressa uma contrajunção argumentativa entre argumentos “o abastecimento de água proporcionará o consumo humano e animal no futuro, [...] **apesar de** seu lado bom, percebemos mais pontos negativos, **pois** isso mexeu bastante com as pessoas que tiveram que deixar o seu lugar, [...]”, em que o operador **pois**, segundo Koch (2006a), é responsável pelo encadeamento de um novo segmento discursivo, que consiste num ato de justificação do enunciado anterior e o conector **mais** intensifica a soma de argumentos. No

que concerne ao conectivo **e** (nas duas ocorrências), expressa soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão, podendo ser vista na passagem: “[...] que tiveram que deixar o seu lugar **e** houve **até** casos de depressão, sem contar com o prejuízo ao meio ambiente **e** para os animais, [...]”. Quanto ao operador **até**, o mesmo introduz uma escala argumentativa com o argumento mais forte em relação ao anterior “[...] e houve **até** casos de depressão [...]” em que, para Ducrot (1987, p.182):

O enunciado **p'** é mais forte que **p**, se toda a classe argumentativa que contém **p** contém também **p'** e se **p'** é nela, cada vez mais superior a **p**. Nesse caso, o operador ‘até’ introduz um argumento **p'** mais forte: ‘depressão’ em relação a outros argumentos **p** já mencionados no parágrafo anterior: ‘deixar o lugar onde ela morou desde jovem e também onde seus filhos nasceram e cresceram’.

Quanto à estratégia conclusiva, A3VF defendeu a tese que a transposição “Tem como objetivo levar água para o Nordeste, principalmente, para aquelas comunidades que mais sofre com a seca extrema”. Entretanto, utiliza uma pergunta retórica objetivando suscitar no leitor um questionamento para concluir seu texto: “E afinal, a transposição vai resolver o problema dos efeitos da seca no nordeste?”

FIGURA 8 - Aluno 4 - versão inicial (A4VI)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>Uma solução para a seca</u>	
1	A Transposição do rio São Francisco é um projeto
2	para levar água para lugares mais secos. Por isso
3	é que se trata um projeto bom, a transposição tem
4	seus pontos negativos como: risco de redução das
5	diversidades nas áreas receptoras e riscos tem
6	ben. Com a transposição, vários países tiveram
7	que sair de seus países, que não poderiam
8	para esse canal para.
9	Apesar de ter vários pontos negativos ela nos
10	traz muitos benefícios como: a água para os nos
11	os consumo, para plantação e para os animais
12	é. Essa água abastece o Pernambuco, Paraíba,
13	Ceará e Rio Grande do Norte.
14	Com 473 quilômetros de extensão em dois eixos,
15	a transposição abastecerá 12 milhões de pessoas em
16	390 municípios. Essa água será utilizada para
17	a irrigação para a agricultura e nos abastecimento
18	de água por períodos de seca.

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

A4VI apresenta a composição de seu artigo da seguinte forma: expõe a tese, no primeiro parágrafo, vejamos: “A transposição do rio São Francisco é um projeto para levar água para lugares mais secos”. Segue, no mesmo parágrafo, com argumentos em desfavor à sua tese: “A transposição tem seus pontos negativos como: risco de redução da biodiversidade nas bacias receptoras e sociais também com a transposição, várias pessoas tiveram que sair de suas casas, que são derrubadas para esse canal passar”, argumento esse que era para estar posto no segundo parágrafo.

No segundo parágrafo, elenca argumentos em favor da sua tese: “[...] ela nos traz muitos benefícios como: a água para nosso consumo, para plantação e para os animais. Essa água abastecerá o Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte”. No parágrafo da conclusão, ao invés de procurar uma estratégia conclusiva, apresenta mais um argumento a favor de sua tese: “Essa água será utilizada para a irrigação, para agroindústria e nos ajudará a passar por períodos de seca”, argumento esse que era para estar presentificado no plano do desenvolvimento do texto, e não na conclusão. Quanto ao título “Uma solução para a seca”, corresponde à temática a ser desenvolvida, assim como ao tema e ao estilo do texto, que estão em consonância com o gênero em questão.

O texto não apresenta uma contextualização, no primeiro parágrafo, assim como a argumentação para convalidar a tese que precisa ser melhorada argumentativamente. No que diz respeito aos operadores argumentativos, ao longo do texto, apresenta conformidade com a orientação semântica pretendida, deixando de usar, no parágrafo conclusivo, um conector que se presta a esta função. E, quanto aos aspectos linguísticos, alguns acentos foram suprimidos das palavras: benefícios e municípios.

QUADRO 18 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 4 - versão inicial)

Tese principal	“A transposição do rio São Francisco é um projeto para levar água para lugares mais secos”(1º parágrafo).
	“A transposição tem seus pontos negativos como: risco de redução da biodiversidade nas bacias receptoras e sociais também com a transposição, várias pessoas tiveram que sair de suas casas, que são derrubadas para

Argumentos	esse canal passar”. “[...] ela nos traz muitos benefícios como: a água para nosso consumo, para plantação e para os animais. Essa água abastecerá o Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte” (2º parágrafo). “Essa água será utilizada para a irrigação, para agroindústria e nos ajudará a passar por períodos de seca” (3º parágrafo).
Operadores argumentativos	Para (três ocorrências), como, e, também (1º parágrafo); apesar de, como, para (três ocorrências), e (duas ocorrências) no (2º parágrafo); para (duas ocorrências), e (3º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“[...] a transposição abastecerá 12 milhões de pessoas em 390 municípios”.

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A4VI (aluno 4 - versão inicial) começa seu artigo com a tese que se manifesta a favor da transposição do Rio São Francisco “A transposição do rio São Francisco é um projeto para levar água para lugares mais secos”.

Ainda no primeiro parágrafo, seguido da tese, começa a afirmar que, por mais que a transposição seja boa, a mesma apresenta mais pontos negativos. Vejamos o argumento por exemplificação contra a tese: “[...] a transposição tem seus pontos negativos como: risco de redução da biodiversidade nas bacias receptoras e sociais também. Com a transposição, várias pessoas tiveram que sair de suas casas, que são derrubadas para esse canal passar”. Por conseguinte, no segundo parágrafo, temos um argumento por exemplificação, que vai ao encontro da tese: “[...] ela nos traz muitos benefícios como: a água para o nosso consumo, para plantação e para os animais. Essa água abastecerá o Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte”. E, por fim, no terceiro parágrafo, temos mais um argumento por exemplificação, corroborando a tese: “Essa água será utilizada para a irrigação, para agroindústria e nos ajudará a passar por períodos de seca”.

No tocante ao uso dos operadores argumentativos, temos, no primeiro parágrafo, o conectivo **para** (em todas as ocorrências) direcionando o sentido de finalidade, observemos:

“[...] é um projeto **para** levar água **para** lugares mais secos, [...] várias pessoas tiveram que sair de suas casas, que são derrubadas **para** esse canal passar”. No tocante ao operador **como**, o mesmo foi introduzido como exemplificador: “[...] a transposição tem seus pontos negativos **como**: risco de redução da biodiversidade, [...]”. E quanto aos operadores que somam argumentos em favor de uma mesma conclusão, temos os marcadores discursivos **e** e **também**: “[...] risco de redução da biodiversidade das bacias receptoras **e** sociais **também**”.

O segundo parágrafo começa com o operador **apesar de** que contrapõe argumento orientando conclusões contrárias como lembra Koch (2016): “**Apesar de** vários pontos negativos ela nos traz muitos benefícios como: a água para nosso consumo, [...]”. Já quanto ao operador **para** (nas três ocorrências) expressa finalidade, como é de praxe o uso desse operador com esse sentido: “[...] a água **para** nosso consumo, **para** plantação e **para** animais [...]”. Em seguida, o operador **como** direciona valor exemplificativo, sendo marcado em: “[...] traz muitos benefícios **como**: a água para o nosso consumo, [...]” e, para concluir a análise dos valores semânticos desempenhados pelos operadores, neste parágrafo, o conector **e** denota mais uma vez a soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão: “[...] a água para o nosso consumo, para plantação **e** para os animais”.

O terceiro parágrafo apresenta as duas ocorrências do operador **para** denotando finalidade: “Essa água será utilizada **para** a irrigação **para** agroindústria **e** nos ajudará a passar por períodos de secas.” E o conectivo **e** indicando soma de argumentos.

A4VI utiliza a estratégia de conclusão para fazer uma síntese quando assevera: “[...] a transposição abastecerá 12 milhões de pessoas em 390 municípios”, ou seja, retomou, por meio de uma síntese, que a transposição do Rio São Francisco é um projeto para levar água aos lugares mais secos e que, realmente, as pessoas precisam deste líquido.

FIGURA 9 - Aluno 4 - versão final (A4VF)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <u>Os impactos da transposição do rio São Francisco</u>	
1	Com o objetivo de acabar com a seca do nordeste foi criado o projeto de "Transposição do rio São Francisco" que é um projeto para trazer água para milhões de nordestinos por meio de canais, túneis, barragens, represas, entre outros elevatórios e saneatórios.
2	
3	
4	
5	
6	A transposição afetou muito o meio ambiente. Com as mudanças no meio geográfico, isto é, alguns animais foram desabrigados de seus habitats, havendo também impactos sociais e econômicos. Um ex-mercador das incisas, J.A.P. O. da comunidade de Lagoa em Cachoeira dos Índios-PB, que foi atingida pela transposição, falou que achou que o projeto iria logo para melhorar sua vida. No entanto, até agora não saiu nada. Falou também que o obra da transposição destruiu muito os áreas de vegetação nativa.
7	
8	
9	
10	
11	A transposição do rio São Francisco promete ajudar os nordestinos com a água, mas para usar desta água será preciso pagar. Além dos moradores de comunidades atingidas precisarem sair de suas casas; para os canais pensarem, terão que pagar pela água que era para ser gratuita.
12	
13	
14	
15	
16	Por isso, pode-se perceber que a transposição do rio São Francisco causou muitos impactos ambientais como: a redução do fluxo do rio, a alteração dos ecossistemas, a desapropriação das terras e também muitos animais foram desabrigados, diante disso, temos mais impactos negativos que pontos positivos.
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	

Fonte: Arquivos do autor da pesquisa (2023).

QUADRO 19 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 4 – versão final)

Tese principal	“A transposição afetou muito o meio ambiente com as mudanças no meio geográfico em que alguns animais foram desabrigados, havendo também impactos
-----------------------	---

	sociais e econômicos” (2º parágrafo).
Argumentos	“Uma ex-moradora das iniciais J. A. P. O. da comunidade de Lajes, em Cachoeira dos Índios-PB, que foi atingida pela transposição, falou que acharia que o projeto sairia logo para melhorar sua vida. No entanto, até agora não saiu nada. Falou também que a obra da transposição destruiu muito as áreas de vegetação nativa”. “A transposição do rio São Francisco promete ajudar os nordestinos com a água, mas para usar desta água será preciso pagar”.
Operadores argumentativos	Para (duas ocorrências), e (1º parágrafo); isto é, também (duas ocorrências), e, para, no entanto, até, agora (2º parágrafo); mas, para (três ocorrências), além dos (de+os) no (3º parágrafo); por isso, como, e, também, diante disso, mais...que (4º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“Pode-se perceber que a transposição do rio São Francisco causou muitos impactos ambientais como: a redução do fluxo do rio, a alteração dos ecossistemas, a desapropriação das terras e também muitos animais ficaram desabrigados, diante disso, teremos mais impactos negativos que pontos positivos”.

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A4VF inicia seu texto argumentando sobre a importância da transposição “[...] é um projeto para trazer água para milhares de nordestinos por meio de canais, túneis, barragens, aquedutos, extensão elevatória e reservatórios”. Em seguida, a tese aparece, no segundo parágrafo, vejamos: “A transposição afetou muito o meio ambiente com as mudanças no meio geográfico em que alguns animais foram desabrigados, havendo também impactos sociais e

econômicos”, ficando explícita a tese sobre os pontos negativos da obra da transposição.

No segundo parágrafo, temos um argumento de autoridade de uma ex-moradora da comunidade atingida que argumenta a favor da tese, na qual a entrevistada afirma: “[...] acharia que o projeto sairia logo para melhorar sua vida, [...] a obra da transposição destruiu muito a vegetação nativa”. Em seguida, temos um argumento de causa e consequência em desfavor à tese: “A transposição do rio São Francisco promete ajudar os nordestinos com a água, mas para usar desta água será preciso pagar”, em que a causa é a necessidade do uso da água, e a consequência é o fato de que o uso será pago.

No que concerne ao emprego dos operadores argumentativos, no primeiro parágrafo temos o conector **para** (duas ocorrências) com sentido de finalidade: “[...] é um projeto **para** trazer água **para** milhares de nordestinos, [...]”, enquanto que, o conectivo **e** apresenta soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão: “[...] por meio de canais, túneis, barragens, aquedutos, extensão elevatória **e** reservatórios”.

No segundo parágrafo, conforme Koch (2006a), o operador **isto é** redefine o conteúdo para reforçar o comprometimento com a verdade que foi enunciada com a função de ajustamento e precisão de sentido, vejamos: “A transposição afetou muito o meio ambiente com as mudanças no meio geográfico, **isto é**, alguns animais foram desabrigados dos seus habitats, e no que concerne ao operador **também** (duas ocorrências) e o operador **e** explicitam soma de argumentos, observemos: “[...] com as mudanças no meio geográfico alguns animais foram desabrigados, havendo **também** impactos sociais **e** econômicos, [...] Falou **também** que a obra da transposição destruiu, [...]”. E, por conseguinte, o aparecimento dos operadores **para**, **no entanto** e **até** expressam, respectivamente, finalidade, oposição de argumentos e o argumento mais forte de uma escala está a favor de uma mesma conclusão: “Uma ex-moradora [...] falou que acharia que o projeto sairia logo **para** melhorar sua vida. **No entanto**, **até** agora não saiu nada”.

Os operadores **mas**, **para** (três ocorrências) e **além de**, no terceiro parágrafo, estabelecem, no texto, relações de oposição de argumentos orientados para conclusões contrárias, finalidade e acréscimo de ideia em favor de uma mesma conclusão, respectivamente, observemos: “[...] promete ajudar os nordestinos com a água, **mas para** usar desta água será preciso pagar. Em seguida, temos: “**Além** dos moradores de comunidades atingidas precisarem de sair de suas casas **para** os canais passarem, [...]”. E, por último, a terceira ocorrência do conector **para** indica finalidade como de praxe: “[...] terão que pagar pela água que era **para** ser gratuita”.

No quarto e último parágrafo, o operadores **por isso**, expressa conclusão, e **como**

denota exemplificação: “**Por isso**, pode-se perceber que a transposição do rio São Francisco causou muitos impactos ambientais **como**: a redução do fluxo do rio, [...]”, em seguida, os operadores **e** e **também** apresentam o sentido de somar ideias em favor de uma mesma conclusão: “[...] a desapropriação de terras **e também** muitos animais foram desabrigados, [...]” e para concluir o texto, o conectivo **mais...que** indica comparação entre os pontos negativos e os positivos: “[...] teremos mais impactos negativos que pontos positivos”.

A4VF utilizou, como estratégia de conclusão, uma síntese, apresentando sua tese no segundo parágrafo: “A transposição afetou muito o meio ambiente com as mudanças no meio geográfico em que alguns animais foram desabrigados, [...]” e, no quarto parágrafo, temos o arremate de seus argumentos em favor à sua tese: “Pode-se perceber que a transposição do rio São Francisco causou muitos impactos ambientais como: a redução do fluxo do rio, a alteração dos ecossistemas, [...]”.

FIGURA 10 - Aluno 5-versão inicial (A5VI)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <i>Transposição do Rio São Francisco</i>	
1	<i>O Rio São Francisco é um fornecimento de água</i>
2	<i>para animais, perenização de correios e rios do Nordeste,</i>
3	<i>com a chegada da Transposição do Rio São Francisco o</i>
4	<i>nordeste vai melhorar a quantidade de vida do</i>
5	<i>nordeste e também a gente não vai ficar com di-</i>
6	<i>culdade de precisar de água para o sertão.</i>
7	<i>Sou contra e a favor da Transposição, porque</i>
8	<i>essa Transposição vai ajudar muita gente no nor-</i>
9	<i>deste, não só no nordeste como no mundo, que</i>
10	<i>da seca o nordeste sofre bastante, eu também</i>
11	<i>sou contra porque é muito desmatamento de mata</i>
12	<i>e muita gente por causa da Transposição estão</i>
13	<i>deixando seu lá onde foram criados.</i>
14	<i>O Projeto da Transposição do Rio São Francisco</i>
15	<i>é um tema bastante polêmico, pois engloba a</i>
16	<i>importante tentativa de solucionar um problema que</i>
17	<i>há muito tempo a população do semi-árido</i>
18	<i>brasileiro que é a seca, e ao mesmo tempo trata-se</i>
19	<i>de um projeto delicado do ponto de vista do</i>
20	<i>meio ambiente, pois irá afetar um dos rios</i>
21	<i>mais importantes do Brasil.</i>
22	

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

A5VI estruturou seu texto apresentando a tese no primeiro parágrafo “Com a chegada da transposição do rio São Francisco o nosso nordeste vai melhorar a ‘quantia’ de vida nordeste e também a gente não vai ficar com dificuldade de precisar de água no sertão”. Através dele, argumenta, superficialmente, que a transposição é benéfica para o Nordeste. Contextualiza o tema, de forma simplória, afirmando que o rio fornece água para animais, perenização de córregos e rios do nordeste, sem adentrar nos aspectos socioambientais da obra de forma abrangente, revelando que o tema está em acordo ao contexto de produção. Já quanto ao estilo, de modo geral, está em conformidade ao gênero, percebendo-se apenas algumas marcas da língua coloquial como com o emprego do pronome **a gente**, ao invés de nós, vejamos: “[...] e também a **gente** não vai ficar com dificuldade, [...]”.

O segundo parágrafo inicia afirmando que é contra e a favor ao mesmo tempo que, de certa forma, permite entendermos um paradoxo. Em seguida, usa um argumento, por princípio, para referendar sua tese: “[...] essa transposição vai ajudar muita gente no nordeste, não só no nordeste como no mundo, que da seca o nordeste sofreu bastante”. Em seguida, no mesmo parágrafo, que pela estrutura canônica do gênero artigo de opinião deveria estar em parágrafos distintos, apresenta um argumento de causa e consequência para contra-argumentar sua tese: “Ou também sou contra é muito desmatamento de mata e muita gente por causa da transposição estão deixando seu ‘lá’ onde foram criados”.

No tocante à estratégia de conclusão, no último parágrafo, A5VI retoma sua tese por meio de uma síntese, uma vez que apresenta uma hipótese, vejamos: “[...] engloba a suposta tentativa de solucionar um problema que há muito tempo a população do ‘semi-árido’ brasileiro que é a seca [...]”. Em seguida, contrapõe a tese, afirmando: “[...] um projeto delicado do ponto de vista do meio ambiente, pois irá afetar um dos rios mais importantes do país”. No que concerne ao uso dos operadores argumentativos, de modo geral, empregou elementos direcionando o sentido para o qual pretendia, fazemos algumas ressalvas: na quarta linha do segundo parágrafo, empregou o conectivo **ou** desnecessariamente: “[...] porque essa transposição vai ajudar muita gente no nordeste, não só no nordeste como no mundo, que da seca o nordeste sofreu bastante, **ou** também sou contra porque é muito desmatamento de mata, [...]”.

No que diz respeito aos aspectos ortográficos, temos alguns desvios da norma padrão da língua, observemos: ‘quantia’ que, pelo contexto, inferimos que seja a palavra qualidade; ‘lá’, ao invés de lar, ‘semi-árido’ por semiárido.

QUADRO 20 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 5 - versão inicial)

Tese principal	“Com a chegada da transposição do rio São Francisco o nosso nordeste vai melhorar a ‘quantia’ de vida no nordeste e também a gente não vai ficar com dificuldade de precisar de água no sertão”.
Argumentos	“[...] essa transposição vai ajudar muita gente no nordeste, não só no nordeste como no mundo, que da seca o nordeste sofreu bastante”. “Ou também sou contra é muito desmatamento de mata e muita gente por causa da transposição estão deixando seu ‘lá’ onde foram criados”.
Operadores argumentativos	Para (duas ocorrências), e, e também (1º parágrafo); e (duas ocorrências), porque (duas ocorrências), não só...como, ou, também, (2º parágrafo); pois (duas ocorrências), e (3º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“O projeto de transposição do rio São Francisco é um tema bastante polêmico, pois engloba a suposta tentativa de solucionar um problema que há muito tempo a população do ‘semi-árido’ brasileiro que é a seca”.

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A5VI (aluno 5 - versão inicial) apresenta sua tese, no primeiro parágrafo, “Com a chegada da transposição do rio São Francisco o nosso nordeste vai melhorar a ‘quantia’ de vida nordeste e também a gente não vai ficar com dificuldade de precisar de água no sertão”. Com isso, o enunciador argumenta que a transposição irá melhorar a qualidade (acreditamos que o aluno quis escrever esta palavra) de vida, no sentido de que, no Nordeste, vai acabar o problema com a falta de água com a chegada da transposição.

No segundo parágrafo, aparece o argumento de princípio, em favor à sua tese, pelo fato de que uma crença pessoal faz A5VI dissertar: “essa transposição vai ajudar muita gente no nordeste, não só no nordeste como no mundo, que da seca o nordeste sofreu bastante”. Ainda no mesmo parágrafo, aparece um argumento de causa e consequência que vai de encontro à sua tese, funcionando como um contra-argumento: “Ou também sou contra é muito desmatamento de mata e muita gente por causa da transposição estão deixando seu ‘lá’ onde foram criados”.

No tocante aos operadores argumentativos, o primeiro parágrafo traz o conectivo **para** (duas ocorrências), expressando finalidade: “[...] é um fornecimento de água **para** animais, [...] a gente não vai ficar com dificuldade de precisar de água **para** o sertão”. Os operadores **e** e **e também** dão o sentido de acréscimo de argumento para uma mesma conclusão: “[...] perenização de córregos e rios do nordeste, [...] vai melhorar a ‘quantia’ de vida do nordeste e **também** a gente não vai mais ficar com dificuldade, [...]”.

No segundo parágrafo, o operador **e** (duas ocorrências) denota soma de argumentos “Sou contra e a favor, [...] muito desmatamento de mata e muita gente por causa da transposição estão deixando seu ‘lá’ onde foram criados.” Em seguida, os conectivos **porque** com a função explicativa e o **não só...como** com o sentido de somar argumentos, vejamos: “Sou contra e a favor da transposição **porque** essa transposição vai ajudar muita gente no nordeste, **não só** no nordeste **como** no mundo, [...]”. No tocante às conjunções **ou** e **também**, em: “**Ou também** sou contra porque é muito desmatamento de mata, [...]”, percebemos o sentido de alternância expresso pelo **ou** e o acréscimo de argumento marcado pelo conector **também**.

No terceiro e último parágrafo, as duas ocorrências do operador **pois** expressam explicação, vejamos: “O projeto de transposição do rio São Francisco é um tema bastante polêmico, **pois** engloba a suposta tentativa de solucionar um problema que há muito tempo a população do ‘semi-árido’ brasileiro que é a seca, e ao mesmo tempo, trata-se de um projeto delicado do ponto de vista do meio ambiente, **pois** irá afetar um dos rios, [...]”. E o conectivo **e** sendo usado para adicionar argumentos.

A estratégia que A5VI usou, para finalizar seu texto, foi deixar vaga a conclusão no sentido de que a transposição tem seu ponto positivo e seu ponto negativo: “O projeto de transposição do rio São Francisco é um tema bastante polêmico, pois engloba a suposta tentativa de solucionar um problema que há muito tempo a população do ‘semi-árido’ brasileiro que é a seca e, ao mesmo tempo, trata-se de um projeto delicado do ponto de vista do meio ambiente, **pois** irá afetar um dos rios, [...]”.

FIGURA 11- Aluno 5 - versão final (A5VF)

Folha oficial de redação para a produção escrita da versão final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: <i>Transposição: os dois lados</i>	
1	<i>O povo brasileiro do nordeste vem lutando há</i>
2	<i>muito tempo contra os efeitos das secas irreversíveis</i>
3	<i>no semiárido e que vários governos passaram e</i>
4	<i>nada fizeram. A pouca chuva durante o ano faz com</i>
5	<i>que pessoas vivam em situação de extrema miséria</i>
6	<i>e, com isso, a obra da transposição do Rio São</i>
7	<i>Francisco favorecerá as pessoas que necessitam</i>
8	<i>com urgência desse recurso natural em nosso</i>
9	<i>nordeste.</i>
10	<i>A transposição tem seus impactos negativos,</i>
11	<i>o exemplo do desmatamento que traz consigo o</i>
12	<i>apagamento de animais, ou até mesmo, a extin-</i>
13	<i>ção de algumas espécies. Além disso, com os obras</i>
14	<i>da transposição muitas pessoas tiveram que dei-</i>
15	<i>xar suas comunidades para dar lugar à passagem</i>
16	<i>dos canais.</i>
17	<i>Entretanto, não podemos pensar só em pontos</i>
18	<i>negativos, uma vez que as obras da transposição</i>
19	<i>estão gerando empregos para os nordestinos, além</i>
20	<i>de no futuro próximo podermos usufruir da</i>
21	<i>água para a agricultura familiar, evitando</i>
22	<i>assim, o exodo rural, e também ficarem</i>
23	<i>isentos do ponto de vista físico para o</i>
24	<i>consumo humano em períodos contínuos de estiagem</i>
25	<i>prolongada.</i>
26	<i>Consequentemente, o tema da transposição é</i>
27	<i>um divisor de água literalmente, todavia, acredit-</i>
28	<i>amos que o líquido precioso terá qualidade</i>
29	<i>de vida para os que habitam o nordeste semiárido</i>
30	<i>do brasileiro.</i>

Fonte: arquivos do autor da pesquisa (2023).

QUADRO 21 - Principais elementos constitutivos do artigo de opinião (Aluno 5 - versão final)

Tese principal	“A obra da transposição do rio São Francisco favorecerá as pessoas que necessitam com urgência desse recurso natural em nosso nordeste” (1º parágrafo).
	“A transposição tem seus impactos

Argumentos	negativos, a exemplo do desmatamento que traz consigo o afugentamento de animais, ou até mesmo, a extinção de algumas espécies” (2º parágrafo). “Além disso, com as obras da transposição muitas pessoas tiveram que deixar suas comunidades para dá lugar à passagem dos canais” (2º parágrafo). “As obras estão gerando empregos para os nordestinos, além de no futuro próximo podermos usufruir da água para a agricultura familiar evitando assim o êxodo rural,...” (3º parágrafo).
Operadores argumentativos	E (três ocorrências), com isso (1º parágrafo); exemplo, ou, até, além disso, para (2º parágrafo); entretanto, só, uma vez que, para (três ocorrências), além de, assim, também (3º parágrafo); conseqüentemente, todavia, para (4º parágrafo).
Estratégia de conclusão	“Acreditamos que o líquido precioso trará qualidade de vida para os que habitam o nordeste setentrional brasileiro” (4º parágrafo).

Fonte: corpus da pesquisa (2023).

A5VF (aluno 5 - versão final) apresentou sua tese no primeiro parágrafo: “A obra da transposição do rio São Francisco favorecerá as pessoas que necessitam com urgência desse recurso natural em nosso nordeste”.

Os argumentos por exemplificação e de causa e consequência, ao mesmo tempo, surgem, no início do segundo parágrafo, em desfavor à sua tese: “A transposição tem seus impactos negativos, a exemplo do desmatamento que traz consigo o afugentamento de animais, ou até mesmo, a extinção de algumas espécies”. Isto é, cita o exemplo do desmatamento que também é causa para as consequências do afugentamento de animais, ou até a sua extinção. No mesmo parágrafo, cita outro argumento por exemplificação: “Além

disso, com as obras da transposição muitas pessoas tiveram que deixar suas comunidades para dá lugar à passagem dos canais”. E o terceiro argumento aparece, no terceiro parágrafo, a favor de sua tese: “As obras estão gerando empregos para os nordestinos, além de no futuro próximo podermos usufruir da água para a agricultura familiar evitando assim o êxodo rural, [...]”.

No que concerne aos operadores argumentativos, no primeiro parágrafo, o conectivo **e** denota a sua função semântica de somar argumentos em favor de uma mesma conclusão: “[...] há muito tempo contra os efeitos das secas irreversíveis no semiárido **e** que vários governos passaram **e** nada fizeram, [...] vivam em extrema miséria **e, com isso**, a obra da transposição do rio São Francisco favorecerá as pessoas que necessitam com urgência desse recurso natural em nosso nordeste”. Neste mesmo parágrafo, o conector **com isso** indica conclusão.

No segundo parágrafo, o operador **a exemplo** exemplifica: “a exemplo do desmatamento, [...]”, já os operadores **ou** e **até mesmo** expressam alternância e o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão, respectivamente, vejamos: “[...] a exemplo do desmatamento que traz consigo o afugentamento de animais, **ou até mesmo**, a extinção de algumas espécies”. Em seguida, temos os operadores **além disso** e **para** direcionando a orientação semântica de soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão e a finalidade de algo. “**Além disso**, com as obras da transposição muitas pessoas tiveram que deixar suas comunidades **para** dá lugar à passagem dos canais”.

O terceiro parágrafo inicia com o conectivo **entretanto**, indicando contraposição de enunciados de orientações argumentativas diferentes prevalecendo o que contém este: “**Entretanto**, não podemos pensar só em pontos negativos, **uma vez que** as obras da transposição estão gerando empregos **para** os nordestinos, [...]”, em que os operadores **uma vez que** e **para** orientam para os sentidos de causalidade e finalidade, respectivamente. Os conectivos **além de**, **para**, e **assim** na passagem: “**Além de** no futuro próximo podermos usufruir da água **para** agricultura, evitando **assim**, o êxodo rural, [...]” expressam soma de argumentos, finalidade e conclusibilidade, nesta ordem. Por conseguinte, os marcadores argumentativos **e**, **também** e **para** tomam a direcionalidade de somar argumentos e expressar finalidade para o qual algo foi criado: “[...] **e também** ficaremos seguros do ponto de vista hídrico **para** o consumo humano, [...]”.

No quarto e último parágrafo, temos os operadores **consequentemente**, **todavia** e **para**: “**Consequentemente**, o tema da transposição de água é um divisor de água literalmente, **todavia**, acreditamos que o líquido precioso trará qualidade de vida **para** os que habitam o nordeste, [...]”, em que os operadores **consequentemente** direcionam para a

conclusão, **todavia** expressa uma contraposição de enunciados com orientações argumentativas diferentes, e **para** indica a finalidade.

A5VF utilizou a estratégia conclusiva, denominada elaboração de uma síntese, na qual apresenta sua tese argumenta: “A obra da transposição do rio São Francisco favorecerá as pessoas que necessitam com urgência desse recurso natural em nosso nordeste”. E, no parágrafo da conclusão, defende que: “[...] acreditamos que o líquido precioso trará qualidade de vida para os que habitam o nordeste, [...]”.

Após a análise dos dados, percebemos que os operadores argumentativos, encontrados nos artigos de opinião, em sua versão inicial, direcionaram as relações lógico-semânticas a seguir: **mas** (contrajunção argumentativa); **ainda** (persistência de um estado); **pois** (explicação); **para** (finalidade); **tanto quanto** (comparação); **porém** (contrajunção argumentativa); **apenas** (marcador de exclusão); **como** (exemplificação); **sendo assim** (conclusão); **já** (conteúdo pressuposto); **e** (adição de argumentos); **além de** (soma de argumentos em favor de uma conclusão); **por exemplo** (exemplificação); **apesar de** (contrajunção de argumentos); **nem** (soma de argumentos); **mais** (soma de argumentos); **também** (soma de argumentos); **porque** (exemplificação); **não só...como** (soma de argumentos); **ou** (alternância) e **pois** (com valor semântico conclusivo). Esses operadores discursivos apareceram, com muita frequência, na versão inicial, evidenciando assim que tais marcadores fazem parte do uso cotidiano dos alunos muito frequentes em sua oralidade e transpostos para os textos escritos.

Quanto aos operadores argumentativos utilizados nos artigos de opinião, com muita frequência, na versão final dos textos analisados, e suas relações lógico-semânticas foram: **para** (indicando finalidade); **e** (adição de argumentos); **também** (soma de argumentos); **mas** (contrajunção de argumentos); **além de** (soma de argumentos); **como** (exemplificação). Em seguida, temos os operadores discursivos com menos frequência nos textos em sua versão final, a saber: **inclusive** (operador de inclusão); **segundo** (indicando conformidade); **embora** (operador de oposição ao que é dito anteriormente); **mais do que** (comparação de superioridade); **já** (conteúdo pressuposto); **até** (direção em uma escala argumentativa); **só** (operador de exclusão); **no entanto** e **entretanto** (contraposição de argumentos); **uma vez que** (operador de causalidade); **por conseguinte** (indicando conclusão); **mais** (intensificador de soma); **isto é** (redefine o conteúdo para reforçar o comprometimento com o que foi enunciado); **por isso** e **com isso** (operadores conclusivos); **ou** (alternância); **até mesmo** (operador que indica o argumento mais forte em uma escala a favor de uma mesma conclusão); **uma vez que** (operador de causalidade); **assim** e **consequentemente** (operadores

de conclusão); **apesar de** (operador concessivo); **porque** (operador de justificativa/explicação); **para que** (finalidade); **pois** (operador de justificativa/explicação); **pois** (conclusivo); **mais que** (comparação); **a exemplo** (exemplificador) e **nem** (somar argumentos).

Percebemos que o uso de determinados operadores argumentativos, utilizados na versão final, foi possível devido à intervenção, por meio da sequência didática, no módulo sobre operadores argumentativos. Bem sabemos que determinados marcadores discursivos não faziam parte dos discursos diários dos discentes, restringindo assim o seu uso.

No tocante à construção da tese, dos tipos de argumentos e as estratégias de conclusão dos textos, na versão inicial, percebemos que os discentes, em sua maioria, definem a tese no primeiro parágrafo e, em seguida, apresentam argumentos por: princípio, evidência, causa e consequência, exemplificação. Isso nos revela que seus conhecimentos sobre os tipos de argumentos são incipientes, pois são poucos os tipos argumentos utilizados. No que concerne às estratégias de conclusão, a maioria dos discentes retomou a tese por meio de uma síntese.

Quanto à construção da tese, dos tipos de argumentos e das estratégias de conclusão dos textos, na versão final, identificamos que os discentes definiram sua tese no primeiro parágrafo, em sua maioria. Em seguida, no desenvolvimento do texto, apresentaram argumentos de: autoridade, causa e consequência e exemplificação, em uma quantidade maior e mais consistente em relação à versão inicial. No tocante às estratégias de conclusão dos textos, identificamos que, a maioria dos discentes, elaboraram uma retomada por síntese e que apenas um texto apresentou uma pergunta retórica ao ser finalizada a argumentação.

Podemos perceber que as questões de pesquisa foram contempladas, após a aplicação da sequência didática, pois identificamos uma melhoria significativa nos textos quanto à textualidade nos aspectos da coesão e da coerência textuais. Também foi notório o melhoramento dos aspectos textuais, na questão da estruturação do artigo de opinião, pois, na versão final, os textos analisados apresentaram todas as partes composicionais do gênero em questão.

Por conseguinte, identificamos um progresso nos aspectos linguísticos quanto ao uso dos operadores argumentativos para concatenar os argumentos, pois os discentes utilizavam somente marcadores que faziam parte da linguagem oral. Após a intervenção, percebemos um melhoramento em relação à ampliação de uso de outros operadores argumentativos com a devida orientação lógico-semântica que estabelecem, melhorando a concatenação coesiva e, conseqüente, a coerência textual. A seguir, teceremos as considerações finais sobre a

importância de compreendermos as relações de sentido que os operadores argumentativos estabelecem e suas contribuições para o plano do texto no contexto da Educação Básica.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca da argumentação sempre causaram grande fascínio sobre a humanidade, uma vez que o homem sempre sentiu a necessidade de defender seus pontos de vista sobre os diversos temas que fazem parte da sua existência em sociedade, seja relativo aos assuntos cotidianos ou aos do mundo intelectual não mais necessitar do uso da força física para referendar seus posicionamentos. Saber argumentar, com argumentos consistentes, é de suma importância para a construção do texto oral ou escrito e saber usar os recursos linguísticos, os operadores argumentativos, que a língua dispõe para organizar as ideias na tessitura textual, dando o direcionamento de sentido pretendido a favor de uma ideia que se defende foi o objeto de estudo desta pesquisa.

Percebemos que as questões de pesquisa foram contempladas, no que diz respeito aos aspectos do processo de escrita (versão inicial dos artigos de opinião) e sua reescrita (versão final), uma vez que, percebemos, notavelmente, avanços significativos, por meio dos módulos na metodologia da sequência didática aplicada baseada em Dolz e Sheneuwly (2004). Observamos o melhoramento nos aspectos textuais concernentes à apresentação da tese, principal do uso dos argumentos em favor da tese, do emprego dos contra-argumentos, assim como da concatenação lógico-semântica dos operadores argumentativos para a produção da coesão e, conseqüentemente, da coerência textual. Por conseguinte, vislumbramos também o encaminhamento para a proposta de solução nos textos analisados. Nesse sentido, é possível observar melhorias do ponto de vista linguístico, textual e semântico na produção textual, uma vez que os discentes apresentavam defasagens quanto a esses aspectos na versão inicial de seus textos.

No que concerne ao referencial teórico utilizado nesta pesquisa, percebemos que atendeu às expectativas do pesquisador, uma vez que foi possível compreender a temática, favorecendo-nos o melhor entendimento dos objetivos propostos sobre o direcionamento lógico-semântico que os operadores argumentativos são capazes de estabelecer ao longo do processo de produção textual. Foram perceptíveis também os avanços no uso do vocabulário, dos recursos estilísticos e dos aspectos de organização linguístico-textual do gênero artigo de opinião, uma vez que observamos, nos textos, principalmente, na versão final.

A Linguística Textual trouxe, para o ensino de Língua Portuguesa, a perspectiva do uso do texto, da língua e das condições de textualidade um novo paradigma. Nesse sentido, para a LT, o texto passa a ser visto como uma unidade de sentido, construída a partir de uma situação comunicativa permeada por um contexto em situações reais de comunicação.

Concernente à prática da leitura, nas aulas de Língua Portuguesa, percebemos a suma importância, uma vez que trazer textos, sejam escritos, multimodais e a observância *in loco*, quando possível, das temáticas a serem dissertadas nas produções textuais, pois, com isso, o aluno sente-se seguro no que dizer, com respaldo em conhecimentos de mundo e científico.

No que diz respeito ao ensino da escrita, em contexto escolar, constatamos que a produção textual é uma ferramenta indispensável, tomando o texto, em uma perspectiva sociodiscursiva, levando em conta o contexto comunicativo, os interlocutores e a intenção discursiva para uma produção escrita profícua nas aulas de Língua Portuguesa. E, nesse sentido, podemos constatar a melhoria no ensino-aprendizagem na produção dos textos comparando as duas versões.

A despeito da Argumentação na Língua, os seus postulados trazem, no seu bojo, a compreensão que todo ato linguístico subjaz intenções de quem enuncia, visto que todo discurso propõe uma dimensão argumentativa. Essas intenções, no discurso, são perceptíveis por meio de mecanismos linguísticos denominados de operadores argumentativos que se propõem para o encadeamento lógico-semântico discursivo.

Com base nos dez textos analisados, cinco em sua versão inicial, e cinco em sua versão final, constatamos um grupo de operadores argumentativos que foram empregados nos textos com mais frequência (mais de 5 ocorrências nas duas versões) foram os seguintes: **para, como, e, também, pois, mas, além de e mais**. Com isso, entendemos que o uso frequente desses operadores argumentativos, no corpo dos textos, em sua versão inicial e final, evidencia o uso cotidiano na oralidade e, conseqüentemente, é levada para a produção escrita do alunado. Também verificamos um grupo de operadores usados com menos frequência (menos de 5 ocorrências nas duas versões) nas produções textuais em análise, vejamos: **já, porque, para que, até, no entanto, por exemplo, apesar de, e ou**.

Assim, acreditamos que o uso desses operadores faz parte de um nível de linguagem que oscila entre a oralidade e a linguagem escrita dos alunos, por isso, é mais ou menos frequente o uso desses conectores. Por conseguinte, ainda constatamos um grupo de operadores argumentativos que foram empregados apenas uma vez (classificamos como raramente) nos artigos de opinião analisados, observemos: **não só...como, nem, mesmo, ainda, tanto...quanto, mais do que, mais que, só, e também, porém, agora, apenas, sendo assim, inclusive, segundo, embora, uma vez que, entretanto, por conseguinte, isto é, por isso, diante disso, todavia, conseqüentemente, assim e com isso**. A partir desses dados, percebemos que o uso desses operadores, quase em sua totalidade neste grupo, foram empregados, nos textos, da versão final dos artigos de opinião em análise, permitindo-nos

concluir que o uso se deu pelo fato da aplicação da sequência didática no módulo sobre os operadores argumentativos.

Outra constatação, com base na análise dos dados, foi sobre o direcionamento lógico-semântico desempenhado pelos operadores argumentativos, na versão final dos artigos de opinião, marcando, nos textos, os efeitos de sentido que apareceram com mais frequência, nesta ordem, a saber: finalidade; soma de argumentos em favor de uma mesma conclusão; contrajunção de argumentos, expressa por operadores que indicam conclusões opostas; conclusibilidade expressa por operadores que introduzem, no enunciado, uma premissa maior, geralmente implícita, e uma premissa menor explícita, extraindo disso uma conclusão; explicação/justificação de argumentos; exemplificação; gradação de força de argumentos em uma escala; causalidade; antecipação de um argumento a favor de uma conclusão; conteúdo pressuposto; comparação; correção/redefinição e alternância.

No contexto de sala de aula, o estudo dos operadores argumentativos, alinhado à teoria da argumentação na língua, revelou-nos que o trabalho, por meio da sequência didática, foi possível desenvolver, nos alunos, diversas competências, dentre elas, destacamos a produção de textos coesos e coerentes fundamentados em argumentos consistentes perante às intenções comunicativas dos discentes.

A pesquisa possibilitou-nos também compreender como os alunos praticam a escrita, no contexto de sala de aula, permitindo ao professor-pesquisador identificar as principais dificuldades no tocante ao processo de construção textual, objetivando, com isso, intervir nas deficiências observadas por meio de estratégias pedagógicas que superassem as principais dificuldades dos alunos.

Com esta pesquisa, esperamos uma parcela de contribuição com o trabalho da argumentação na Educação Básica, especificamente no Ensino Fundamental Anos Finais, já que, muitas vezes, o processo de construção do texto argumentativo se limita ao ensino médio pelo fato de ser o gênero textual/discursivo exigido no ENEM. Mas bem sabemos que a competência 7, da BNCC, relaciona-se à argumentação que, ao longo de toda educação básica, deve possibilitar aos educandos uma argumentação baseada em fatos, dados e informações confiáveis promovendo assim: os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em nível local, regional e global.

Como sabemos que as pesquisas devem ser ampliadas pelo fato de que a temática sobre a orientação lógico-semântico do uso dos operadores argumentativos é abrangente e ainda são incipientes os estudos sobre a argumentação na língua. Destarte, salientamos que novas pesquisas, especialmente, no âmbito do mestrado em Letras - Profletras, em contexto

de produção de textos argumentativos, sejam desenvolvidas por pesquisadores a fim de ampliar os conhecimentos sobre a temática proposta neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes** (récit, description, argumentation, explication et dialogue). 4. ed. Paris: Nathan Université, 2001.

ANDRADE, Roberta Baffa. SIGILIANO, Natália Sathler. Práticas de análise linguística e atuação social: o trabalho com operadores argumentativos em uma perspectiva de formação cidadã. **Revista Letras**. v. 32, n. 64. p. 148-166. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/69419/51452>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEAUGRANDE, R-A. DRESSLER, W.U. **Introduction to Text Linguistics**. Londres: Longman, 1981.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 1998.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 12 de março de 2023.

BUZZATO, Dalmo. *et al.* Operadores argumentativos em aprendizes: panorama do ensino médio. Artigo científico. Universidade. **EaD e software livre**, 2020. Disponível em: [http://file:///C:/Users/Abel%20Jr/Downloads/17047-1125625043-1-PB%20\(3\).pdf](http://file:///C:/Users/Abel%20Jr/Downloads/17047-1125625043-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 15 de agosto de 2022.

BUZATTO, Dalmo. *et al.* Operadores argumentativos em redações modelo ENEM: uma análise baseada em corpus. **Scientia Prima**, 2021. Disponível em: <http://www.abric.org.br/ojs/index.php/scientiaprime/article/view/97/27>. Acesso em: 16 de agosto de 2022.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. DUARTE, Milcilene da Conceição. **Artigo de opinião: sequência didática funcionalista**. São Paulo: Parábola, 2018.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C., ORLANDI, E.; OTONI, P. (orgs.). **O texto, leitura e escrita**. Campinas, Pontes, 1988.

DOLZ, Joaquim. SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para uso oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ J.; SHENEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim. GAGNON, Roxane. DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2022.

FIRMINO, José Vilmar. **“Operadores argumentativos no artigo de opinião: uma intervenção através da sequência didática”**. Dissertação do Profletras, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/Abel%20Jr/Downloads/JoseVilmarFirmino_DISSERT%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Abel%20Jr/Downloads/JoseVilmarFirmino_DISSERT%20(2).pdf) . Acesso em: 12 de agosto de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARTMANN, Schirley Horácio de Gois. SANTAROSA, Sebastião Donizete. **Práticas de leitura para o letramento no ensino superior**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

HUMBOLDT, Wilhelm von. **Linguagem – Literatura – Bildung**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

KLEIMAN, Ângela. **Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 16. ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2016.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação & Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2006b.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 21.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2022.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KÖCHE, Vanilda Salton. BOFF; Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e do expor**. 6.ed. - Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

NASCIMENTO, Marlúcia Nogueira do. SOUSA, Francisco Nogueira de. SILVA, Renata Pinheiro Simões. Os operadores argumetativos explicativos e a habilidade de diferenciar tese de argumento no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Docentes**. v. 8, n. 23. 2023. Disponível em: <https://periodicos.seduc.ce.gov.br/revistadocentes/article/view/527/333>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEREIRA, David Christian de O., PINHEIRO, Zelinda M. A. Operadores argumentativo-discursivos na/para construção de sentidos em “O viés da burrice ou uma questão de deboche”. **Revista Diversitas Journal**, v. 07, n. 03 (jul./set. 2022) p. 1580-1590. UNEAL (Universidade Estadual de Alagoas). Disponível em: https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2026/1724. Acesso em: 04 de abril de 2024.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2014.

RANGEL, Egon de Oliveira. GAGLIARDI, Eliana. AMARAL, Heloísa. **Pontos de vista: caderno do professor: orientação para a produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Jady Mirtis de Abreu Gomes. **Análise dos operadores argumentativos no livro didático do 9º ano do ensino fundamental**. Monografia, UFCG. 2019. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/9148>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

SILVA, Inacio Francisco Teixeira. **Uma análise dos operadores argumentativos em artigos de opinião no 8º ano do ensino fundamental a partir de uma sequência didática**. Dissertação, UFCG. 2020. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/30015>. Acesso em: 25 de julho de 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Folha oficial de redação para a produção escrita da versão inicial e final dos artigos de opinião

Tema: Transposição do Rio São Francisco: impactos e progressos	
Título: _____	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

APÊNDICE B - material escrito entregue aos alunos

MÓDULO 1 - PRODUÇÃO INICIAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

Apresentação, de modo geral, do gênero artigo de opinião e de suas partes constitutivas. Em seguida, a leitura dos dois artigos (anexo A). Construção de um artigo de opinião sobre o tema: Transposição do rio São Francisco: impactos e progressos.

MÓDULO 2 - CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Na perspectiva de Hartmann e Santarosa (2012), o artigo de opinião se insere, essencialmente, na tipologia argumentativa através da qual o articulista apresenta um ponto de vista sobre um tema defendendo, com base em uma argumentação sólida e resistente, a contra-argumentação, mantendo uma dialogia com outros discursos sobre o mesmo tema e os colocando em confronto.

O estilo é a linguagem da norma padrão da língua; o conteúdo, de natureza polêmica e relevante socialmente; e seu modo de composição: introdução (contextualização do tema e apresentação da tese), o desenvolvimento (argumentos e contra-argumentos) e a conclusão (retomadas dos argumentos de forma sucinta e proposição de uma opinião).

(Introdução) Situação-problema: contextualiza o tema e apresenta a tese (1º parágrafo)
(Desenvolvimento) Discussão: expõem os argumentos e constrói sua opinião sobre cada um (2º e 3º parágrafos, geralmente)
(Conclusão) Solução-avaliação: evidencia-se a conclusão do texto podendo haver a reafirmação a posição assumida (síntese) ou apreciação do assunto por meio de proposição de solução. (4º parágrafo, geralmente)

Fonte: conforme Köche *et al.* (2014).

MÓDULO 3 - CONSTRUÇÃO DA TESE

Conceito de tese segundo Perelman e Tyteca (2005, p.325), “[...] qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo próprio auditório”, assim, compreende-se que, em um processo dialógico, quando construímos o nosso discurso, estamos defendendo nossas ideias, que dialogam com o auditório, estabelecendo uma relação harmoniosa com o objetivo de convencer e/ou persuadir acerca da validade de nossas teses.

MÓDULO 4 - TIPOS DE ARGUMENTOS

1) Argumento de autoridade – o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] por meio de dados [D], pela credibilidade de alguém da área.
2) Argumento por evidência ou comprovação - leva o leitor a aceitar uma tese por meio de dados estatísticos ou fatos de domínio público.
3) Argumento por exemplificação ou ilustração – o argumentador constrói a tese ou conclusão [C] em exemplos [D] que por si sós, já são suficientes para justificá-la [J].
4) Argumento por analogia ou comparação - estabelece relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar a posição assumida.
5) Argumento por causa e consequência - quando se procura explicar os porquês e as consequências da temática em questão, pode-se confirmar as ideias postas na tese.
6) Argumento por princípio - a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D] dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado a um fato em que se acredita. Chega-se à tese ou conclusão por meio dedutivo.

Fonte: conforme (Rangel; Gagliardi; Amaral, 2010, p. 102).

MÓDULO 5 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Segundo Koch e Elias (2016), os operadores argumentativos direcionam o sentido que determinadas palavras da língua vão exercer em determinado enunciado.

direcionam para uma mesma conclusão:	até, até mesmo, mesmo, inclusive
direcionam a soma de argumentos para uma dada conclusão:	e, também, não só...mas também, tanto...como, além disso..., etc.
introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados anteriormente:	logo, portanto, por conseguinte, pois (depois do verbo), em decorrência , etc.
introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões opostas:	ou, ou então, quer...quer , etc.
estabelecem relações de elementos para uma dada conclusão:	mais que, menos que , etc.
introduzem uma justificativa ao enunciado anterior:	porque, que, já que , etc.

orientam para conclusões contrárias:	mas, porém, contudo, embora, posto que, ainda que, etc.
tem a função de inserir no enunciado conteúdos pressupostos:	agora, já, ainda, etc.
causalidade - sempre que um segmento expressa a causa da consequência de outro:	como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, visto que
condicionalidade - quando um segmento expressa a condição para o conteúdo de um outro, de forma se um é verdadeiro, o outro será:	caso, desde que, conquanto que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se
temporalidade - expressa o tempo em que são localizados as ações ou os eventos:	tempo exato: quando, mal, assim que, nem bem, logo que, no momento em que ; tempo anterior: antes que ; tempo posterior: depois que ; tempo simultâneo: enquanto ; tempo progressivo: à medida que, à proporção que
finalidade ou mediação - quando os segmentos explicitam o propósito ou o objetivo pretendido:	para que, a fim de que
alternância ou disjunção:	expressa por a conjunção ou exclusiva ou inclusiva (o conector ou com valor exclusivo e o conector ou com valor inclusivo)
conformidade: quando um segmento expressa que foi realizado de acordo com o que foi pontuado em um outro:	como, conforme, segundo, consoante
os articuladores de situação ou ordenação no tempo e espaço que servem para sinalizar as relações espaciais e temporais a que o enunciado faz referência:	antes, depois, em seguida, defronte de, além, a primeira vez que , entre outros.
disjunção argumentativa: relação que resulta de dois atos de fala distintos em que o segundo procura provocar o leitor a mudar sua opinião,	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, ainda que, apesar de (que)

ou a aceitar a opinião expressa no primeiro; contração:	
explicação ou justificativa:	pois, porque e que
conclusão:	portanto, logo, por isso, por conseguinte, consequentemente, então
generalização/extensão :	Aliás
exemplificação (relação em que o segundo enunciado particulariza/exemplifica uma declaração mais geral contida no primeiro):	como, por exemplo
correção/redefinição (relação que se estabelece quando através de um enunciado se corrige, suspende ou redefine o primeiro):	ou seja, isto é, ou melhor
marcadores que indicam o estatuto de um segmento textual em relação aos anteriores vindo linguisticamente marcados com expressões:	em suma, em síntese, em acréscimo a, em oposição a, etc.
para introduzir um tópico:	quanto a, no que tange a, no que diz respeito a, com referência a, relativamente a, etc.
articuladores textuais com a função de introduzir ou interromper um tópico que são marcados na língua com expressões do tipo:	é interessante mencionar que, mas voltando àquele assunto, etc.
articuladores autorreflexivos que evidenciam o próprio processo de correção da linguagem, marcados na língua com as expressões:	digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, em outras palavras, etc.
os articuladores de organização textual servem para organizar o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação indicando abertura, intermediação e fechamento:	primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, entre outros.
marcadores discursivos continuadores que fazem o amarramento de porções textuais, sendo sua ocorrência muito frequente em	aí, daí, então, aí então e agora

discursos semelhantes a fala, expressos por:	
articuladores modalizadores que avaliam o enunciado como verdadeiro, duvidoso ou obrigatório, assinalando o grau de certeza em relação ao que é enunciado, são marcados na língua por advérbios e locuções:	evidentemente, naturalmente, obviamente, logicamente, seguramente

Fonte: Koch & Elias (2016)

MÓDULO 6 - ESTRATÉGIAS PARA CONCLUIR A ARGUMENTAÇÃO

1- elaborar uma síntese	3- remissão a textos
2- proposição de solução para o problema	4- pergunta retórica

Fonte: Koch & Elias (2016)

MÓDULO 7 - ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistador(a):_____
Entrevistado(a):_____ Profissão:_____
1) Qual a sua opinião sobre o projeto de transposição do Rio São Francisco?
2) Quais os principais desafios enfrentados para a execução da transposição do Rio São Francisco?
3) Qual vai ser a utilidade da água advinda da transposição do Rio São Francisco? Na sua opinião, quem vai poder usar essa água? Essa água vai acabar, de fato, com a seca no Nordeste?
4) Como a construção da obra da transposição afetou o meio ambiente no que se refere à fauna e à flora locais?
5) No que se refere às vivências das pessoas nas comunidades atingidas pela passagem dos canais da transposição, quais impactos os ex-moradores vivenciaram ao deixar uma história de afetos com a comunidade que deixou de existir para dar lugar às obras da transposição?

Fonte: elaborado pelo autor-pesquisador (2023).

MÓDULO 8 - VISITA ÀS OBRAS DA TRANSPosição DO RIO SÃO FRANCISCO



Fonte: autoria própria (2023)

MÓDULO 9 - PRODUÇÃO FINAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

Os artigos de opinião, em sua versão inicial e final, estão no capítulo seis desta dissertação, a partir da página oitenta e quatro.

APÊNDICE C - slides trabalhados nos módulos da sequência didática

MÓDULO 1: CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO SEGUNDO CASSEB GALVÃO & DUARTE (2018)

DEFINIÇÃO: O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para avaliar, analisar e responder, com argumentos consistentes, uma questão controversa. As temáticas dos artigos são de diversas ordens, seja social, econômica, cultural, política, filosófica, entre outras, apresentando os acontecimentos em si com a análise e a posição do articulista que depois publica em jornais, revistas ou na internet.

O texto do artigo de opinião realça a dialética da interlocução, quando o eu se constrói a partir do tu no qual o locutor e interlocutor antecipam opiniões a serem ratificadas ou refutadas. A negociação interlocutiva objetiva influenciar o outro no intuito de provocar mudanças de ponto de vista, opinião e valores.

ALGUMAS CONDIÇÕES SÃO NECESSÁRIAS, SEGUNDO CASSEB GALVÃO & DUARTE (2018), PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL DO ARTIGO DE OPINIÃO, DESTACAMOS ALGUNS ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

- organizar o discurso predominantemente em 3ª pessoa;
- prevalência dos tempos verbais no presente do indicativo ou subjuntivo na apresentação das questões, dos argumentos e contra-argumentos;
- uso do pretérito nas explicações e apresentações de dados;
- recurso a citações para dar maior credibilidade aos argumentos e
- uso dos operadores argumentativos para concatenar a coesão e, consequentemente, construir a orientação argumentativa.

ALGUMAS CONDIÇÕES BÁSICAS, SEGUNDO CASSEB GALVÃO & DUARTE (2018), PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL DO ARTIGO DE OPINIÃO:

- Colocar-se discursivamente como autor;
- Construir as imagens dos interlocutores, seus pontos de vista (leitores);
- Considerar o lugar institucional e o momento social de onde se enuncia;
- Estabelecer o objeto enunciado;
- Estabelecer uma relação valorativa (posicionamento) diante do objeto enunciado e dos outros discursos sobre o mesmo objeto.

ESTILO, MODO COMPOSICIONAL E CONTEÚDO SEGUNDO CASSEB GALVÃO & DUARTE (2018):

- Estilo: formal, possuem uma linguagem simples, objetiva e subjetiva; abordam temas da atualidade; possuem títulos polêmicos e provocativos; contêm verbos no presente e no imperativo.
- Modo composicional:
 - 1) Situação-problema: coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto por meio de informações gerais e específicas. É comum, nesse momento, evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo.
 - 2) Discussão: expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão. Todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição assumida e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relação entre os conceitos e fatos. Faz-se usos da exposição de fatos concretos, dados e exemplos com emprego de sequências narrativas, descritivas, explicativas, etc.
 - 3) Proposta interventiva/ avaliação: evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver a reafirmação da posição assumida ou a apreciação do assunto abordado.

ARTIGO 1

► **TRANSPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO: IMPACTOS AMBIENTAIS**

A transposição de rios é muito utilizada desde a Antiguidade, mas tem sido intensificada na atualidade devido a escassez de água em algumas partes do mundo, o objetivo das transposições é levar a água para lugares onde esse recurso não é encontrado em abundância, mas para que isso seja possível é necessário a realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito elevada.

Entre os principais impactos ambientais causados por uma obra desse porte, podemos citar o desmatamento, destruição de habitats, desertificação, surgimento de processos erosivos e também acaba impedindo o caminho que poderia ser utilizado pelos animais para migração.

O desmatamento ocorre, pois as obras de transposição, em geral, ocupam muitos hectares de terra para que o projeto possa ser executado, com a perda da fauna e da flora, o processo de extinção de algumas espécies pode ocorrer de forma mais acelerada que o comum. E como consequência da destruição ou alteração dos *habitats*, o risco para a saúde da população ao redor também aumentam, visto que espécies como aranhas, cobras e escorpiões podem acabar invadindo as residências mais próximas a fim de encontrar um novo local para permanecer e se desenvolver.

Quando uma mata ou qualquer outro tipo de vegetação é separado por construções, como no caso de rodovias com o asfalto e na própria transposição dos rios com o concreto e a água, a biodiversidade da região reduz drasticamente, visto que a região, a partir desse momento, está dividida em duas partes, então, as interações entre as espécies não ocorrem mais da mesma forma. Além disso, as comunidades aquáticas também são afetadas devido a mudança no curso do rio, principalmente, as das bacias receptoras, pois são introduzidas espécies exóticas.

Com o desmatamento, o processo de desertificação pode ser intensificado, principalmente em áreas que já sofrem esse problema, como é o caso do Nordeste brasileiro, além disso, as erosões tendem a ocorrer com maior frequência e cada vez em maior intensidade. Esses são os principais pontos debatidos no caso da transposição do Rio São Francisco, que teve suas obras totalmente finalizadas no ano de 2020.

Nesse projeto, foram construídos dois canais, um para o eixo norte e outro para o eixo leste, que somam a distância de 477 km. A previsão é que 11,6 milhões de pessoas possam ser abastecidas com essa água, mas os impactos ambientais ainda são incertos, pesquisadores dizem que será necessário um acompanhamento contínuo para poder determinar quais serão os problemas causados no meio ambiente, visto que o Rio São Francisco passa por cinco estados brasileiros e possui 2.800 km de extensão, abrangendo diversos ecossistemas.

Os impactos sociais já podem ser observados, principalmente, nas populações indígenas, cerca de 848 famílias tiveram que ser realocadas para 18 novas comunidades, e nem todas conseguiram se adaptar ainda. As principais reclamações entre as comunidades são a escassez de água para a agricultura e animais, perda da terra, impacto psicológico e depressão, além de desmatamento de árvores sagradas para indígenas.

O pesquisador André Monteiro, diz que as máquinas da transposição entraram nos territórios indígenas sem que todos fossem avisados. "Eles ouviam só o barulho das máquinas e das árvores caindo, muitos relatam cenário de apocalipse, como se fosse uma invasão de outro mundo".

Na cidade de Sertânia-PE, uma moradora deu seu depoimento a respeito das obras e como foi abordado o assunto com os moradores, "Passaram aqui dizendo que a obra iria chegar, que seria muito bom. Foi uma coisa de muita alegria, mas que passou a ser de tristeza. Teve desmatamento, a área devastada é muito grande. Tivemos que nos mudar. Tínhamos um açude, era a praia do sertão da gente, mas a água secou" – Rosilene Pinheiro de Sousa.

Atualmente, a água do São Francisco até passa perto de onde a família de Rosilene Pinheiro de Sousa vive em Sertânia, mas está atrás do canal de concreto e não há acesso, como teria em um rio natural, com margens.

- Texto disponível em: <https://www.geoambientaljr.com/post/transposi%C3%A7%C3%A3o-do-rio-s%C3%A3o-francisco-impactos-ambientais-e-sociais>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

ARTIGO 2

► ESPECIALISTAS APONTAM BENEFÍCIOS DA TRANSPosição DO SÃO FRANCISCO

Irrigação para agroindústria e lavoura, fornecimento de água para animais, perenização de córregos e rios do Nordeste setentrional, avanços na saúde e geração de empregos. Esses seriam alguns dos benefícios da transposição do Rio São Francisco, de acordo com os participantes da audiência pública promovida ontem pela Comissão de Serviços de Infraestrutura (CSI).

Para o presidente do Instituto Internacional de Ecologia (IIE), José Galízia Tundisi, a transposição do Rio São Francisco não é simplesmente uma obra de integração hídrica, mas uma obra de integração regional. Tundisi disse que a transposição vai garantir segurança hídrica para milhões de nordestinos, observando que açudes, barragens e cisternas são importantes, mas não garantem a perenização do fornecimento de água.

Tundisi acrescentou que uma quantidade maior de água disponível no Nordeste vai incrementar a agricultura e fortalecer a economia regional. Para o presidente do IIE, água é fator de desenvolvimento econômico e social, além de auxiliar na saúde e na qualidade de vida.

— Os críticos não precisam se preocupar com a quantidade de água que está sendo transportada. É muito pouca água, é menos de 5% do volume do rio — explicou Tundisi.

Apesar de apontar benefícios, Tundisi alertou para a importância da qualidade da gestão da água no Nordeste.

Medidas como plano de gestão integrada de todos os recursos hídricos da transposição, monitoramento da qualidade e da quantidade da água e mais investimentos nos recursos tecnológicos de irrigação, para melhor aproveitamento da água, foram apontadas por Tundisi como importantes para o sucesso do projeto.

O engenheiro Francisco Xavier Mill, representante do Ministério da Integração Nacional, informou que a transposição poderá beneficiar até 12 milhões de pessoas, em cerca de 390 municípios. Mill reconheceu que a obra enfrentou problemas de execução, mas informou que todos os lotes contratados estão em atividade operacional. Ele acentuou que uma parte muito pequena do rio será transposta na obra, assegurando que jamais faltar água no leito do rio e que o excesso do volume vai garantir a solução de problemas crônicos na região. A abrangência da perenização não é orçada nem visível para a população. Esse projeto é redentor para o Nordeste setentrional — afirmou.

O senador Inácio Arruda (PCdoB-CE) lembrou que muitas regiões do Nordeste enfrentam até dois anos seguidos de seca grave. Assim, disse o senador, a situação climática termina comprometendo o crescimento da economia. A transposição é muito importante para o Ceará e para o Nordeste — disse Arruda.

Segundo o senador José Pimentel (PT-CE), que presidiu a audiência pública, a grande vantagem da transposição é usar a água que está à disposição do Nordeste. O senador lembrou que não se pode ter a certeza da abundância de chuvas todos os anos. Daí, a necessidade de uma reserva para atender os momentos mais críticos de seca. É segurança para 12 milhões de pessoas que hoje dependem do carro-pipa e que amanhã poderão ter outra qualidade de vida — declarou o senador.

- Texto disponível em: <https://alfonsin.com.br/especialistas-apontam-beneficios-da-transposio-do-so-francisco/>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

MÓDULO 3: CONSTRUÇÃO DA TESE

Conceito de tese segundo Perelman e Tyteca (2005), “qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo próprio auditório”, assim, compreende-se que em um processo dialógico, quando construímos o nosso discurso, estamos defendendo nossas ideias, que dialogam com o auditório, estabelecendo uma relação harmoniosa, com o objetivo de convencer e/ou persuadir acerca da validade de nossas teses.

Aspectos positivos da transposição do Rio São Francisco

Aspectos negativos da transposição do Rio São Francisco

A partir dos vídeos: <https://www.youtube.com/watch?v=eb1dXMcuwog>; <https://www.youtube.com/watch?v=rnFJGxc2qY0>; <https://www.youtube.com/watch?v=ss-4qUjkyws>; https://www.youtube.com/watch?v=E18K_DFoA4; <https://www.youtube.com/watch?v=gSDsYNBGUV>

Acesso em: 20 de junho de 2023.

► MÓDULO 4: TIPOS DE ARGUMENTOS

► (SEGUNDO KOCH; ELIAS, 2016).

- 1) Argumento de autoridade (cita uma fonte confiável, um especialista no assunto)
- 2) Argumento por evidência ou comprovação (leva o leitor a aceitar uma tese por meio de dados estatísticos ou fatos de domínio público)
- 3) Argumento por exemplificação ou ilustração (constrói-se por meio de uma breve narrativa objetivando tornar mais concreto o que está sendo defendido)
- 4) Argumento por analogia ou comparação (estabelece relação de semelhança ou diferença entre a tese defendida e algum tipo de dado a fim de comprovar a posição assumida)
- 5) Argumento por causa e consequência (quando se procura explicar os porquês e as consequências da temática em questão, pode-se confirmar as ideias postas na tese)

MÓDULO 5: OPERADORES ARGUMENTATIVOS

SEGUNDO KOCH E ELIAS (2016)

direcionam para uma mesma conclusão	até, até mesmo, mesmo, inclusive
direcionam a soma de argumentos para uma dada conclusão	e, também, não só ... mas também, tanto... como, além disso..., etc
introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados anteriormente	logo, portanto, por conseguinte, pois (depois do verbo), em decorrência, etc.
introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões opostas	ou, ou então, quer...quer, etc.
estabelecem relações de elementos para uma dada conclusão	mais que, menos que, etc.

introduzem uma justificativa ao enunciado anterior	porque, que, já que, etc
orientam para conclusões contrárias	mas, porém, contudo, embora, posto que, ainda que, etc
tem a função de inserir no enunciado conteúdos pressupostos	agora, já, ainda, etc.
causalidade - sempre que um segmento expressa a causa da consequência de outro	como, pois, porquanto, já que, uma vez que, dado que, visto que
condicionalidade - quando um segmento expressa a condição para o conteúdo de um outro, de forma se um é verdadeiro, o outro será	caso, desde que, conquanto que, a menos que, sem que, a não ser que, salvo se
temporalidade - expressa o tempo em que são localizadas as ações ou os eventos	tempo exato: quando, mal, assim que, nem bem, logo que, no momento em que ; tempo anterior: antes que ; tempo posterior: depois que ; tempo simultânea: enquanto ; tempo progressiva: à medida que, à proporção que
finalidade ou mediação - quando os segmentos explicitam o propósito ou o objetivo pretendido	para que, a fim de que
alternância ou disjunção	expressa por a conjunção ou exclusiva ou inclusiva (o conector ou com valor exclusivo e o conector ou com valor inclusivo)
conformidade: quando um segmento expressa que foi realizado de acordo com o que foi pontuado em um outro	como, conforme, segundo, consoante
os articuladores de situação ou ordenação no tempo e espaço que servem para sinalizar as relações espaciais e temporais a que o enunciado faz referência	antes, depois, em seguida, defronte de, além, a primeira vez que , entre outros.

conjunção	e, também, não só...mas também, tanto...como, além de, além disso, ainda e nem = e não
disjunção argumentativa relação que resulta de dois atos de fala distintos em que o segundo procura provocar o leitor a mudar sua opinião, ou a aceitar a opinião expressa no primeiro; contrajunção	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, embora, ainda que, apesar de (que)
explicação ou justificativa	pois, porque e que
conclusão	portanto, logo, por isso, por conseguinte, consequentemente, então
comparação (relação entre um termo comparante e o comparado podendo indicar igualdade, inferioridade e superioridade)	tanto...que, menos...que, mais...que

generalização/extensão	aliás
exemplificação (relação em que o segundo enunciado particulariza/exemplifica uma declaração mais geral contida no primeiro)	como, por exemplo
correção/redefinição (relação que se estabelece quando através de um enunciado se corrige, suspende ou redefine o primeiro)	ou seja, isto é, ou melhor
marcadores que indicam o estatuto de um segmento textual em relação aos anteriores vindo linguisticamente marcados com expressões	em suma, em síntese, em acréscimo a, em oposição a, etc.
para introduzir um tópico	quanto a, no que tange a, no que diz respeito a, com referência a, relativamente a, etc.

articuladores textuais com a função de introduzir ou interromper um tópico que são marcados na língua com expressões do tipo:	é interessante mencionar que, mas voltando àquele assunto, etc.
articuladores autorreflexivos que evidenciam o próprio processo de correção da linguagem, marcados na língua com as expressões:	digamos assim, podemos dizer assim, por assim dizer, em outras palavras, etc.
os articuladores de organização textual servem para organizar o texto em uma sucessão de fragmentos que se complementam e orientam a interpretação indicando abertura, intermediação e fechamento	primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, entre outros.
marcadores discursivos continuadores que fazem o amarramento de porções textuais, sendo sua ocorrência muito frequente em discursos semelhantes a fala, expressos por:	aí, daí, então, aí então e agora.
articuladores modalizadores que avaliam o enunciado como verdadeiro, duvidoso ou obrigatório, assinalando o grau de certeza em relação ao que é enunciado, são marcados na língua por advérbios e locuções:	evidentemente, naturalmente, obviamente, logicamente, seguramente
articuladores que delimitam o domínio de determinado campo do saber seja jornalístico, jurídico, religioso, escolar, entre outros campos do saber, delimitando o âmbito que o enunciado deverá ser testado.	do ponto de vista filosófico

MÓDULO 6: ESTRATÉGIAS PARA CONCLUIR A ARGUMENTAÇÃO

SEGUNDO KOCH E ELIAS (2016)

Para este módulo usamos os textos (ver Anexo A)

1 - elaborar uma síntese	3 - remissão a textos
2 - proposição de uma solução para o problema	4 - pergunta retórica

MODULO 7: ELABORAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA

Exibição do vídeo: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rvZPM9lwyc> Acesso: em 20 de junho 2023.

Entrevistadores os discentes participantes da pesquisa;

Entrevistados pessoas que, direta ou indiretamente, foram atingidas com a construção dos canais da transposição, assim como, pessoas que trabalham nas obras.

Em seguida: elaboramos, em sala, um roteiro de entrevista

- 1) Qual a sua opinião sobre o projeto de transposição do Rio São Francisco?
- 2) Quais os principais desafios enfrentados para a execução da transposição do Rio São Francisco?
- 3) Qual vai ser a utilidade da água advinda da transposição do Rio São Francisco? Na sua opinião, quem vai poder usar essa água? Essa água vai acabar, de fato, com a seca no Nordeste?
- 4) Como a construção da obra da transposição afetou o meio ambiente no que se refere à fauna e à flora locais?
- 5) No que se refere às vivências das pessoas nas comunidades atingidas pela passagem dos canais da transposição, quais impactos os ex-moradores vivenciaram ao deixar uma história de afetos com a comunidade que deixou de existir para dar lugar às obras da transposição?

APÊNDICE D - ofício solicitando a visita às obras da transposição do Rio São Francisco

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DOS ÍNDIOS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO –
EMEIEF. MARIA CÂNDIDO DE OLIVEIRA
DECRETO Nº 17/81 – DE 04 MAIO DE 1981 / CNPJ:01807514/0001 16- INEP: 25007327

Ofício nº 034/2023

Cachoeira dos Índios PB, 21 de agosto de 2023

AO SETOR RESPONSÁVEL PELAS OBRAS DA TRANSPOSIÇÃO

Venho por meio deste, solicitar uma visita com 20 alunos do 9º ano C, da ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL MARIA CÂNDIDO DE OLIVEIRA, sob responsabilidade do professor Abel Júnior Batista Barros (email:abjrbb_23@hotmail.com); nos canais da transposição nos trechos que vão do Sítio Redondo à Pitombeira em Cachoeira dos Índios, e, se possível na cidade de São José de Piranhas onde a barragem está abastecida. A visita tem como objetivo mostrar aos alunos a importância da transposição para o semiárido nordestino, constituindo, assim uma pesquisa de mestrado do também aluno, o professor Abel Júnior Batista Barros na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros.

Sem mais para o momento, reitero votos de estima e apreço!

Maria Suênia Crispim Brito

Gestora Escolar

Abel Júnior Batista Barros

(telefone:83 99967-1873)

Professor pesquisador



APÊNDICE E - termos de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPEG)
 CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS (CAPF)
 DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
 NACIONAL (PROFLETRAS)**
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS
 UNIDADE DE PAU DOS FERROS



Professor-Pesquisador: Abel Júnior Batista Barros
(Mestrando do PROFLETRAS - Unidade de Pau dos Ferros - RN).
Telefone (83) 99967-1873

Professora-orientadora: Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira
Professora-coorientadora: Dra. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
 (para discentes maiores de dezoito anos)

**Título da Pesquisa: OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE
 OPINIÃO: INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
 ESCRITA**

1) Natureza da pesquisa: o referido aluno está sendo convidado para participar da pesquisa supracitada cuja finalidade é desenvolver mecanismos para o desenvolvimento da escrita no tocante aos aspectos caracterizadores do gênero textual artigo de opinião por meio de uma sequência didática em que serão trabalhados em sala de aula cada parte constitutiva do gênero, objetivando analisar as contribuições dos operadores argumentativos para o direcionamento lógico-semântico no desenvolvimento da coesão e coerência (oferecendo estratégias por meio de módulos sobre a construção da tese, os tipos de argumentos e como os operadores argumentativos orientam de forma profícua a sustentação da tese e, com isso, a argumentatividade para o encaminhamento da proposta de conclusão do texto) na produção

do gênero textual artigo de opinião. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados serão: uma entrevista escrita e uma produção textual com a sequência didática por meio do gênero textual artigo de opinião.

2) Participantes da pesquisa: os participantes da pesquisa são alunos que cursam o nono ano do ensino fundamental, turma C, do turno vespertino do ano de dois mil e vinte e três da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria Cândido de Oliveira, na cidade de Cachoeira dos Índios - PB.

3) Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o discente permitirá que o pesquisador faça um estudo descritivo e interpretativo de uma produção inicial e depois por meio de uma sequência didática com uma produção final sobre o mesmo tema e gênero. O aluno-participante tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o discente. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador.

4) Sobre as coletas: as entrevistas serão escritas e produzidas pelos discentes com o auxílio do professor-pesquisador com pessoas que foram impactadas com a construção do canal e barragem da transposição do Rio São Francisco em Cachoeira dos Índios-PB, os nomes dos entrevistadores e dos entrevistados serão ocultados. Os textos fornecidos pelas entrevistas servirão de base argumentativa para a construção dos textos. Quanto às produções escritas iniciais e pós-intervenção constituirão *corpus* da pesquisa para análises descritivas e interpretativas dos dados. Os textos, nas duas versões, serão numerados ocultando assim os nomes dos discentes.

5) Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Uma vez que a intenção é unicamente a escrita e reescrita de texto por meio de uma intervenção com o uso de uma sequência didática com o gênero textual artigo de opinião. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

6) Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados.

7)Benefícios: ao participar desta pesquisa o discente não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo mostre melhoramentos no processo para a construção da argumentatividade por meio de uso de operadores argumentativos em textos do gênero artigo de opinião, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa proporcionar ao pesquisador uma análise descritiva e interpretativa entre uma produção inicial e uma produção final.

8)Pagamento: o discente não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos obtidos neste estudo.

Cachoeira dos Índios-PB, ____/____/____

Assinatura do aluno participante

Assinatura do Pesquisador



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN)
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPEG)
 CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS (CAPF)
 DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS (DLV)
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE
 NACIONAL (PROFLETRAS)**
 ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGENS E LETRAMENTOS
 UNIDADE DE PAU DOS FERROS



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(para os discentes menores de dezoito anos)

**Título da Pesquisa: OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM ARTIGO DE
 OPINIÃO: INTERVENÇÃO DIDÁTICA PARA O DESENVOLVIMENTO DA
 ESCRITA**

Professor-Pesquisador: Abel Júnior Batista Barros
(Mestrando do PROFLETRAS- Unidade de Pau dos Ferros-RN)

Telefone (83) 99967-1873

Professora-orientadora: Profa. Dra. Crígina Cibelle Pereira
Professora-coorientadora: Dra. Sayonara Abrantes de Oliveira Uchôa

As informações contidas nesta folha, fornecidas por **Abel Júnior Batista Barros** têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

1) **Natureza da pesquisa:** esta pesquisa tem por finalidade desenvolver mecanismos para o desenvolvimento da escrita no tocante aos aspectos caracterizadores do gênero textual artigo de opinião por meio de uma sequência didática em que serão trabalhados, em sala de aula, cada parte constitutiva do gênero, objetivando analisar as contribuições dos operadores argumentativos para o direcionamento lógico-semântico no desenvolvimento da coesão e coerência (oferecendo estratégias por meio de módulos sobre a construção da tese, os tipos de argumentos e como os operadores argumentativos orientam de forma profícua a sustentação da tese e, com isso, a argumentatividade para o encaminhamento da proposta de conclusão do texto) na produção do gênero textual artigo de opinião.

2) Participantes da pesquisa: os participantes da pesquisa são alunos que cursam o nono ano do ensino fundamental, turma C, do turno vespertino do ano de dois mil e vinte e três da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria Cândido de Oliveira, na cidade de Cachoeira dos Índios-PB.

3) Envolvimento na pesquisa: ao participar deste estudo o discente permitirá que o pesquisador faça um estudo descritivo e interpretativo de uma produção inicial e depois por meio de uma sequência didática com uma produção final sobre o mesmo tema e gênero. O aluno-participante tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o discente. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador.

4) Sobre as coletas: as entrevistas serão escritas e produzidas pelos discentes com o auxílio do professor-pesquisador com pessoas que foram impactadas com a construção do canal e barragem da transposição do Rio São Francisco em Cachoeira dos Índios-PB, os nomes dos entrevistadores e dos entrevistados serão ocultados. Os textos fornecidos pelas entrevistas servirão de base argumentativa para a construção dos textos. Quanto às produções escritas iniciais e pós-intervenção constituirão *corpus* da pesquisa para análises descritivas e interpretativas dos dados. Os textos, nas duas versões, serão numerados ocultando assim os nomes dos discentes.

5) Riscos e desconforto: os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. Portanto, asseguramos esta pesquisa não trará nenhum risco ou desconforto aos participantes.

6) Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados.

7) Benefícios: ao participar desta pesquisa o discente não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo mostre melhoramentos no processo para a construção da argumentatividade por meio de uso de operadores argumentativos em textos de artigos de opinião, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa proporcionar ao pesquisador uma análise descritiva e interpretativa entre uma produção inicial e uma produção final.

8) **Pagamento**: você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

9) **Liberdade de recusar ou retirar o consentimento**: você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalidades.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,

RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação de _____, sob minha responsabilidade, é voluntária, e que ele(a) pode sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Cachoeira dos Índios-PB, ____/____/____

Assinatura do discente

Responsável pelo discente

Professor-pesquisador

ANEXOS

ANEXO A - artigos de opinião trabalhados durante as etapas e módulos da sequência didática Transposição do Rio São Francisco: impactos ambientais e sociais

A transposição de rios é muito utilizada desde a Antiguidade, mas tem sido intensificada, na atualidade, devido à escassez de água em algumas partes do mundo, o objetivo das transposições é levar a água para lugares onde esse recurso não é encontrado em abundância, mas para que isso seja possível é necessário a realização de grandes obras com potencial de destruição ambiental muito elevado.

Entre os principais impactos ambientais causados por uma obra desse porte, podemos citar o desmatamento, destruição de habitats, desertificação, surgimento de processos erosivos que também acaba impedindo o caminho que poderia ser utilizado pelos animais para migração.

O desmatamento ocorre, pois as obras de transposição, em geral, ocupam muitos hectares de terra para que o projeto possa ser executado, com a perda da fauna e da flora, o processo de extinção de algumas espécies pode ocorrer de forma mais acelerada que o comum. E como consequência da destruição ou alteração dos *habitats*, o risco para a saúde da população ao redor também aumentam, visto que espécies como aranhas, cobras e escorpiões podem acabar invadindo as residências mais próximas a fim de encontrar um novo local para permanecer e se desenvolver.

Quando uma mata ou qualquer outro tipo de vegetação é separado por construções, como no caso de rodovias com o asfalto e na própria transposição dos rios com o concreto e a água, a biodiversidade região reduz drasticamente, visto que a região, a partir desse momento, está dividida em duas partes, então, as interações entre as espécies não ocorrem mais da mesma forma. Além disso, as comunidades aquáticas também são afetadas devido a mudança no curso do rio, principalmente, as das bacias receptoras, pois são introduzidas espécies exóticas.

Com o desmatamento, o processo de desertificação pode ser intensificado, principalmente, em áreas que já sofrem esse problema, como é o caso do Nordeste brasileiro, além disso, as erosões tendem a ocorrer com maior frequência e cada vez em maior intensidade. Esses são os principais pontos debatidos no caso da transposição do Rio São Francisco, que teve suas obras totalmente finalizadas no ano de 2020.

Nesse projeto, foram construídos dois canais, um para o eixo norte e outro para o eixo leste, que somam a distância de 477 km. A previsão é que 11,6 milhões de pessoas possam ser

abastecidas com essa água, mas os impactos ambientais ainda são incertos, pesquisadores dizem que será necessário um acompanhamento contínuo para poder determinar quais serão os problemas causados no meio ambiente, visto que o Rio São Francisco passa por cinco estados brasileiros e possui 2.800 km de extensão, abrangendo diversos ecossistemas.

Os impactos sociais já podem ser observados, principalmente, nas populações indígenas, cerca de 848 famílias tiveram que ser realocadas para 18 novas comunidades, e nem todas conseguiram se adaptar ainda. As principais reclamações entre as comunidades são a escassez de água para a agricultura e animais, perda da terra, impacto psicológico e depressão, além de desmatamento de árvores sagradas para indígenas.

O pesquisador André Monteiro diz que as máquinas da transposição entraram nos territórios indígenas sem que todos fossem avisados. “Eles ouviam só o barulho das máquinas e das árvores caindo, muitos relatam cenário de apocalipse, como se fosse uma invasão de outro mundo”.

Na cidade de Sertânia-PE, uma moradora deu seu depoimento a respeito das obras e como foi abordado o assunto com os moradores, “Passaram aqui dizendo que a obra iria chegar, que seria muito bom. Foi uma coisa de muita alegria, mas que passou a ser de tristeza. Teve desmatamento, a área devastada é muito grande. Tivemos que nos mudar. Tínhamos um açude, era a praia do sertão da gente, mas a água secou” – Rosilene Pinheiro de Sousa.

Atualmente, a água do São Francisco até passa perto de onde a família de Rosilene Pinheiro de Sousa vive em Sertânia, mas está atrás do canal de concreto e não há acesso, como teria em um rio natural, com margens.

Fonte: disponível em <https://www.geoambientaljr.com/post/transposi%C3%A7%C3%A3o-do-rio-s%C3%A3o-francisco-impactos-ambientais-e-sociais>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

Especialistas apontam benefícios da transposição do São Francisco

Irrigação para agroindústria e lavoura, fornecimento de água para animais, perenização de córregos e rios do Nordeste setentrional, avanços na saúde e geração de empregos. Esses seriam alguns dos benefícios da transposição do Rio São Francisco, de acordo com os participantes da audiência pública promovida ontem pela Comissão de Serviços de Infraestrutura (CSI).

Para o presidente do Instituto Internacional de Ecologia (IIE), José Galízia Tundisi, a transposição do Rio São Francisco não é simplesmente uma obra de integração hídrica, mas uma obra de integração regional. Tundisi disse que a transposição vai garantir segurança

hídrica para milhões de nordestinos, observando que açudes, barragens e cisternas são importantes, mas não garantem a perenização do fornecimento de água.

Tundisi acrescentou que uma quantidade maior de água disponível no Nordeste vai incrementar a agricultura e fortalecer a economia regional. Para o presidente do IIE, água é fator de desenvolvimento econômico e social, além de auxiliar na saúde e na qualidade de vida.

— Os críticos não precisam se preocupar com a quantidade de água que está sendo transportada. É muito pouca água, é menos de 5% do volume do rio — explicou Tundisi.

Apesar de apontar benefícios, Tundisi alertou para a importância da qualidade da gestão da água no Nordeste.

Medidas como plano de gestão integrada de todos os recursos hídricos da transposição, monitoramento da qualidade e da quantidade da água e mais investimentos nos recursos tecnológicos de irrigação, para melhor aproveitamento da água, foram apontadas por Tundisi como importantes para o sucesso do projeto.

O engenheiro Francisco Xavier Mill, representante do Ministério da Integração Nacional, informou que a transposição poderá beneficiar até 12 milhões de pessoas, em cerca de 390 municípios. Mill reconheceu que a obra enfrentou problemas de execução, mas informou que todos os lotes contratados estão em atividade operacional. Ele acentuou que uma parte muito pequena do rio será transposta na obra, assegurando que jamais faltará água no leito do rio e que o excesso do volume vai garantir a solução de problemas crônicos na região. A abrangência da perenização não é orçada nem visível para a população. Esse projeto é redentor para o Nordeste setentrional — afirmou.

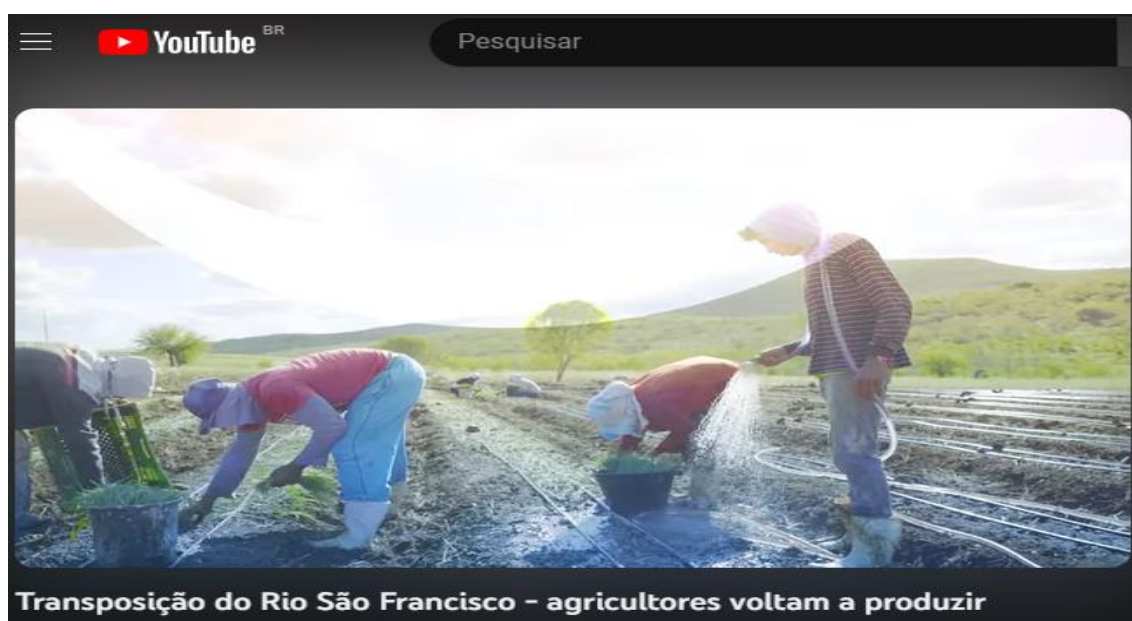
O senador Inácio Arruda (PCdoB-CE) lembrou que muitas regiões do Nordeste enfrentam até dois anos seguidos de seca grave. Assim, disse o senador, a situação climática termina comprometendo o crescimento da economia. A transposição é muito importante para o Ceará e para o Nordeste — disse Arruda.

Segundo o senador José Pimentel (PT-CE), que presidiu a audiência pública, a grande vantagem da transposição é usar a água que está à disposição do Nordeste. O senador lembrou que não se pode ter a certeza da abundância de chuvas todos os anos. Daí, a necessidade de uma reserva para atender os momentos mais críticos de seca. É segurança para 12 milhões de pessoas que hoje dependem do carro-pipa e que amanhã poderão ter outra qualidade de vida — declarou o senador.

Fonte: disponível em <https://alfonsin.com.br/especialistas-apontam-beneficios-da-transposio-do-so-francisco/>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

ANEXO B - Vídeos trabalhados durante a sequência didática

Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eb1dXMcuwog> Acesso: em 20 de junho 2023.



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rnFJGxc2qY0> Acesso: em 20 de junho 2023.



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ss-4qUjkyws> Acesso: em 20 de junho 2023.

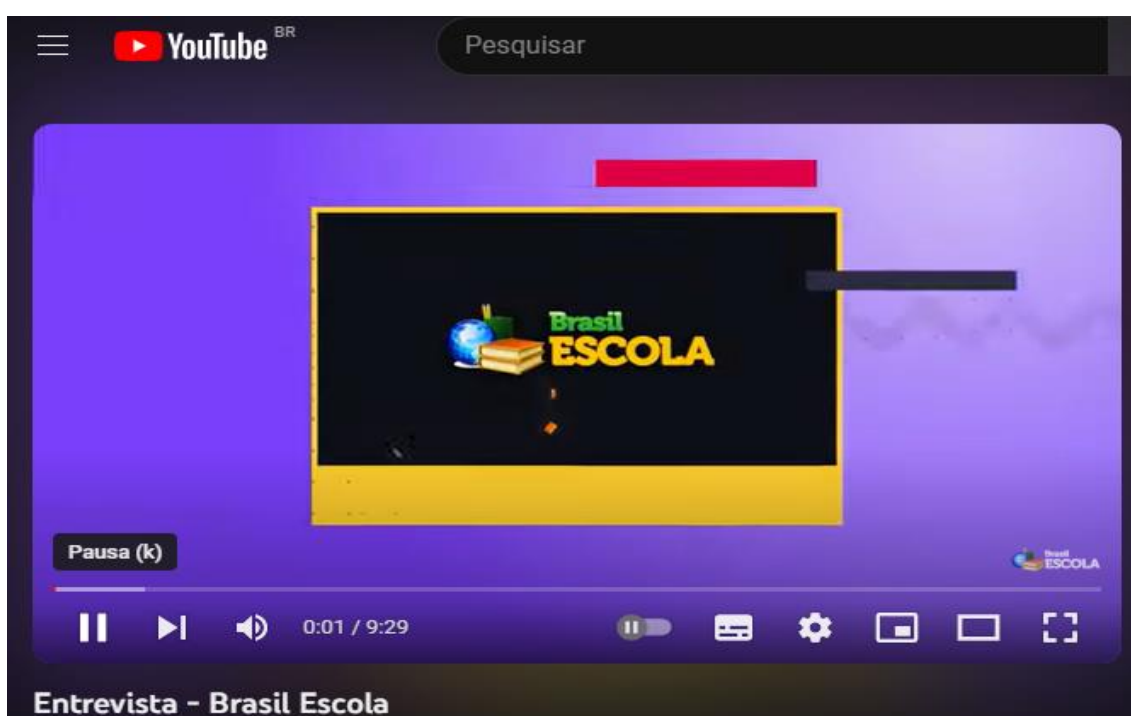


Fonte: disponível em https://www.youtube.com/watch?v=EI8K_DFoaA4 Acesso: em 20 de junho 2023.



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gSDsYNBGUV4> Acesso: em 20 de junho 2023.

Vídeo usado para construção da entrevista (módulo 7 da sequência didática)



Fonte: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rvZPMj9Iwyc> Acesso: em 20 de junho 2023.

ANEXO C - atividade trabalhada no módulo 5 da sequência didática

11.1 Atividades

I. Verifique o sentido dos operadores argumentativos em negrito nos textos. Numere os parênteses de acordo com o código, indicando a relação estabelecida entre os enunciados.

- | | |
|---------------------------|---------------------|
| (01) adição | (09) conformidade |
| (02) finalidade | (10) conclusão |
| (03) causa e consequência | (11) alternância |
| (04) explicação | (12) comparação |
| (05) oposição | (13) esclarecimento |
| (06) condição | (14) inclusão |
| (07) tempo | (15) exclusão |
| (08) proporção | |

TEXTO 1: FIEL COMPANHEIRO

Quem já não se surpreendeu com a capacidade de o cão perceber a chegada do carro do dono antes que ele apareça?

Esta aptidão pode ser explicada pela apurada audição dos cães. Eles são capazes de detectar um som quatro vezes **mais** longe **do que** () nós, humanos. **Além disso**, () precisam de **apenas** () seis segundos para identificar de onde vem tal som.

O olfato é outro sentido extremamente desenvolvido nos cães. Eles têm 200 milhões de células receptoras de odores, contra apenas 5 milhões dos homens. **Por esse motivo**, () seu faro é 40 vezes **mais** eficiente **que** () o nosso. **Além dessas** células, () outros fatores tornam o olfato canino tão preciso.

Quando () o cachorro respira, o odor é capturado em uma mucosa espessa e () enviado ao cérebro. Ele pode identificar o mais leve aroma e transformá-lo em mensagem química para o cérebro, que tem boa parte de sua área dedicada à interpretação de cheiros. Outros odores **também** () são capturados pelo órgão vomeronasal, localizado próximo à boca do cão.

No que diz respeito à visão, o homem ganha de seu fiel companheiro. Os cães enxergam menos cores e com **menos** detalhes **que** () os humanos. Eles conseguem diferenciar tons de cinza, azul e amarelo, **mas** () não são capazes de distinguir o vermelho do verde e do laranja. Em compensação, a visão lateral dos bichos é mais eficiente. Eles também têm uma terceira pálpebra, que ajuda a manter os olhos limpos.

Para os cães, cheirar pode ser **mais** gostoso **do que** () comer. Eles têm, em média, um quinto das papilas gustativas do homem. **Assim**, () conseguem diferenciar sensações de salgado, doce, amargo e azedo. **Por isso**, () o que os atrai para a comida, primeiramente, é o cheiro. **Só** () depois os cerca de 2.000 receptores de sabor, localizados na parte posterior da língua, entram em ação.

O cérebro canino corresponde a apenas 0,5% do peso total do animal, mas recebe 20% do sangue bombeado pelo coração. Isso **porque**, () **apesar de** () pequeno, sintetiza e interpreta as informações coletadas primordialmente pelo olfato, cujo processamento ocupa grande parte do cérebro. Em menor escala e com menos precisão, também interpreta os sinais enviados pela audição, paladar, tato e visão ("FIEL companheiro". *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 10 dez. 2008. *Correio sabe-tudo*, p. 15).

TEXTO 2: BICHOS DORMEM DE FORMAS DIVERSAS

Todos os animais dormem?

Se () pensarmos naquele soninho que fazemos diariamente, a resposta é não. Sono **como** () conhecemos **só** () existe em mamíferos, aves e alguns vertebrados. E, **mesmo** () entre estes animais, o sono varia muito, **conforme** () a anatomia, a fisiologia e () a necessidade de adaptação do animal ao ambiente em que vive.

Muitos animais não podem dormir em sono profundo **como** () os humanos **porque**, () certamente, seriam presas fáceis para os predadores. **Assim**, () eles possuem vários mecanismos para permanecerem vigilantes. A girafa, por exemplo, geralmente dorme em pé e, só em ocasiões muito especiais, **quando** () se sente completamente segura, deita-se no chão **para** () descansar.

Outros animais, como as aves e alguns mamíferos aquáticos (como baleias e golfinhos), têm o chamado descanso unilateral do cérebro, **ou seja**, () enquanto um lado do cérebro dorme, o outro lado permanece atento.

Esse estado de semiconsciência é que evita que as aves relaxem totalmente a ponto de despencar da árvore durante o sono. É **também** () responsável por não deixar golfinhos e baleias morrerem sufocados enquanto dormem, **já que** () eles precisam estar ao menos parcialmente conscientes para subir à superfície e respirar (XÔ, preguiça. *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 18 jun. 2008. *Correio sabe-tudo*, p. 15).

II. Empregue o operador argumentativo conforme o sentido indicado.

TEXTO 1: CURIOSIDADES DO MUNDO ANIMAL

A zebra é branca com listras pretas ou preta com listras brancas?

_____ (conformidade) os biólogos, as zebras são brancas com listras pretas, e não o contrário. A informação pode ser confirmada observando-se a barriga da zebra de grevy (*eqqus grevy*), que é toda branca, com as estreitas listras pretas cobrindo o resto do corpo.

Os exemplares da espécie não são iguais. Cada indivíduo tem seu padrão diferente de listras, similares às digitais dos seres humanos, às pintas das girafas ou às listras dos tigres.

As listras das zebras são excelentes para a camuflagem. _____ (tempo) elas andam em grupo, o preto e o branco dificultam a visão do seu principal predador, o leão. "_____ (tempo) percebem a presença do predador, elas correm em

grupo de um lado para o outro, fazendo com que o leão, que enxerga em preto e branco, não consiga determinar a sua posição exata. Ele não sabe onde começa ou termina uma zebra. Normalmente ele acaba errando o bote _____ (*causa*) não identificar o animal que irá atacar”, informa o biólogo Guilherme Domenichelli, da Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

_____ (*comparação*) o cavalo, seu parente próximo, a zebra é muito ágil, o que lhe facilita a fuga do seu predador, que precisa atacar direto em seu pescoço _____ (*finalidade*) imobilizá-la. No contato com outros animais ou pessoas, ao contrário dos cavalos, elas são bem selvagens, podendo até morder ou dar coices, _____ (*oposição*) a primeira reação é fugir (“CURIOSIDADES do mundo animal” *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 23 abr. 2008. *Correio sabe-tudo*, p. 15).

TEXTO 2: MORCEGOS VIVEM DE CABEÇA PARA BAIXO

Por que os morcegos ficam de cabeça para baixo?

Essa posição facilita a saída para o voo. Várias estruturas desses animais sofreram mudanças durante sua evolução, em um período de cerca de 50 milhões de anos, _____ (*finalidade*) adquirissem o hábito de voar.

Os morcegos se desprendem do local onde estão, abrem as asas, planam e, _____ (*tempo*), batem as asas. _____ (*finalidade*) esses animais possam ficar de cabeça para baixo por longos períodos, houve a rotação em 180 graus dos seus membros inferiores: _____ (*esclarecimento*), as plantas dos pés desses animais se voltaram para frente.

A circulação do sangue _____ (*inclusão*) foi modificada. Artérias e veias têm válvulas que, ao serem contraídas, fazem o sangue circular para cima, o que garante que todos os órgãos do corpo recebam oxigênio _____ (*inclusão*) quando ele está de cabeça para baixo.

_____ (*adição*), os tendões permitem que os morcegos prendam-se firmemente pelas garras dos pés a qualquer lugar. Os morcegos podem ser encontrados pendurados de cabeça para baixo _____ (*inclusão*) quando estão mortos. A musculatura e a força imposta pelos tendões permanecem mesmo após a morte. É _____ (*adição*) nessa posição que os morcegos têm seus filhotes (“CURIOSIDADES do mundo animal”. *Correio Riograndense*, Caxias do Sul, 23 abr. 2008. *Correio sabe-tudo*, p. 15).

III. Empregue o operador argumentativo adequado, observando a relação de sentido.

- A vida é um milagre, _____ viver é uma graça. (*conclusão*)
- As rosas não falam, _____ exalam perfume. (*oposição*)
- Desde pequeno eu leio, _____ escrevo bem. (*causa e consequência*)
- Terás sucesso na vida, _____ te esforçares. (*condição*)

- e) *Próspero* é uma palavra proparoxítona, _____ é acentuada. (*conclusão*)
- f) Alimentar-se de forma incorreta causa problemas _____ graves _____ o vício do fumo. (*comparação*)
- g) _____ Frei Galvão, é preciso ser forte, ter coragem, viver em união e confiar na Providência Divina. (*conformidade*)
- h) _____ estudas, _____ não atingirás teus objetivos. (*alternativos*)
- i) Ele entrou, tirou o casaco, sentou na cadeira _____ pegou o livro. (*adição*)
- j) Já era primavera _____ voltou da viagem. (*tempo*)
- k) Fiz tudo _____ melhorasse sua argumentação. (*finalidade*)
- l) O elogio tem valor _____ quando somos sinceros. (*exclusão*)
- m) Todos os deputados estaduais estavam presentes, _____ o Ministro da Educação. (*inclusão*)

IV. Articule as sentenças que seguem em um só parágrafo, empregando no mínimo dois operadores argumentativos. Evite as repetições.

- 1- a) A mente move montanhas.
b) O indivíduo é um ímã.
c) O indivíduo atrai o que deseja.
d) Uma atitude otimista contribui para o sucesso pessoal.
- 2- a) O pensamento positivo funciona.
b) Você não vai enriquecer do dia para a noite.
c) Uma atitude positiva traz benefícios ao organismo.
- 3- a) A ciência, de um modo geral, desconfia das teorias sobre o pensamento positivo.
b) Faltam trabalhos acadêmicos que comprovem as teorias sobre o pensamento positivo.
c) Há muitos relatos de pessoas que afirmam ter obtido sucesso usando o poder do pensamento positivo.